

REVISTA DA SEMANA

N.º 23

Cr\$ 3,000 em todo o Brasil

4-6-49

AMERICAN
RICHARD
COMPTON





Os Gigantes Curvados à Beira do Cais...

Pesados, bojudos, plantados com seus pés de aço sobre trilhos por onde deslizam, os guindastes à beira do cais se assemelham, na postura de trabalho em que sempre vivem, a velhos gigantes curvados. Não neguemos, porém, sua importância. Por eles passam, sobem ou descem as riquezas de uma nação. Para movimentá-los, ou garantir seu bom funcionamento, usam-se produtos petrolíferos. Também no próprio bojo dos navios, ou nos trens de beira de cais, como nos comboios das vias de penetração, os produtos petrolíferos servem o Brasil. As proporções quase astronômicas em que cresceu o consumo de produtos petrolíferos no país levaram a Organização Esso a desdobrar-se em atividades, para atender todas as indústrias, todos os sistemas de comunicações, todas as tarefas que exigem qualquer um de seus produtos, onde quer que sejam necessários.



*Esso a serviço
do Progresso*

★
**STANDARD
OIL COMPANY
OF BRAZIL**

VIAGEM

SETE da manhã. Céu duro de nuvens côr de borralho. Que traria este novo dia? Alguém poderia saber? Mas todos faziam conjecturas. "Chove. Não chove. Ao meio-dia abre sol. Aposto que isso é frio! Não, não chove! Em que lua estamos?". Só no que não se pensava era em desastre. Penso que não há mais; porque as senhoras tôdas estavam muito calmas.

Vinham chegando, as velhas carregadas de cestas (e as cestas provavelmente cheias de bolos, pudins, biscoito de raminho, bolinhos de camarão), os velhos com um cigarro de palha, fiapento, atrás da orelha ou entre dedos grossos, crianças bocejando reclamações, e mocinhas muito pintadas, com maletas bonitas, lançando olhares maliciosos por entre os carregadores para atingir algum mocinho de bigode atraente. E os moços, parados ao longo das paredes, recebendo olhares como tributos merecidos. E depois os carregadores ("Olha a frente!") e as malas, iguais aos donos, diferentes, cada uma com sua personalidade de rica ou de pobre, de elegante ou de vulgar, de cotidiana ou de recém-comprada, ou tôda emproada na importância dos rótulos de lindos hotéis e de companhias de aviação, — os nomes mais estranhos e por isso mais fascinantes.

Então a locomotiva chegou, arrastando, entre gemidos contínuos, uma fila de carros, como se fosse uma pobre mãe, pelas ruas da cidade a puxar uma porção de filhos, uns agarrados às mãos dos outros.

E os adeuses... A ruiva que beijou, beijou, muito, o rapaz moreno de lábios trêmulos e olhos grandes e que depois, da janelinha, à última batida do sino, agarrou-se às suas mãos como se não as quisesse largar nunca mais. Como se elas fossem amarras que a prendessem ao mais lindo pôrto do mundo. E as lágrimas da velhinha, correndo por entre sulcos, como a água das enxurradas na terra lavrada. E um senhor muito sério limpando no lenço os óculos embaciados. E os adeuses... Lenços... Não! Mãos! Agitadas, frementes, ansiosas, abanando sempre, querendo deixar gravado no coração da gente aquele abanô choroso e prolongado como lágrimas. E o trem sumindo... e a estação sumindo... e os adeuses também. E a terra fugindo do trem... o trem fugindo da terra; cada um na sua corrida vertiginosa, como se tivessem ódio um ao outro, depois de um breve amor.

★

Na segunda parada as velhas já começaram a abrir as cestas e a mastigar por entre risinhos e comentários (os comentários eram acompanhados por olhadelas e um espichar de lábios na direção da pessoa que era comentada quase em silêncio). Pelo trem a fora mocinhas tinham feito amizade com mocinhos e a viagem não lhes parecia monótona. Ah! Nem um pouquinho!

De vez em quando as velhas abriam maletas e bolsas, remexiam naquele conteúdo oculto, achavam um lenço, limpavam o rosto e continuavam mexendo, procurando; depois, com um suspiro de alívio, levantavam com os dedos, receosas, para olhar bem, o cartãozinho verde-amarelo da passagem. Algumas apalpavam algum pequeno volume escondido entre os seios. E sorriam. Estava ali! (Eram as que não confiavam em ninguém.)

O sorriso leve das mocinhas, o cochicho das velhas, a fala grossa dos homens, a conversa vagarosa dos padres, e as risadas pintadas de deboche dos quatro viajantes do fundo do carro formavam a voz do vagão. Nos outros carros era quase a mesma coisa, só que não havia padres. E as risadas eram de deboche genuíno.

★

Depois... depois veio a noite. Duas moças despediram seus companheiros, outras dormiram em seus ombros (e com tanta felicidade e tanto descanso que até parecia que justa e unicamente para isso haviam conquistado companheiros para a viagem inteira). Lá adiante os filhos dormiam no colo das mães sonolentas. E os maridos, aproveitando seus direitos, encostavam-se a elas com todo o peso de homem, quase tomando o lugar das crianças. E dormiam com gosto. Pesadamente. Roncadamente. A conversa do vagão mudou de tom. Agora se resumia na austeridade dos roncos e nas reticências das tossidas asmáticas. Sem mais nem menos uma criança rompeu num choro desconsolado. Ninguém fez nada. Todo mundo estava dominado pelo sono pegajoso que o escuro trouxera de manso para dentro do trem inteiro. O trem ia engolindo os trilhos e, feito criança mal educada, fazia barulho ao mastigá-los. De vez em vez ele passava por estações pintadas com o nanquim da noite e com uma estrêla pequenina pendurada na porta para fazer luz. Por trás dos vidros e dentro da noite, assim, numa corrida quase fantástica, para aquela gente muito triste da estaçãozinha os viajantes eram fantasias intoleráveis, tentações, luxo, beleza, que vinham enchê-los de raiva, de revolta, de inveja. E eles, para a gente do trem, eram terríveis espectros da miséria, sujeira, solidão e amargura.

3 da madrugada. Noite escura. Negra. Mais que negra! Tôda a gente dormindo. E a locomotiva correndo, barulhenta, era um monstro terrível, tão terrível que ia semeando com muita pressa milhões de boi-tatás de brasa ao longo da estrada e na beira dos barrancos escuros de noite.

THEREZA DE ALMEIDA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

Viagem (Thereza de Almeida)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
Correio da REVISTA	48

REPORTAGENS

Ballet aquático	4/6
O presidente do Brasil nos Estados Unidos	55/58
As grandes figuras do Sul-Americano (Levy Kleiman-Charles Guimarães)	32/39

CARICATURA

"Mascote" (Théo)	7
Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	16

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

CINEMA

Cine-revista	14/15
--------------------	-------

BIOGRAFIA

A vida de Banting	18
-------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
A pelerine	20
Vestidos caseiros	21
Detalhes e novidades	23
O amor é assim	23
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24
Interiores	24
Elegância infantil	25
Mães e filhos	25
Tarde	26
O tailleur e suas blusas	27
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	28
Cabeças modernas	28
Chapéus de Paris	29
Week-end na cozinha	29
Gala	40
Simplicidade	42

CONTOS

Os sabotadores (Ildeu Brandão)	22
Um homem distraído (Maria Adelaide Miranda)	30

RÁDIO

Broadcast	43
-----------------	----

NOVELA

Aquela que foi a mais querida (Laura San Lucas)	44
---	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	46
---	----

TEATRO (José Fomm)	48
--------------------------	----

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)	47
---------------------------------------	----

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)	49
-----------------------------------	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

ILUSTRADORES

Renato Souza
A. Pacheco
Orlando Matos

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Jacqueline White, encantadora "estrelinha" loura da R.K.O., é uma personalidade que pouco a pouco vem se impondo no ambiente cinematográfico de Hollywood. Suas últimas atuações na tela foram "Mistério no México", com Ricardo Cortez, e "A casa maldita", com Phillip Terry.

(Foto R.K.O.)



Piedade Coutinho, à esquerda, trajando uma roupa de banho a século XIX ao lado de uma perigosa sereia das piscinas e praias da atualidade sem preconceito



Jovens nadadoras na piscina do "Grajau Tênis Clube" formando um grupo de fantasia aquática, com suas esferas de borracha, emoldurando o local em que suas companheiras que integravam o "ballet aquático" iam deslumbrar a assistência com as mais belas evoluções daquela noite memorável de 21 de maio passado

REVESTIU-SE de grande gala a inauguração do "Grajau Tênis Clube" a 21 de maio último, destacando-se do programa dos festejos, os belíssimos números de parada aquática, gênero esportivo ainda pouco conhecido entre nós.

Costumamos ver em filmes norte-americanos as evoluções da famosa sereia das piscinas californianas, hoje "estrela" de cinema, "Esther Williams, a encantar as plateias com sua admirável plástica e a elegância de seus triunfos natatórios. De quando em quando os filmes de Hollywood nos mostram Miss Williams e todo o seu cortejo de náiades a desfilar à tona

"BALLET" AQUÁTICO

das águas como se fossem personagens mitológicas de um mundo singularmente belo. Também há entre nós nadadoras de inigualável encantamento, tanto na plástica perfeita como na habilidade de compôr o mais admirável ballet aquático.

Um grupo de jovens de nossos clubes desportivos, sob a direção da educadora

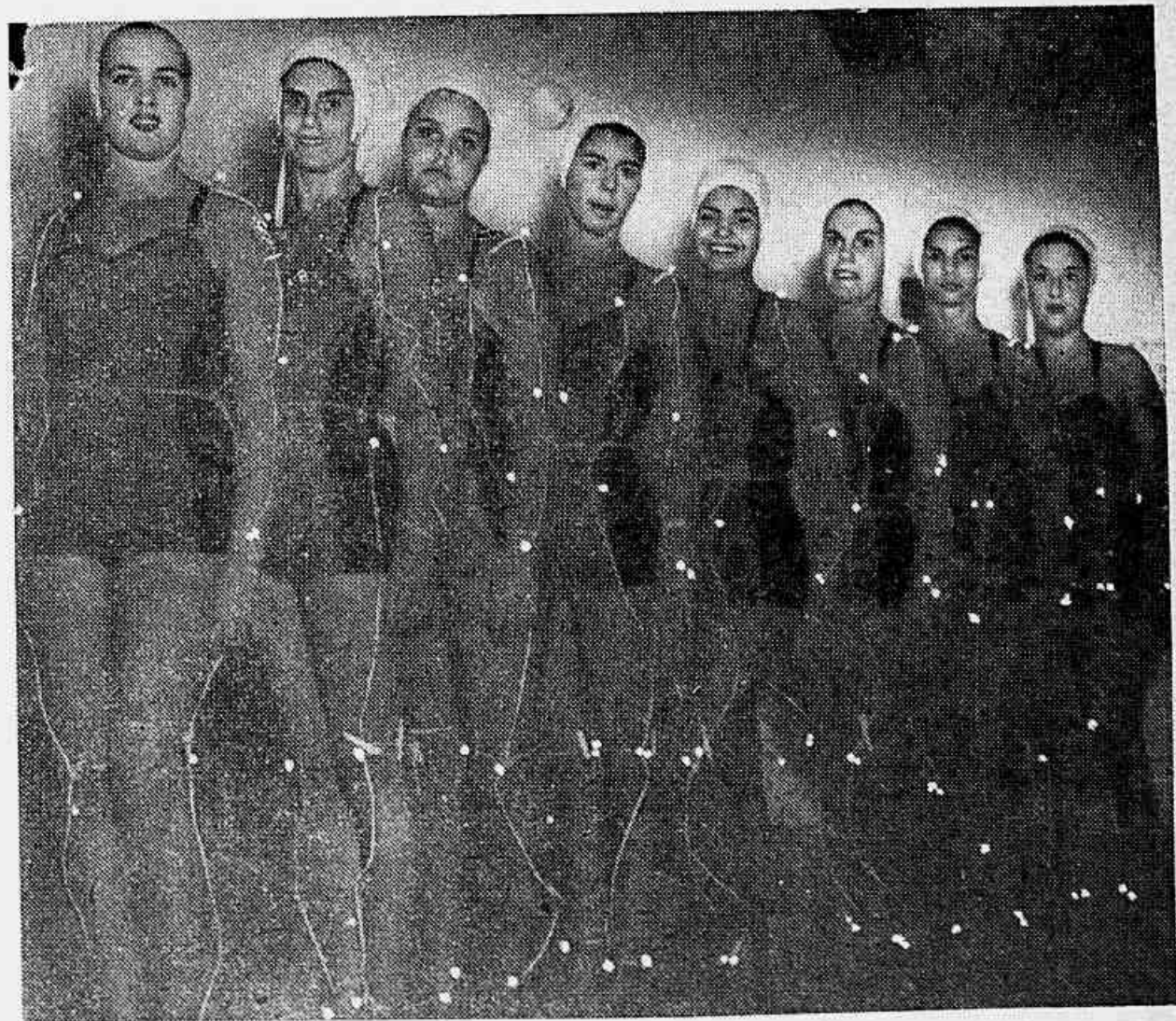
Crisca Jane Cotton, da Escola Nacional de Educação Física, ex-campeã carioca, brasileira e sul-americana de atletismo, arrancou aplausos da grande assistência que compareceu à inauguração da piscina daquele clube, demonstrando uma técnica espetacularmente cinematográfica, digna dos mais justos elogios.

Evolucionando à flôr d'água com a graça de campeãs em todos os seus movimentos rítmicos, formavam rosáceas, "grades", círculos perfeitos, tudo dentro da mais bela harmonia, ornamentando as figuras desse encantador ballet aquático com os florões alvíssimos como repuxos provocados pelos pés.

Para dar maior vivacidade e graça à festa, exibiram-se ainda, com grande sucesso, os "aqualoucos" com suas piruetas, provocando gargalhadas e momentos de excelente humor. Não se trata de profissionais e sim de amadores cujo êxito



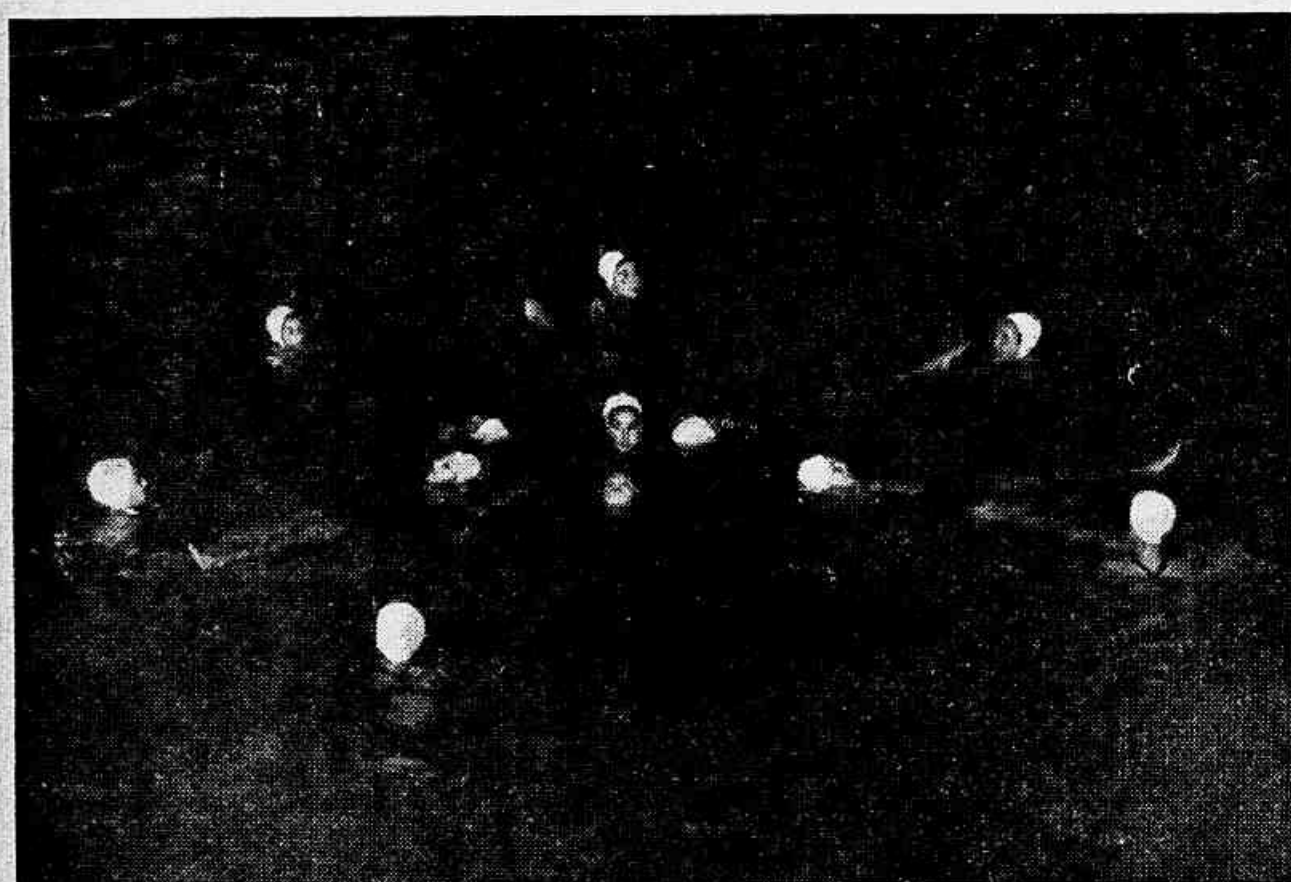
Desportistas de nossos clubes, vendo-se dentre elas a famosa Piedade Coutinho, numa parada histórica do "maillot" de ontem e o de hoje, cada qual marcando uma época nos costumes e modas do mundo feminino



Visão surpreendente das nadadoras iluminadas, antes de entrar n'água, no escuro, para, em seguida, formar na piscina as iniciais G. T. C. em homenagem ao clube, fazendo depois evoluções luminosas de grande efeito

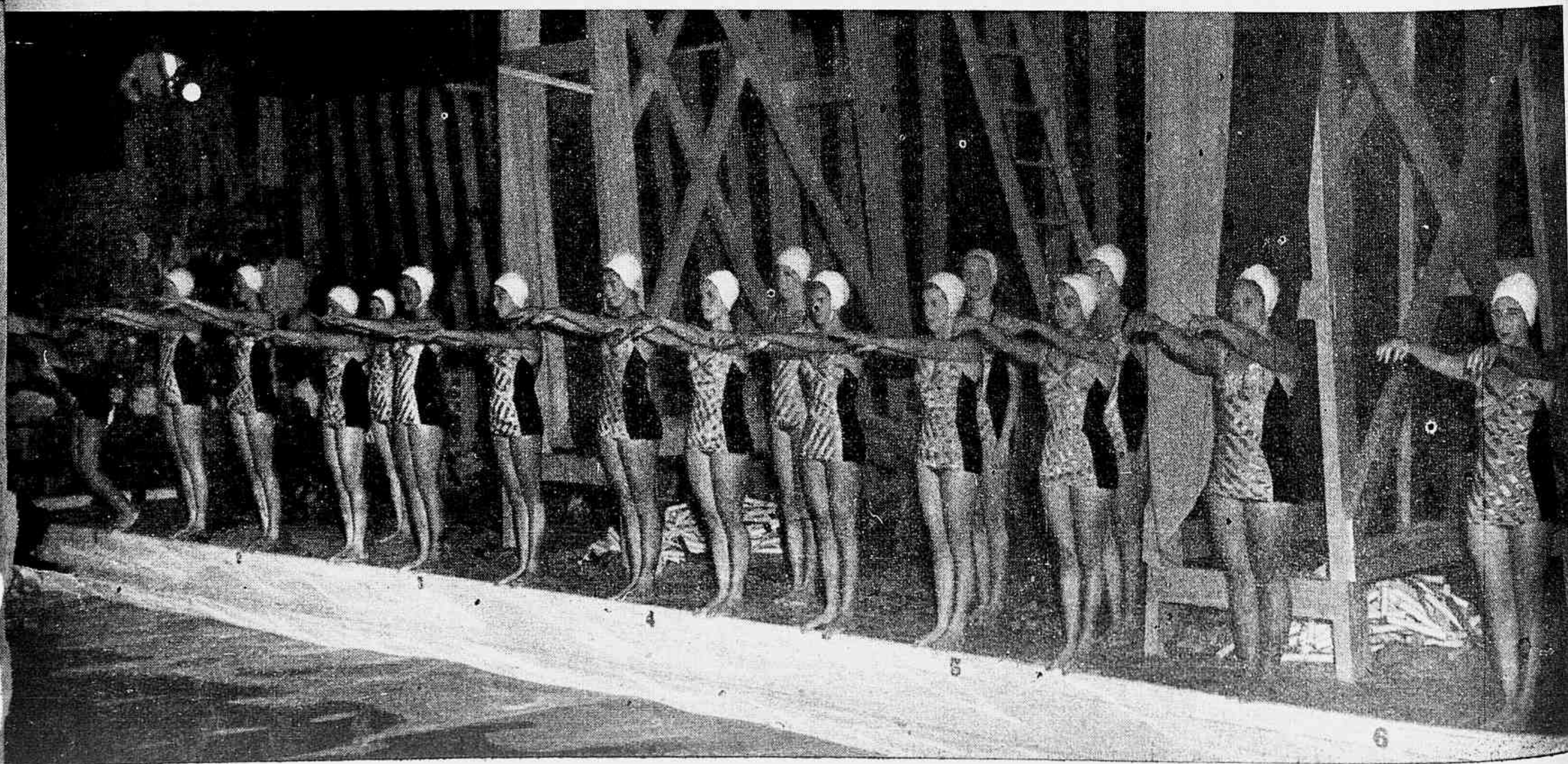


Demonstrações espetaculares dos "aqualoucos", numa parada de loucura aquática de grande sucesso provocando hilaridade.



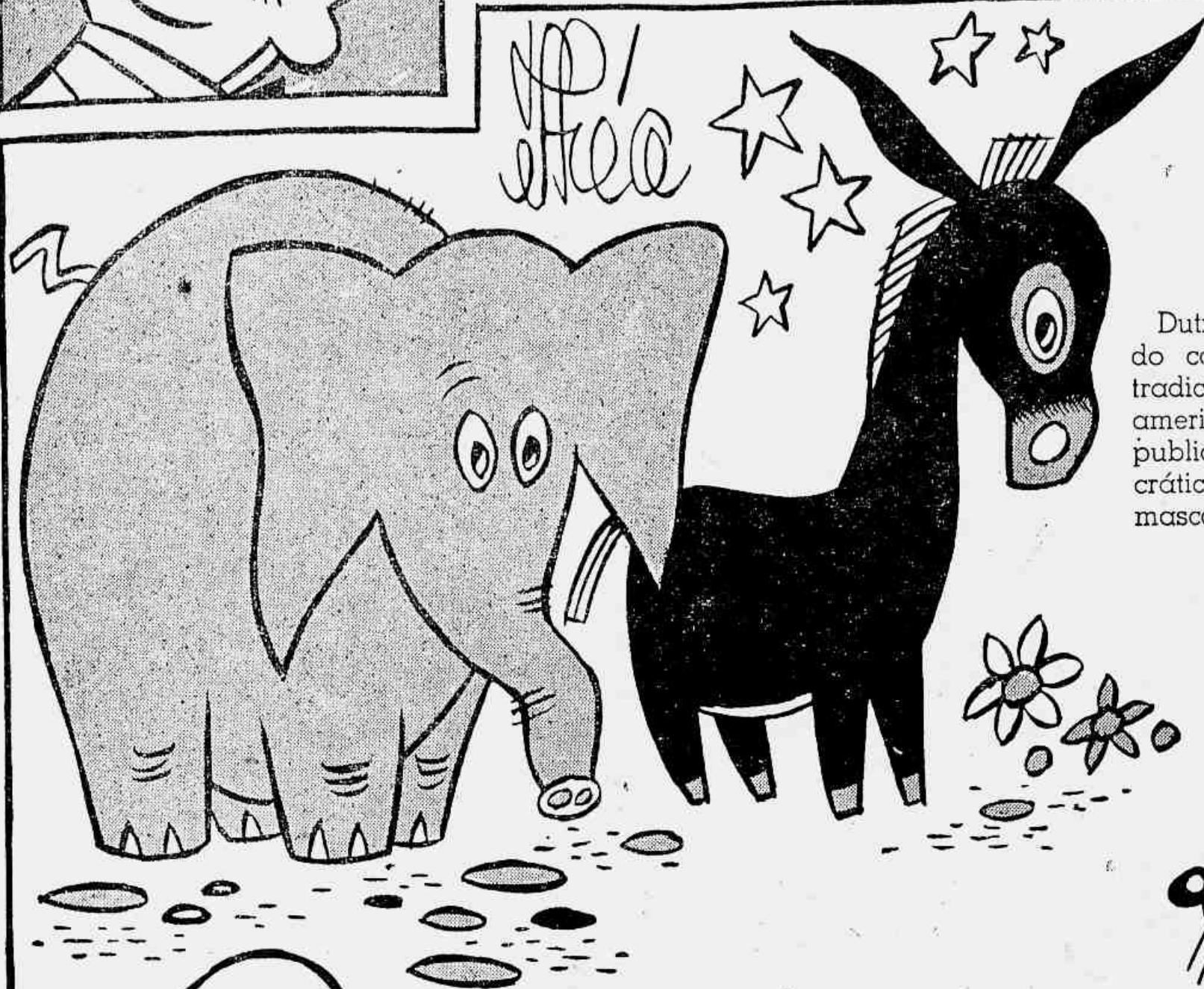
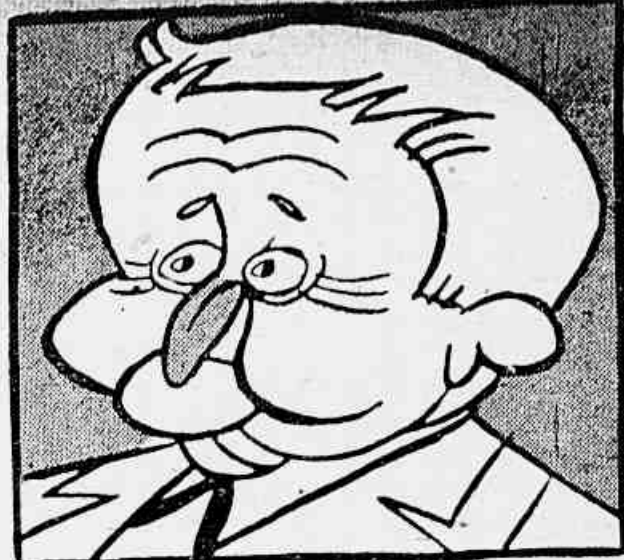
Cenas empolgantes de evoluções do "ballet aquático na inauguração da piscina do Grajau Tênis Clube, com as nadadoras formando figuras geométricas de belo efeito.

Nadadoras em fila à beira da piscina, quando iniciavam um dos números de natação e figuras geométricas que tantos aplausos arrancaram

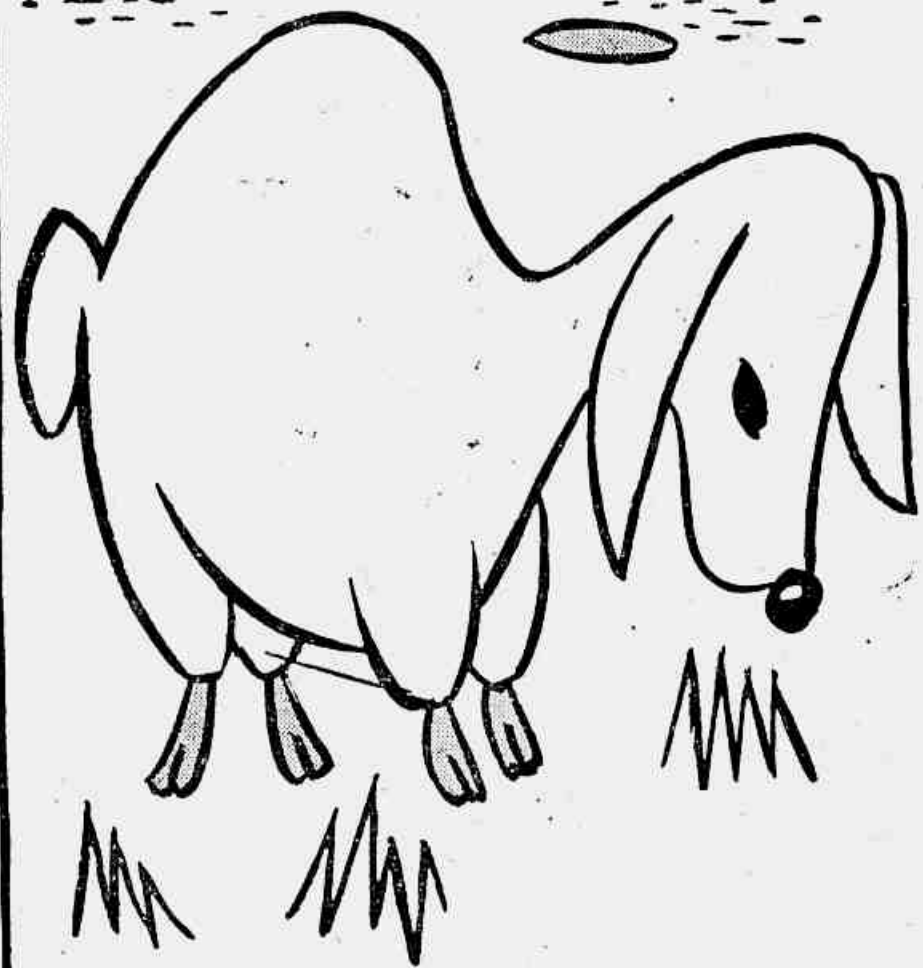




MASCOTTE



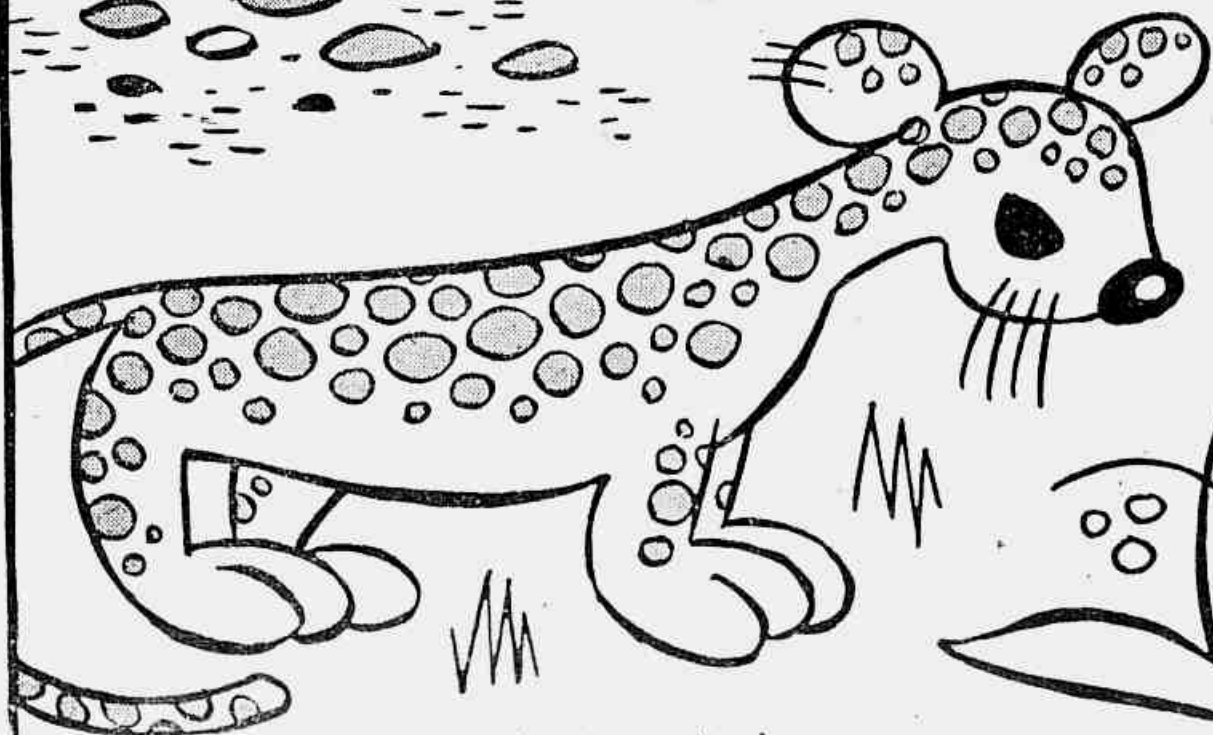
Dutra ficou impressionado com as mascotes dos tradicionais partidos norte-americanos: o elefante republicano e o jericó democrático. E se arranjássemos mascotes para os nossos...



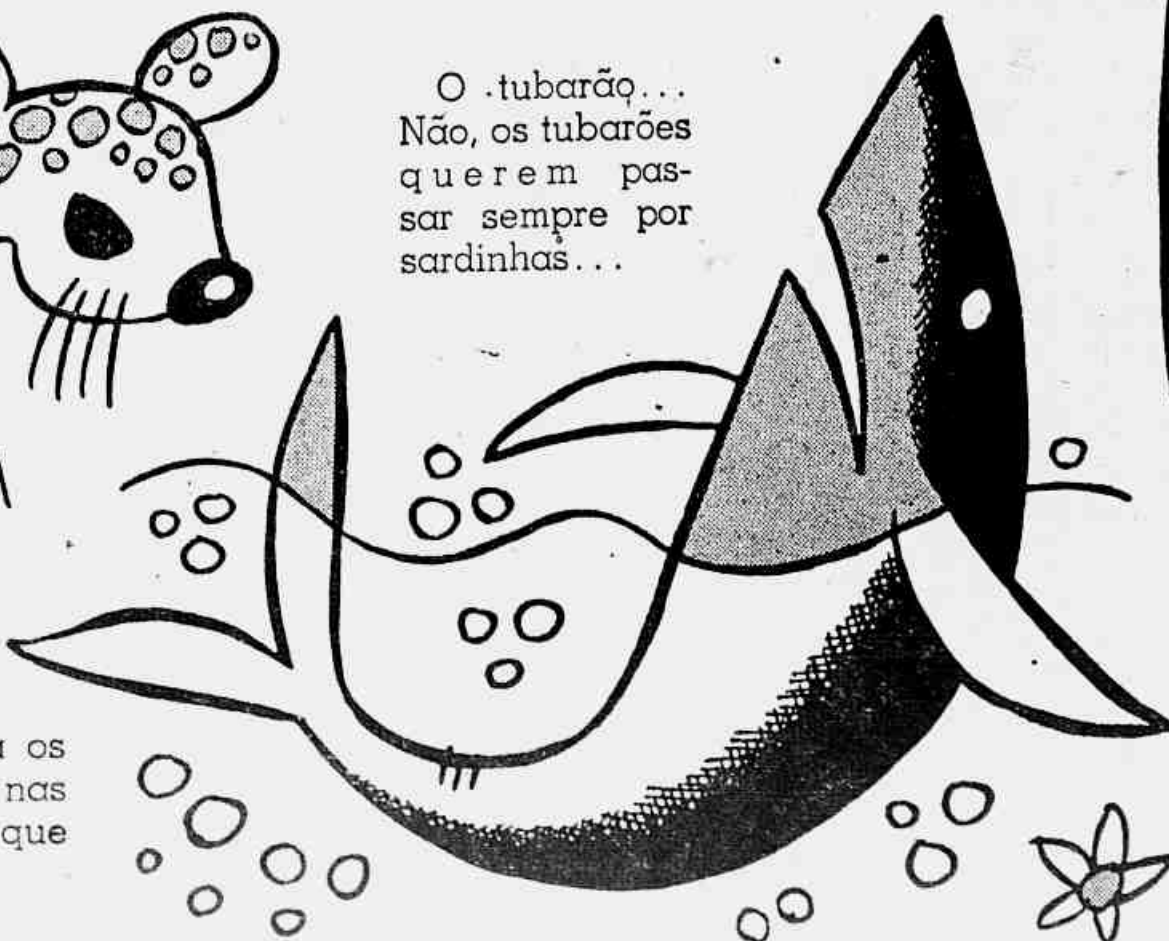
...partidos? O carneiro é o símbolo da velha camarilha da 1ª República. O canguru ficará bem para um partido que fala muito de sua **bolsa**... A toupeira seria a mascote dos totalitários em sua funesta ação subterrânea...



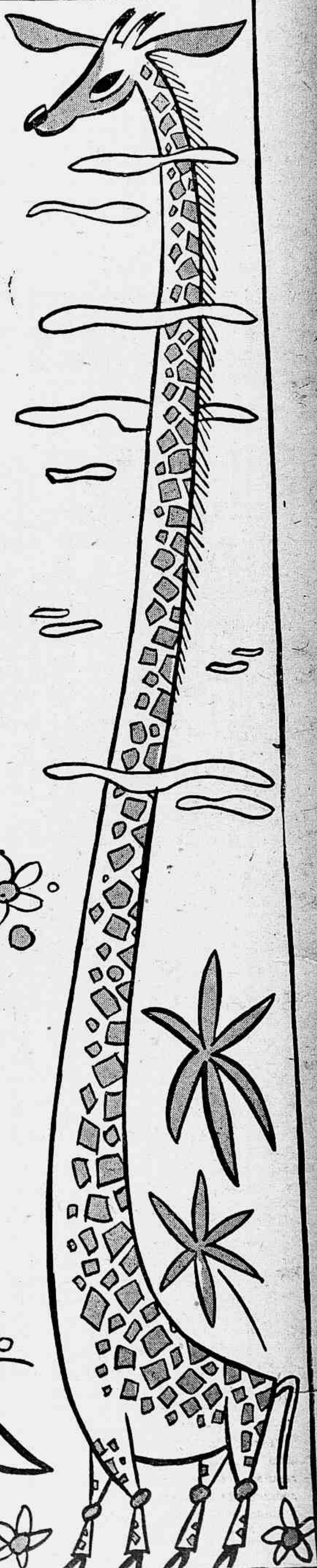
A onça, reunindo os seus numerosíssimos amigos, seria bem o símbolo do politiquês profissional brasileiro.



O tubarão... Não, os tubarões querem passar sempre por sardinhas...



E a girafa ficaria muito bem para os sonhadores que vivem com a cabeça nas nuvens, ou para os aproveitadores que comem alto...





O sr. Edmundo Barreto Pinto, representante do Partido Trabalhista Brasileiro pelo Distrito Federal junto à Câmara dos Deputados, começou a divulgar as suas "Memórias" num dos diários desta Capital.

Essas "Memórias" se referiam não somente ao representante petebista — aspectos de sua vida pública e também de sua vida privada — como ainda invadiam a vida pública e tocavam na vida privada de figuras da atualidade: políticos, homens de negócios, etc. E acusações diversas eram, por sua vez, formuladas por ele ao Poder Legislativo Federal e a autoridades.

O assunto, como é natural, passou a interessar a opinião pública, havendo até receios de graves incidentes pessoais com o sr. Barreto Pinto.

Repercutindo no seio do Parlamento a atitude do delegado trabalhista junto à Câmara, começou a preocupar os líderes e a própria mesa. A essa altura, a medida extrema — a cassação do seu mandato — foi sugerida como solução para o grave caso.



Realmente, iniciado na Câmara dos Deputados o processo de cassação, teve este parecer favorável da comissão respectiva, não tendo o acusado oferecido defesa.

E, no dia vinte e oito do mês próximo findo, em sessão secreta, cujo resultado era aguardado com ansiedade incomum por todas as classes, resolveu a Câmara cassar o mandato do deputado trabalhista.

O fato já ocorrera no Brasil em 1831 — a cassação do mandato do marquês de Aracati por ter-se ele ausentado do País sem licença do Poder Legislativo.

A sessão em que a Câmara eliminou o sr. Barreto Pinto foi relativamente tranquila e se prolongou até as vinte e três horas, tendo-se verificado na apuração o seguinte resultado: pela cassação, 204 votos; contra, 46, e em branco dois votos.

Os votos foram colhidos em cabine indecifrável, e a decisão se baseou no parágrafo segundo do artigo quarenta e oito da Constituição Federal, que diz, textualmente, o seguinte:

"Perderá igualmente o mandato o deputado ou senador cujo procedimento seja reputado, pelo voto de dois terços dos membros de sua Câmara, incompatível com o decóro parlamentar".

a SEMANA EM REVISTA

CEGOS DE GÊNIO

Muita gente neste Rio de Janeiro já foi ver e admirar a musa do famoso cego Aderaldo em suas tertúlias com o companheiro Domingos Ferreira, célebre violonista dos sertões do Nordeste. Mas o que ninguém sabe é que o cego Aderaldo está aqui na Cidade Maravilhosa hospedado em modestíssima pensão na rua Dois de Dezembro, em companhia do seu neto adotivo que o acompanha ao violino, e se acha em face de terrível problema: o de pagar sua pensão. As audições têm sido gratuitas até agora, sob patrocínio de estações de rádio e da Comissão Nacional de Folk-lore. Mas mesmo os cegos e poetas precisam viver, alimentando-se como qualquer um com vista normal. Os jornais sugeriram ao prefeito Mendes de Moraes um auxílio ao vate cego, sem amparo, sem maiores possibilidades de vencer as crises de numeração numa terra estranha. Não é só esse grande cego que luta com tais dificuldades. Outra vítima da fatalidade, a poetisa e folk-lorista cega Nena Machado, ora residindo num hotel da praça Tiradentes, também vive em permanente estado de dificuldades. Tendo perdido a visão de ambos os olhos quando muito criança, em virtude de uma queda que lhe ofendeu o nervo óptico, ao brincar num balanço no educandário em que estudava, essa intelectual, autora de livros, de música popular, grande intérprete de nossos poetas, declamadora e poetisa, anda por aí sem qualquer proteção do governo. Que os poderes públicos amparem os cegos, os nossos cegos geniais, livrando-os da caridade pública ou da venda de bilhetes nas esquinas.

★

MATANDO A MORTE

Não é de hoje que os sábios procuram um meio de prolongar a vida humana. É incontestável que o homem vive muito pouco. Nasce, vai crescendo e somente aos vinte anos começa a ter discernimento total da vida, juízo suficiente para tornar-se útil à sociedade, dedicar-se a uma carreira profissional. Mas nem sempre isso sucede aos vinte anos. Há milhares e milhares de pessoas que não criam juízo nem aos trinta ou quarenta. Assim, somente dos cinquenta em diante tem o homem mais firme poder sobre si mesmo, perde as paixões da mocidade, vê as coisas por um prisma diferente e harmonioso. Como a média da vida humana é de 55 a 60 anos, é claro que o homem vive muito pouco.

Em face desse problema ou injustiça da natureza, persistem os sábios na pesquisa de meios para prolongar-nos a existência. O professor J. André Thomas é um deles. Agora mesmo inventou um aparelho capaz de conservar artificialmente a vida dos órgãos e dos tecidos, permitindo aos animais e aos homens uma extensão miraculosa da vida. Esse aparelho permite uma circulação do sangue artificialmente, o que ele conseguiu depois de mais de dez anos de trabalhos e experiências exaustivas nos seus laboratórios de biologia celular. Valerá, porém, a pena prolongar a vida por mais dez, vinte ou cinquenta anos? Se o cérebro humano, com uma vida tão limitada, tem concorrido para dar à humanidade tanto dissabor, que seria de nós se passássemos a viver um século? É melhor deixar como está e abandonar de vez essa vocação para Matusalém...

★

EVA SE ORGANIZA

As vinte e trinta do dia 23 de maio último, realizou-se nesta capital a primeira reunião ordinária da Primeira Conferência Nacional de Mulheres. Hospeda o Rio, no momento, várias delegações femininas procedentes de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, etc., cada qual trazendo na pasta uma tese, uma recomendação, um programa para ser posto em prática ou discutido em plenário. A direção da Associação Feminina do Distrito Federal nomeou sua delegação à mesma Conferência, e está servindo de anfitriã às representantes dos Estados. Reina entre as mulheres a mais viva esperança, o mais justo entusiasmo quanto ao êxito desse Congresso, cujo temário encerra pontos da mais alta relevância para o progresso feminino neste país, onde certos preconceitos, heranças de um estado de civilização colonial, persistem no embaraçar da emancipação espiritual da mulher brasileira em vários ramos da civilização contemporânea. Há grandes problemas entre nós que exigem das mulheres um plano de trabalho e luta para a conquista de seus direitos. Restrições jurídicas, sociais, funcionais, precisam ser estudadas à luz da evolução humana, tornando a mulher um elemento social mais eficiente, mais emancipado, sem os espantalhos de legislações que já não têm razão de ser nestas alturas do século XX. Eva se arregimentou e procura discutir os seus direitos, sem que tal reivindicação traga perturbações aos arraiais masculinos ou que venham comprometer a harmonia social ou da família. Esse Congresso Feminino é uma nota sensacional e dele deve sair muita sugestão digna de ser analisada pelos homens...

★

ALFABETIZAÇÃO

Constantemente nos vêm de S. Paulo telegramas e correspondências acerca do grande e generalizado movimento que naquele Estado se desenvolve em favor da alfabetização dos adultos. Já não causa mais sensação essa campanha; mas, segundo notícia que nos dá um vespertino carioca, há certos aspectos admiráveis nessa estímulos à emancipação nacional pela conquista de homens válidos através do curso primário. O mecânico sr. Antônio Moreira, residente na capital bandeirante, gosta, como qualquer mortal, de ir ao cinema. O filme interessava. Bons artistas, crítica favorável. Uma boa comédia que lhe divertisse o espírito já muito cheio de peças complicadas de sua profissão rude e exigente. Foi. Antes de começar a fita programada, ele viu projetado na tela um apelo feito pelo Serviço Estadual de Educação de Adultos, a fim de que voluntários se apresentassem para a cruzada nacional contra o analfabetismo. Ora, esse mecânico, quando servia no Exército, conquistara o posto de cabo pelo fato de ter-se dedicado a alfabetizar os recrutas. Logo que deixou o cinema foi apresentar-se ao S.E.E. de A. com a maior satisfação deste mundo. Esse homem merecia um prêmio. Pelo que já fez na caserna e pelo que está a fazer para arrancar das trevas da ignorância os adultos analfabetos de seu Estado. Homem de vocação para o magistério, como ele há centenas por todo este Brasil; mas... quem é que se atreve a seguir uma carreira muito bonita, evangélica, bela, dignificante, para viver na miséria, com problemas de dez cruzeiros?

★

É PROIBIDO RIR ASSIM

Muita gente não suporta uma gargalhada. É questão de temperamento. Entretanto o riso tem os seus cultores e até representantes na história e na filosofia. Quem não admira o riso bom e franco de um Demócrito? Porjaz Sampaio, no seu interessante livro de crônicas "Frota Vil", nos dá excelente capítulo sobre a virtude dos que sabem rir, dos que soltam cristalinhas gargalhadas; porém, como este mundo é mesmo desigual, há sempre pessoas que se irritam com as gargalhadas dos vizinhos. Uma dessas criaturas é o dr. Stanley Moffatt, que chegou a prender, em nome da lei, o sr. John G. Frazier, pelo simples motivo de haver despregado uma gostosa gargalhada num restaurante de Hutton Park onde o juiz costumava almoçar. John o irritou com o seu imenso rir e o dr. Moffatt, julgando que ele estivesse mofando, prendeu-o. Para justificar o ato policial, o juiz alegou que não é contra o riso, de um modo geral; mas aquela gargalhada de John Frazier não é de gente, lembrando gargalhada de girafa! Gargalhada de girafa... E nós que ignorávamos que girafa soubesse rir como qualquer papagaio! Somos ainda pobres em girafa, e talvez as duas que estão em nosso zoo não saibam rir bem, não apenas porque estejam muito isoladas, como pelo fato de sentir a saudade dos seus pagos natais. O juiz Moffatt, entretanto, se mantém firme em seu protesto contra a gargalhada tipo Frazier e levará à barra do tribunal todo aquele que o incomodar com tais expressões abusivas da tranquilidade pública. Mas o acusado tem estado sério, como que a dizer com seus botões: "Rir! melhor quem rir por último"...

★

O VERBO SALVADOR

Há nos anais de nosso Fôro Criminal, tanto aqui do Rio como em qualquer dos Estados, episódios ricos de imaginação, surpreendentes em face das habilidades de advogados senhores do seu mister. Mas este fato ocorrido recentemente nesta capital é um dos maiores. O promotor público da 8ª Vara Criminal denunciou o sr. Joaquim da Silva Neves, proprietário da Leitaria "Anjo do Céu", como incurso nas leis de contravenções penais, por ter transformado água em leite. Prêso por investigadores, foi defendido pelo inteligente e culto advogado Albino Lima que deu a todo mundo a mais curiosa lição de sofística judiciária...

Na formação do sumário esse advogado perguntou aos investigadores se eles tinham visto o acusado "oferecer" a qualquer frêguês o leite batizado. Não, foi a resposta dos policiais. E veio o despacho do juiz baseado naquele bem preparado ardl gramatical armado pelo causidico, pelo qual provou ele que, sendo o verbo "oferecer" de regime bi-transitivo, pois que exige duplo objeto, oferecer uma coisa a alguém, se o acusado havia oferecido leite com água, devia haver o segundo objeto, regido de preposição: esse alguém. Ora, como os investigadores confessaram que não tinham visto o contraventor oferecer o leite a ninguém, estava claro que a figura criminosa no processo resultava nula por falta desse alguém, o prejudicado, a vítima do réu... Faltando o complemento terminativo naquela oração, o infrator estava livre de culpa, ficando claro que o crime não é adicionar água ao leite e sim oferecê-lo a alguém! Estes advogados...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 23 — 4-6-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Enderço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS



Reunem-se os chanceleres das quatro grandes potências e realizam outra conferência sobre o problema alemão em caráter secreto. O delegado da missão russa propôs que se estudasse também a questão do tratado de paz com o Japão. Reina na nova Conferência dos Chanceleres uma atmosfera de otimismo. Foi distinguido com o título de doutor Honoris Causa pela Universidade de Fordham o general Dutra. Segundo estatísticas os norte-americanos estão consumindo mais café do que chá. Suicidou-se espetacularmente, atirando-se do seu quarto no hospital em que se achava em tratamento, o ex-secretário de Estado norte-americano, sr. James Forrestal. Continua alcançando o maior êxito a visita do presidente Dutra aos Estados Unidos. Retiraram-se os comunistas da cidade de Hankow, deixando-a sem administração civil alguma, o que determinou um saque geral pela população. Desembarcou no Rio uma delegação econômica portuguesa chefiada por um ex-ministro da Economia de Portugal. Prestou o governo norte-americano as maiores e mais significativas homenagens póstumas ao ex-secretário da Defesa James Forrestal, por ocasião do seu sepultamento. Inaugurou-se no Rio a Primeira Conferência Nacional Feminina, que reúne delegações de vários Estados. Desabou sobre a capital alagoana e várias cidades do interior situadas à margem dos rios a mais terrível catástrofe de que há memória ali, em virtude de chuvas intensas; calculam elevar-se a mais de duzentos mortos e desaparecidos com as enchentes no Estado de Alagoas. Foi apresentado à Câmara Federal um projeto de lei pedindo a extinção do SESI e de SESC sob a alegação de que essas duas organizações formam um corpo anômalo e ineficiente para a solução dos problemas sociais. Depois de estarem ameaçados de despejo pela Companhia proprietária do morro do Jacarezinho, os seus dez mil habitantes se sentiram aliviados com o decreto da Prefeitura do Distrito Federal que o desapropriou. O prefeito do Rio assinou decreto instituindo a Comissão de Desmonte e Urbanização do Morro de Santo Antônio. Com o terceiro jogo em S. Paulo, continua invicto nos gramados brasileiros o "team" do Arsenal, de Londres. Surgem os primeiros atritos entre os delegados do Ocidente e o delegado soviético, sr. Vishinsky, nos trabalhos e discussões da terceira sessão do Conselho dos Chanceleres das quatro grandes potências ora reunido em Paris. Foi delirantemente aclamado na cidade de Praga o nome de Stalin ao inaugurar-se o IX Congresso do Partido Comunista da Tchecoslováquia. Cercados por todos os lados, os defensores de Xangai abandonaram a cidade que caiu em poder das tropas comunistas. Os russos restabelecem, virtualmente, o antigo bloqueio de Berlim suspendendo os trens que vão do ocidente ao oriente. O general Dutra inspeciona as obras do vale do Tennessee. São presos em Moscou vários empregados da Embaixada britânica naquela cidade. Estão ameaçados de prisão o secretário da Justiça e o ajudante de secretário de Estado dos Estados Unidos, em virtude de suas recusas de apresentar provas no processo de espionagem dos comunistas naquele país em torno de segredos da bomba atômica. Os norte-americanos acusam os russos de terem violado o acordo de Nova York que suspendeu o bloqueio da capital germânica. Mobilizam-se recursos para socorrer as populações flageladas do Estado de Alagoas. Depois de várias sessões e confabulações parlamentares é cassado o mandato do deputado Barreto Pinto pela diferença de dois votos. O Brasil continua a liquidar os seus compromissos na Inglaterra. O presidente Gonzalez Videla procura evitar uma crise governamental no Chile. É denegado por unanimidade de votos o mandato de segurança requerido pelo ex-senador Carlos Prestes ao Supremo Tribunal Federal, contra o ato da mesa do Senado que lhe cassou o mandato de senador. Regressa ao Rio, depois de visitar os Estados Unidos, o general Gaspar Dutra. Declarou-se grande crise entre o governo da Tchecoslováquia e os bispos católicos daquele país acusados de deslealdade contra o Estado. Prosseguem os trabalhos entre os chanceleres dos Quatro Grandes para encontrar meios de restaurar a unidade política e econômica da Alemanha. Agravou-se a situação do abastecimento de Berlim pelas ferrovias em face da greve de 16 mil funcionários no setor soviético, estando todos os trens paralisados. As forças russas em Berlim vão realizar exercícios de tiro e combate aéreo no corredor de abastecimento utilizado pela aviação anglo-americana, o que criará dificuldades perigosas entre o leste e o oeste. Reúne-se em Havana a Conferência Econômica para a América Latina com vasto temário abrangendo todos os problemas continentais. Totalmente ocupada pelas tropas comunistas, a grande cidade de Xangai volta à normalidade. A Justiça inglesa não achou fundamento no pedido de extradição do comunista Eisler fugido dos Estados Unidos e detido na Inglaterra, tendo sido posto em liberdade. O secretário Geral da O.N.U., sr. Trygve Lie, declarou aos jornalistas que os membros das Nações Unidas que enviarem embaixadores a Madrid violarão o espírito da Carta desse organismo mundial. A revista norte-americana "Business Week" diz em seu último número que o governo de Truman está dividido a propósito da ajuda financeira ao Brasil. Por iniciativa do sr. Edwin Pawley, magnata norte-americano de petróleo, serão procedidas explorações petrolíferas submarinas na parte meridional do Golfo do México. Em sensacional partida de futebol no estádio de S. Januário, o Flamengo derrota o Arsenal pela contagem de 3x1. As dez horas de segunda-feira, 30 de maio, reassumiu o general Dutra as funções de presidente da República. Próceres do Partido Social Progressista de S. Paulo lançaram a candidatura do sr. Ademar de Barros à sucessão do general Dutra. Reuniram-se em Barra Mansa os produtores de leite do Estado do Rio e inauguraram um Congresso para tratar dos interesses da classe presidido pelo governador Macedo Soares. O consulado soviético cessou suas atividades em Xangai, o mesmo fazendo a Agência Tass, até que sejam estabelecidas relações diplomáticas normais entre Moscou e os comunistas chineses. Os mineiros de Catavi, na Bolívia, entraram em greve e se manifesta uma rebelião armada contra o governo legal daquele país. Estudam os meios financeiros norte-americanos uma solução para debelar a crise de dólares do Brasil.



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

SÃO JOÃO



dia 22

LOTERIA FEDERAL

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

TORRE DE BABEL

★

Versos de
LUCIANO GUALBERTO

★

Livraria Martins Editora
São Paulo
1949

mento. Não há como limitar-lhes a essência da vida nem o poder de expressão. Dirão sempre ou quase sempre as mesmas coisas, mas fazendo-as ouvir numa infinidade de sentidos eloquentes e de graças musicais. Onde possa parecer que exista pobreza ou balbúrdia de sons, o que há é incapacidade de compreender ou rebeldia de sentir as vozes imorredouras que cantam a beleza e transmitem a emoção. E não deveremos, neste caso, pensar em confusão babélica mas em ausência de poesia.

Não obedeceu a tal razão o batismo do presente livro; o autor quis apenas — e ainda bem — significar a diversidade dos motivos de inspiração e de comoção que ele encerra. Por isso mesmo o sr. Luciano Gualberto deixou de dar à obra qualquer organização metódica, por assuntos, datas, objetivos ou intenções. Absteve-se de dividir o volume, como geralmente se faz, em partes mais ou menos definidas, diferentes umas das outras. Assim o vemos passar seguidamente de um arroubo místico a uma "profissão de fé"; um pessimismo próximo do desespero; um conselho filosófico; um hino à virtuosidade de uma pianista; um surto de exaltação patriótica; um louvor aos Estados Unidos e "à mais perfeita das democracias"; uma "sinfonia proletária" — e assim, variadamente, pelas duzentas páginas do volume. Em todas estas há certa beleza a que se alia a virtude da espontaneidade. Vejamos o soneto com que terminam as páginas da "Profissão de fé":

Dar com a direita mas de tal maneira
Que da esquerda a moção fique escondida.
Ser bom só por ser bom, sem que se queira
A recompensa, nesta ou noutra vida.

Pela nossa medir a dor traiçoeira
Dos outros, de alma aberta e comovida,
Fazer o bem, mas com a certeza inteira
Que a humanidade é mal agradecida.

Dar o apoio ao que cai, o pão à fome,
Ao sofrimento o refrigério e ao triste
O alento, sempre se escondendo o nome.

E assim, envelhecer, tranquilo e forte,
Sabendo muito bem que nada existe
Na imensa noite que nos traz a morte.

★

ESCRITORES NA INTIMIDADE

★

Pesquisas e comentários de
RAIMUNDO DE MENEZES

★

Livraria Martins Editora
São Paulo
1949

ao máximo empenho de a definir e explicar. Trata-se evidentemente de um caso de generosidade da inteligência como do sentimento. Sem dúvida a tarefa a que o sr. Menezes se entrega lhe dá de proporcionar delicada, rara satisfação. Sente-se bem o prazer com que a empreende sempre, sem olhar às dificuldades que lhe encontre, o tempo que lhe exija, o esforço que lhe custe a sua realização. Em geral o animo a nobre tendência de admirar. Assim é que, nestas páginas, só excepcionalmente se encontra pormenor ou traço a que não corresponda a intenção de louvar. E não houve, que se pudesse vir a notar aqui, o propósito lisonjeiro — tanto mais que se trata sempre de homens falecidos ou sem poderio capaz de despertar o feto interesseiro. Neste homem de letras, e bem ao contrário do que se usa dizer da classe, o elogio decorre com verdadeira espontaneidade. E até nos episódios mais acentuadamente anedóticos a superioridade intelectual ou moral do indivíduo se afirma, por via de regra, sem restrições.

São em número de quarenta e sete os vultos literários distribuídos por estas trezentas e vinte páginas. O mais antigo é Gonçalves Dias e o mais

Nesta torre de Babel não se falam, propriamente, várias línguas. O idioma, a bem dizer, é só um. E eterno. Nele se entendem ainda, e sempre se entenderão, os deuses com quem Ovídio conviveu e todos os séres criados, alimentados, multiplicados pela Imaginação e o Sentimento.

recentemente desaparecido talvez Goulart de Andrade ou Jackson de Figueiredo. Quatorze fizeram parte da Academia Brasileira de Letras: Artur e Aluísio Azevedo, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Amadeu Amaral, Afrânio Peixoto, Capistrano de Abreu, Carlos de Laet, Eduardo Prado, Euclides da Cunha, Garcia Redondo, Goulart de Andrade, João Ribeiro e João do Rio. E como, observada a ordem cronológica, a presente relação pára na letra J, certamente haverá mais um ou vários tomos, o que realmente é de esperar e desejar.

Alguns reparos pode, a rigor, sofrer o livro, quer como informação ou apreciação, quer como exigência de boa linguagem: Ronald de Carvalho passa por membro da Academia Brasileira; Paula Ney é considerado "uma edição aumentada e melhorada" do sapiente e fulgurante Artur de Oliveira; o empresário Celestino Silva vem com o sobrenome de Silveira; e, no prefácio, se fala dos "que padeceram o martírológio (em vez de martírio) da dor". Como, porém, as obras do sr. Raimundo de Menezes não ficam na primeira edição, de certo os senões aqui existentes serão eliminados.

★

CONFIDENCIAS DE DONA MARCOLINA

★

Romance de
GALEÃO COUTINHO

★

Edições Saralva
São Paulo
1949

ções pitorescas e desopilantes anedotas. Quando a gente julga que as suas aventuras de bairro ou de subúrbio vão ter fim pela exaustão ou o cacete, a desmoralização ou a cadeia, tudo se arranja para que a narrativa recomece, "de plus belle". Novos episódios surgem, mais ou menos verossímeis ou inesperados, em todo caso interessantes. Herói de pouca monta, pouco fôlego e todavia incombatiível... Como se diz vulgarmente: ninguém pode com a vida dele. Trava continuamente namoro ou, por meio desse eufemismo, se entende com espôsa de outros; moradoras defronte ou a qualquer distância; empregadinhas do comércio; moças cesadouras, mas sem nenhum jeito disso; atrizes, coristes, mulheres de circo — e, de vez em quando, o gênero "colored", para desenfastiar. E as suas vitórias se tornam tanto mais fáceis e seguras quanto é certo que, para elas, dona Marcolina concorre de corpo e alma.

Dona Marcolina constitui um tipo deliciosamente paradoxal de espôsa enganada, vítima porque o quer ser, gosta de o ser e não lhe agradaria deixar de o ser. Não podendo evitar as façanhas daquele frascário de meia tijela mas sem emenda possível, vários recursos naturalmente lhe assistiriam, como, por exemplo, pagar-lhe na mesma moeda; deitar-lhe veneno na comida; abandoná-lo de vez; em último caso, conformar-se. Não, senhores! A espôsa legítima de Simão o Caolho realmente se arvorou em sua companheira para a vida e para a morte. Não se quer vingar nem separar nem resignar. Quer continuar aqui, mesmo. No seu apêgo, é incorrigível, incurável. Sofre de mazoquismo crônico ou, melhor, ingênito. Procura, por todos os meios e modos, andar a par das patifarias do mulhereiro sem atrativos físicos nem prestígio intelectual, sem valentia nem dinheiro nem vergonha. Pelas amigas, os vizinhos, as pessoas indiferentes ou alheias, a cada momento se informa das idas e vindas do Casanova das dúzias. Revista-lhe os bolsos; vistoria-lhe as gavetas do escritório; acompanha-o de longe ou de perto, conforme os ensejos ou facilidades de espionagem; espreita-o de dentro dos taxis, através das vidraças dos cafés, pelo buraco da fechadura das alcovas mercenárias — ansiando, rilhando os dentes, arrependendo-se, consumindo-se e, à sua maneira, gozando.

Dir-se-ia, com efeito, que as proezas deste marido comparável, na linguagem corrente, ao utensílio caseiro, cujo cabo, às vezes, serve para outros fins também domésticos — proporcionam a dona Marcolina outros tantos motivos não só de imaginação e facúndia, como de regozijo e orgulho. Não se cansa de falar naquilo; multiplica-se em descrições e narrativas; e desce a toda sorte de pormenores confessáveis. Ponto é ter quem lhe escute os casos, quer domésticos quer extra-matrimoniais... Ora, para isso, há sempre algumas moradoras da mesma rua ou de bairros anteriormente habitados; e, além de certas amigas de Sorocaba, do tempo de solteira,

sempre ela pode contar com "seu" Justino, velho camarada de Simão, personagem das "Memórias", cheio, ora de curiosidade ora de paciência, invariavelmente de acordo ou indiferente a tudo.

Por isso as "Memórias de Simão o Caolho" continuam através da incessante labuta de jornal, conferência e livro que é a existência profissional do autor. Poderão mudar de título, mas de certo prosseguirão ainda por muitas páginas ou muitos volumes, fluentes e desenhadas, imaginosas e pitorescas, para gozo de incontáveis leitores sempre interessados e divertidos.

★

COMEMORAÇÃO DO VII CENTENÁRIO DA CONQUISTA DE SEVILHA E DA FUNDAÇÃO DA MARINHA CASTELHANA

★

Organização e execução de
uma plêiade de homens de
letras e artistas

★

Publicação Oficial
Madrid
1949

em primorosa iluminura, a efígie do monarca adorado, com a sua coroa e sua auréola, sobre um fundo de púrpura ornado das armas simbólicas de Castela e Leão. Preenche as duas primeiras páginas o decreto que traz as assinaturas do chefe do Estado, Francisco Franco, e do seu ministro da Educação Nacional, José Ibanez Martin. E' traçado em gótico, a preto e vermelho, com os motivos reais ladeando a primeira coluna, encimada pela letra "capital", C, da qual descem, como em fita e selo de pergaminho, as mesmas armas. O quinto e último artigo do decreto diz: "Queda autorizado el Ministro de Educacion Nacional para tomar las medidas necesarias en orden al mejor cumplimiento de lo establecido en los articulos anteriores. — Asi lo dispongo por el presente Decreto dado en Madrid a doce de diciembre de mil novecientos cuarenta y siete".

A página dupla que se segue traz o túmulo de Fernando III, mandado executar por seu filho Afonso X, e no qual se glorifica o "mui honrado" D. Fernando, Senhor de Castela e de Toledo, Leão, Galiza, Cordova, Mucia e Jaen, "o qual conquistou a cidade de Sevilha, que é a cabeça de toda a Espanha".

Uma série de fotografuras reproduz os monumentos mais famosos da velha cidade, alguns dos quais restaurados por sapientes arqueólogos. E foi agora criada a Cátedra San Fernando, instituição do Ministério da Educação Nacional e "que não tem caráter pessoal". O curso assim formado compreende lições de feição respectivamente religiosa, histórica, literária, artística, sendo a penúltima consagrada ao Exército e à Marinha e versando a última sobre instituições sociais e políticas.

Outras páginas oferecem quadros ou aspectos da Semana Santa de Sevilha, da Feira, da procissão de Corpus Christi, das romarias do Recio e da Virgem de Valme — ainda outros espetáculos e tradições que se ligam à vida e à fama da cidade magnífica. Este livro-programa constitui, em verdade, mais um acontecimento e uma recordação para serem guardados nos anais e nos arquivos daquela jóia de grandeza e graça, sob cujo fulgor se criou o axioma ibérico: "Quem não viu Sevilha não viu maravilha".

Na organização do Livro-Catálogo do VII Centenário figuram os nomes ilustres nas letras e nas artes de Espanha: Luis Ortiz Muñoz, Joaquín Romero Murube, Julio Guillén Tato, José Hernández Díaz, Antonio Rodríguez de León, José Gómez del Collado e Antonio Muro Orejon.

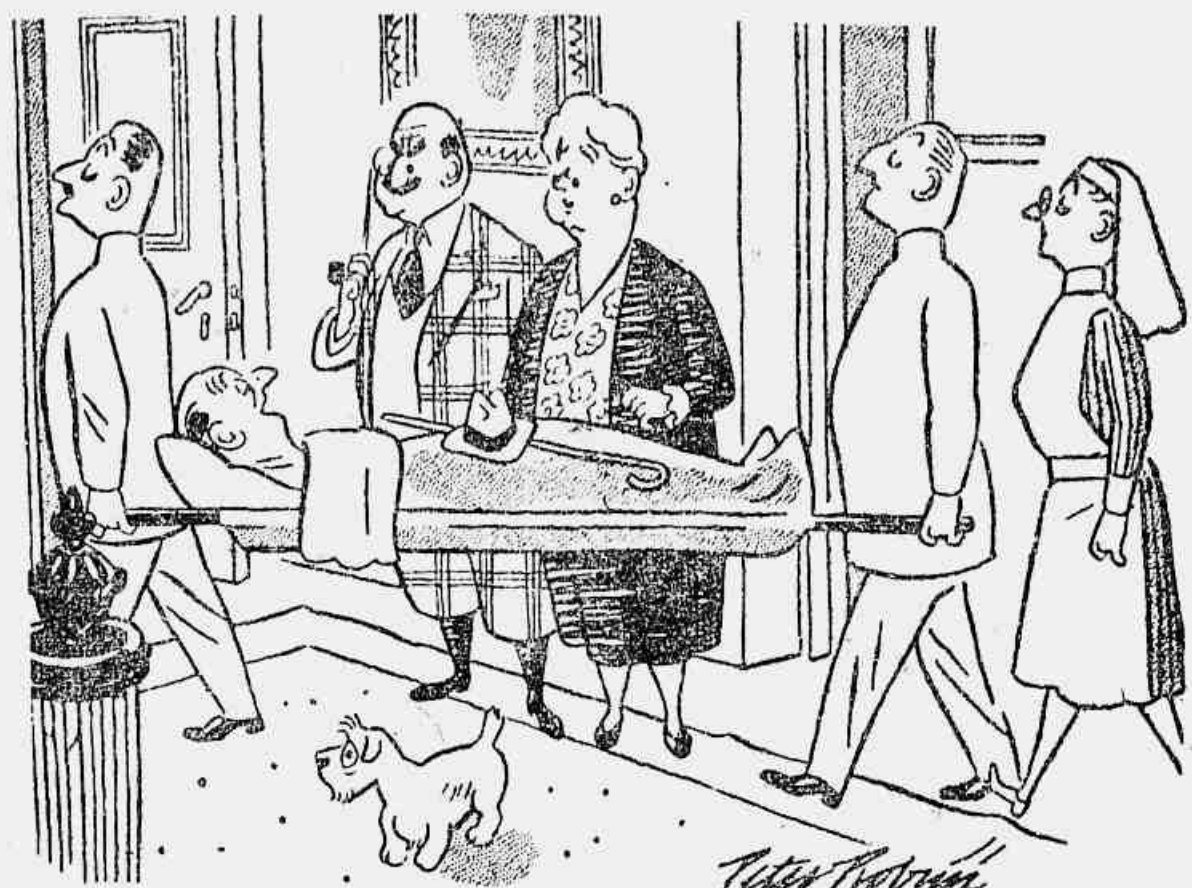
★

RECEBEMOS:

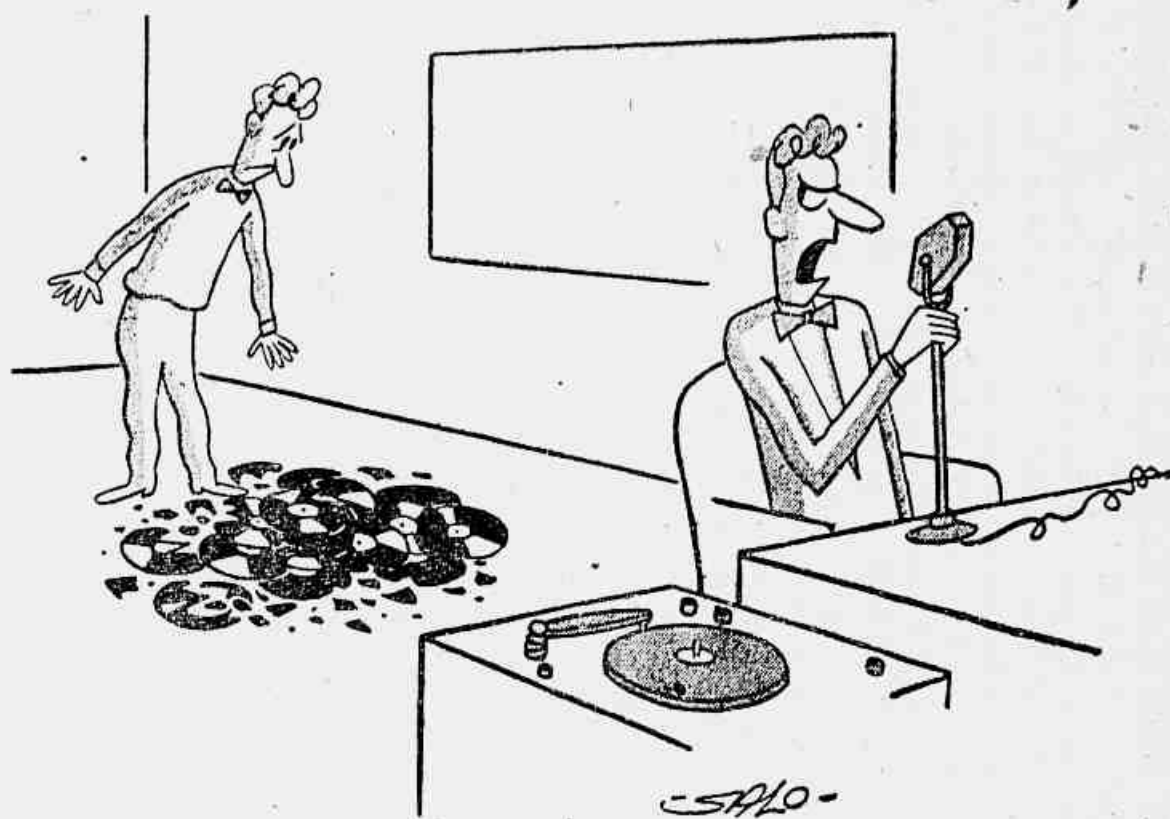
Ato de ofício e não crime de prevaricação ou desobediência, exposição do ministro Ruben Rosa, presidente do Tribunal de Contas da União. Rio de Janeiro, 1949.

Um sonho em Paquetá, opúsculo em verso, de Kleber Cruz. Rio de Janeiro, 1949.

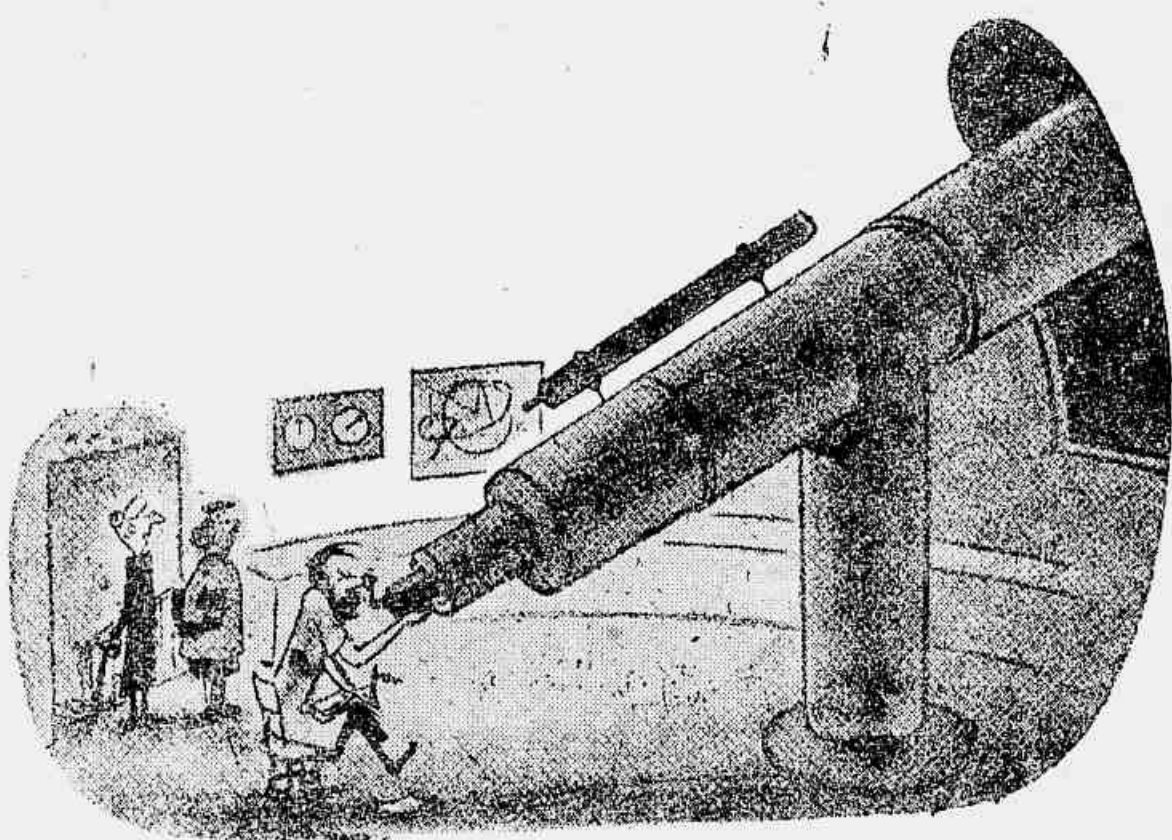
Anchieta, n.º 28 desta revista mensal de que é diretor o sr. Geraldo de Ulhoa Cintra e o qual, além das notas de redação e longo trecho de romance estrangeiro, traz trabalhos em prosa ou verso de Luis Carlos da Fonseca, Manfred George, F. Caldeira Algodão. S. Paulo.



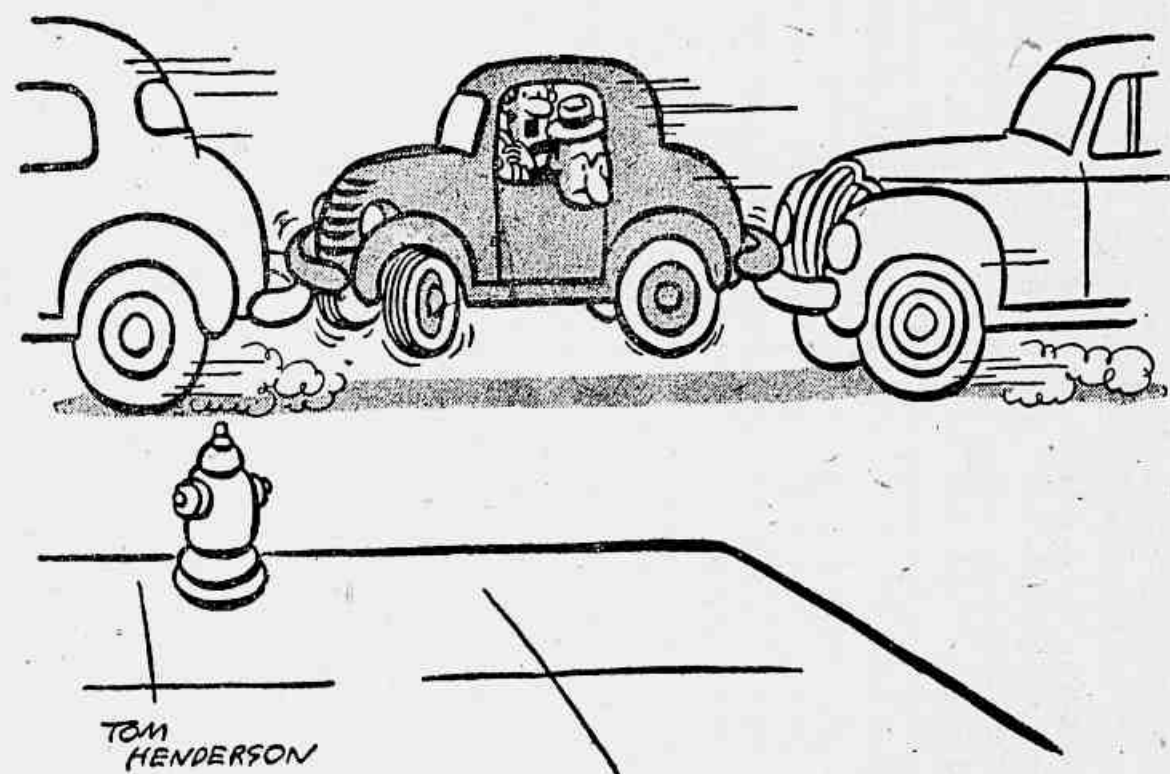
— Foi um dia maravilhoso: eu é que esqueci que não podia comer camarão...



— Grave acidente que destruiu o carro do grande artista prejudicou este programa. Mas ele nada sofreu.



— Desde pequeno que ele é curioso...



— Eu pensava que você queria dobrar para a esquerda, de modo que pudessemos sair desse tráfego...

BOM HUMOR



NA CABEÇA... — Depois de um dia de travessuras o garoto de cinco anos é chamado pela mãe, que lhe passa um sério carão reprovando a conduta do menino. O garoto ia concordando que nada daquilo o recomendava perante os companheiros, que tal conduta não lhe faria mais feliz. Afinal a mãe conclue: "Pense e diga-me porque você procede assim".

Repentinamente, o menino respondeu meio desconfiado, porém resolvido: "Suponho que é porque tenho sido mal treinado".



— Está certo: ele fez isso gastando seu tempo e os próprios recursos...

Sedos QUEIMADOS

CAPÍTULO XXI

Para Jennifer a situação entre ela e Monty, seu distinto amigo, era dolorosa. Aquele ambiente de seu atelier passara a ser um pesadelo, sentindo-se torturada pela decepção que causara ao seu bom amigo.

Olhava-o à luz da lâmpada e sentia pena de vê-lo ofendido com a amizade que ela estava dispensando ao famoso violinista. Ia Monty fazer ligeira viagem e estava terminando a arrumação de sua valise. Foi à cozinha voltando depois com aquele ar triste. Tomou da maleta, colocou o sobretudo no braço e disse-lhe:

— Quando sair queira apagar a luz e fechar aquela janela.

— Monty! — exclamou a jovem sem poder conter as lágrimas — Monty! Não faça isso! Peça-lhe! — e se encaminhou para ele, súplice. Ao ver que ele estava decidido a viajar, tornou: — Você tem sido tão bondoso para comigo! Foi a única pessoa que me ajudou! Não me faça isso agora!

Ele estacou a olhá-la irresoluto, estático, em silêncio. Em seguida falou em voz baixa:

— Sinto muito, Jennifer, ter vindo você agora ao meu atelier. Eu estava disposto a não mais vê-la. Você resolvera viver sua vida por si mesma, sem dúvida. Eu, apenas, nunca pensei que você tomasse esse caminho. Sei que não tenho direito nenhum de dizer-lhe tal coisa... E não devia mesmo dizer, caso se tratasse de uma outra pessoa. Quero dizer-lhe que estive com Stan quando fôra à casa "Rousseau" comprar alguma coisa para a esposa. Eu a conheço. É uma senhora gorda, com umas duzentas libras de peso, natural da Áustria. Naquela tarde, quando fui despedir-me dele, pois tinha que viajar, ao chegar à porta do hotel vi você ao seu lado, sozinho, no elevador... Tome cuidado com sua vida, Jennifer... e... até logo: Voltarei por estes dias. Adeus!

— Monty! Não há nada absolutamente do que você possa pensar! Eu posso explicar o que se passou! — interveio ela aflita.

Mas aquela expressão dita em tom tão fraco, nem a ela mesma teria convencido. O pintor respondeu-lhe com um sorriso pálido e se foi. Ela ficou ali perplexa, a ouvir-lhe os passos a descer os degraus, até que nada mais escutou. Estava sozinha no estúdio, aquele local onde lhe nascera uma nova esperança, um novo cenário de fé na vida.

Olhou em volta. Tudo no maior silêncio. Sentou-se a uma das poltronas, como se estivesse num pesadelo. Estava trêmula. Tinha a cabeça zozna. Fez esforços para conter o pranto. Era necessário não chorar mais. E conseguiu tornar-se forte. Por vários dias suportou todo aquele peso no coração despedaçado. O que mais a torturava era a suspeita de Monty. E ela que havia recusado o presente caríssimo do casaco de peles que Stan lhe oferecera! Era incrível que tal sucedesse naquela sua idade. A dor e as lágrimas secaram seu coração, e ela passou a mostrar-se mais conformada. Os dias e as se-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrastra, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer chegando ao ponto de porpor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vitimado por um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregar-se no grande magazin "Vogelsang", ganhando muito mais e onde, contra sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa. Verificando Monty, o pintor que Jennifer estava sendo, aos poucos seduzida pelo violinista, mostrou-se indignado, o que muito emocionou a jovem.

manas foram passando. Durante as manhãs ia Jennifer dar uns passeios na cidade baixa, quando as ruas se envolviam num véu de denso nevoeiro. À tarde ela apreciava a ventania selvagem que levantava os restos de jornais nas ruas e bancos dos parques, enquanto as lojas se enchiam de mulheres que vinham à cidade, lá das montanhas e dos lagos.

Dentre as maiores vendedoras da "Vogelsang" estava a cinquentona Mary Flood, velhota que ficara sem esposo até aquela data. Não era, porém, apenas uma boa vendedora. Mulheres mais jovens passavam por ela na escalada das promoções. Casavam e se iam. Mary Flood ia ficando no seu emprego, sempre muito paciente, segura de si mesma, cada vez mais perfeita no atender o público. De espírito religioso apurado, nunca deixou de ir à missa das sete horas. Viu casarem muitas de suas irmãs, já agora cheias de filhos, assim como os irmãos, entristecendo o coração de sua mãe e o dela próprio. Morava numa pequena e alva casa de campo lá para os confins da avenida São José. Nunca se cansou de observar como era agradável e fresco o clima naquela zona, mesmo quando a aristocrática avenida do Pacífico estava sob os açoitantes do frio e do vento.

Uma noite Jennifer saiu e foi passar umas horas em companhia de Mary, a fim de ser apresentada à sua distinta e velha mãe.

Mrs. Flood tinha em sua casa mimoso jardim com belos gerânios, margaridas, verbenas e outras flores e roseiras. Atrás da casa se estendia um terreno vasto e bem aproveitado, com salgueiros, viveiros de pássaros, cordas de estender roupa, aves domésticas, um velho cão quase inválido, um grande e belo gato cinzento e um canário cantador.

A casa de Mrs. Flood era dessas em que a pobreza relete um certo bem estar na limpeza, na simplicidade, na paz interna. Jennifer tinha grande desejo de conhecer a velha mãe de sua colega Mary. Tudo ali respirava cuidado, delicadeza, perfeição. Tão limpos e asseados estavam os pratos, os utensílios de cozinha, as toalhas da mesa, etc., que, ao espírito

desprevenido de Jennifer pareceu que naquela casa se dava alguma gratificação a quem cuidava da limpeza. Além disso, tudo tinha os seus lugares determinados; numa ordem admirável. As mãos de Mrs. Flood não davam a impressão de que fosse ela tão idosa. Jennifer ficou tão encantada com aquela moradia que aceitou o convite para passar a noite com aquelas duas mulheres admiráveis e hospitaleiras. Dormiu muito bem e, ao acordar, já encontrou seu vestido escovado e passado, seus sapatos lustrados e um delicioso almôço à sua espera.

A impressão que Jennifer causou à velha também foi muito favorável. Ao levantar-se, lhe disse Mary:

— Mamãe não se cansa de falar a seu respeito, Jennifer.

Jennifer pensou que isso fosse o resultado daquela atração pessoal de que lhe falara algumas vezes seu amigo Monty, quando lhe dera certas instruções de como devia usar desse poder de conquistar as simpatias dos outros. Para ele, que era filósofo, essa irradiação proporcionava a formação de grande círculo de boas amizades, de pessoas que passavam a gostar muito dela. Essa impressão também era a de muitas outras pessoas, homens e mulheres que entravam no conhecimento de Jennifer.

Para Monty, essa qualidade era uma espécie de magnetismo pessoal da jovem. Com aquela simpatia, ela era capaz de dominar as ocasiões; mas devia ter cuidado com esse dom espiritual ajudado pelo físico. Os que a viam, à primeira vista, não davam imediatamente por isso; mas, logo que se habituavam à sua convivência, percebiam que Jennifer era uma jovem encantadora de rara sedução.

Mary Flood não era a única das empregadas na "Vogelsang" que havia entrelaçado amizade com Jennifer. Os próprios fregueses, por vezes, ao se referirem a ela, tinham expressões como estas: "Aquele pequena ali, de fala agradável". Outras vezes certas pessoas, propositadamente, se demoravam em suas inspeções ou escolhas de artigos para se dirigir a Jennifer com estas palavras:

— Já não nos vimos em algum lugar?

Nas ruas quando ia para casa, quando se dirigia ao trabalho, ou passeava sozinha ou com as filhas de Betty, não raro era objeto de certas atenções dos homens que se mostravam atenciosos para com ela, procurando tributar-lhe dessas gentilezas às vezes espontâneas, às vezes ocultando interesses...

Como era natural, Jennifer foi convidada por Mary para assistir na igreja da Missão a uma cerimônia chamada da bênção do rosário. Foi com muito prazer, embora não tivesse espírito religioso. Naquele ambiente de contrição e preces, veio-lhe ao espírito a lembrança de Eugene Evans, seu desventurado amigo. Jennifer costou muito do incenso e dos castiçais com as velas acesas, o grande órgão daquele templo que lhe trouxe recordações ternas. Quando terminou o ato, voltou para a casa de Mary, com ela e amigas dessa solteirona, todas muito religiosas, a conversar sobre assuntos da Missão e dos pecados do mundo.

CAPÍTULO XXII

Corria o tempo normalmente, quando, no fim do inverno Betty deu a Jennifer a sensacional notícia de que ia re-casar com Clint.

Esse ex-esposo de Betty, voltou, muito timidamente ao meio daquela pequena família, e pareceu à observação de Jennifer, que ele havia mudado muito, tendo-se tornado um homem de bem.

Fisicamente também estava mudado. De cabelos grisalhos, suas maneiras eram comedidas, discretas, algo sensatas e conciliatórias. As meninas passaram desde logo a gostar dele, e Betty se mostrava cheia de contentamento, arrumando-se melhor, penteando-se com cuidado e apuro, o que lhe diminuía uns cinco anos.

Todos se mostravam amigos de Jennifer. Clint havia sabido fazer boas economias, de forma que as crises financeiras de Betty estavam vencidas. Para Jennifer isso significava uma nova conquista de Liberdade. Tinha a impressão de que sua vida também se arejara, deixando ela aqueles velhos tempos de dissabores e preocupações como coisa do passado.

Diante da nova situação, Betty fez seus arranjos para que todos de casa pudessem gozar de uma melhor vida. Mas surgiu uma dificuldade. Com as meninas já crescidas, precisando de dormir em seus quartos, e com o novo casamento de Betty, Jennifer estava sobrando. Ela percebeu o embaraço e pensou em Mary Flood. Talvez a distinta solteirona pudesse dar-lhe uma sugestão.

— Você pode vir para nossa casa — disse-lhe.

Jennifer esteve a ponto de chorar de agradecimento. Vendo como Jennifer se sentia confundida, ela tornou:

— Pode crer, se minha mãe soubesse que você fôra morar com outros nessa circunstância, seria capaz de romper relações comigo! Mande sua mala e suas coisas e deixe de tolice. Você nos é muito querida, e acho mesmo que sua ida para nossa casa é uma prova de que

5. Judas ouviu as preces de minha mãe naquela primeira noite...

Assim, Jennifer se despediu de Betty e das meninas, abraçando-as com ternura e se mudou lá para a avenida São José, começando uma vida nova.

Deram-lhe um belo, limpo e arejado quarto com banheiro, tudo parecendo um prêmio dos céus. Para ela nenhuma mulher poderia desejar maior felicidade e melhor morada do que ela naquele pequenino e elegante apartamento. Desde logo tratou de fazer os seus pequenos deveres domésticos, colaborando com as suas boas amigas. Quando a velha Mrs. Flood voltava do mercado, já encontrava as toalhas de pratos levadas e a enxugar ao sol, bem como um punhado de flores num vaso diante do retrato do Sargento Francis X. Flood, morto em Vimy Ridge, já havia mais de vinte anos.

A pensão de Jennifer foi arbitrada em cinco dólares por semana, a instâncias dela mesma. Mrs. Flood se opôs a isso, e procurava devolver esse pagamento de sua hóspede, durante a semana, mimoseando-a com alguma coisa em matéria de cortêsias e gentilezas.

Pares de meias de Jennifer apareciam em seu "bureau" cuidadosamente remendados, lavados, serzidos magistralmente como se uma aranha mestra os houvesse consertado. Era tratada como se fosse uma princesa. Seu vestido de trabalho, seus sapatos, seu casaco, tudo vivia bem cuidado com se estivesse hospedada em hotel de gente educada e caprichosa. Certa vez disse ela a Mrs. Flood:

— A senhora me estraga!

Quanto à lembrança daqueles seus amores, mantinha ela ligeiras recordações. Às vezes ria. Agora todo o seu encanto e, onde ela estivesse, haveria fatalmente uma atmosfera de mocidade, de convivência jovial, com todos os seus planos e impulsos muitas vezes ingênuos e absurdos.

Numa noite de dezembro Mary convidou-a para ir com ela fazer visita a um primo que morava em "McAllister Street". O visitado era um senhor inválido e já de idade madura, pelo que Jennifer não pôde antecipar nenhuma idéia a seu respeito, nem prever qualquer possibilidade de agradar-lhe aquela visita.

Mas, mal acabavam de chegar e entrar no vestibulo, um alto e elegante jovem soltou uma exclamação de contentamento por ter reconhecido Jennifer.

— Joe Evans! — gritou ela cheia de alegria.

Joe beijou-a com afeto e delicadeza, o que surpreendeu a Mary.

— Como pode fazer isso, rapaz?...

— Não se espante — esclareceu Jennifer — eu e Joe muito nos afeiçoamos a Eugene, o irmão que morreu naquele acidente.

Em seguida Jennifer se informou de todos os da família, sempre tão lembrados por ela, com saudade e reconhecimento. Mollie já tinha duas filhas, Sheila e Brenda. Perguntou por Margaret, tia de Mollie, pelos primos, inclusive aquele de Sacramento. Como iam todos?

— E' pena que você não tenha voltado a ver mamãe — disse Joe — ou os meninos de Mollie. E com muita sinceridade: — Ouça, se eu for buscá-la no próximo domingo, você aceita jantar conosco? Minha mãe nunca se esquece de você e muito lhe quer.

— Mas... e seu pai? — indagou Jennifer hesitante.

— Oh! O velho sempre foi louco por você!

Os dias de Jennifer, suas noites e feriados passaram a ser agradáveis e divertidos. Na véspera de Natal ela foi

jantar com os Evans e, à meia-noite, acompanhou-os à missa do galo. Durante a cerimônia religiosa Jim Lippincott tomou-lhe a mão, apertando-a afetuosa e apaixonadamente durante todo o tempo do sermão do pregador.

O ar estava impregnado daquele perfume celestial das solenidades religiosas nos templos iluminados de velas e cheirando a incenso. O coro cantava o hino "Adeste Fideles", parecendo a Jennifer que toda a igreja com seus fiéis se preparava para voar aos céus, diretamente, atravessando as nuvens, tudo iluminado e angêlicamente terno.

De quando em quando ela erguia a vista e olhava em volta, recebendo aí um sorriso de Jim, porém discreto, parecendo

que estava muito sério e compenetrado naquele ritual.

Depois da missa, toda a família dos Evans passou a apresentar os votos de felicidades e desejos de feliz ano novo, venturoso Natal e outras expressões que a delicadeza da civilização tornou universal, recebendo a retribuição dos cumprimentos.

Em seguida, Jim e Joe regressaram à sua casa em companhia de Mary Flood, sua velha mãe e Jennifer, enfrentando os ares frios daquele inverno em S. Francisco. Logo que chegaram todos à porta da residência dos Evans, trocaram despedidas e beijos; no dia seguinte Jennifer e suas gentis amigas voltariam para uma visita a esses velhos conhecidos.

Jennifer esteve durante horas sem po-

der dormir, apesar da fadiga. Seu pensamento estava todo dirigido para Jim. Ele se graduara, fazia poucos dias, em medicina, e trabalhava como interno num dos nosocômios da cidade, o "County Hospital". Era um rapaz alto, magro, de ombros fortes e largos, com uns trinta anos, talvez. Rosto comprido, olhos cinzentos, cabelos castanhos, voz forte e agradável. Trabalhador e dedicado, tinha aspecto de homem sério, honesto, inspirando grande simpatia, capaz de atrair qualquer jovem para o seu amor.

Jennifer estava certa de que admirava um homem assim, e gostava dele, indiscutivelmente. Não parecia um rapaz vul-



NAS TELAS

"UM HOMEM IRRESISTÍVEL" — Um tema mal aproveitado. Montgomery, bom; Susan Hayward e Audrey Totter, discretas, e John Payne insuportável. Filme monótono, cansativo, pela deficiência da adaptação e direção pobre.

★

"TERRA VIOLENTA" — Filme nacional dirigido pelo americano E. Bernoudy, baseado no romance "Terras do Sem Fim", de Jorge Amado. Salva-se apenas a fotografia de Edgard, apresentando quadros realmente dignos de nota e admiração. A música, em alguns trechos, está muito bem empregada e consegue bons efeitos. No mais, não passa de um esforço bem intencionado do nosso cinema. Obras iguais a essa devem ser repetidas, para o elevamento de nossa cinematografia. Apesar dos defeitos visíveis, é sempre uma experiência que trás benefícios e melhoramentos. Mas continua faltando um diretor no cinema indígena.

★

"NINOTCHKA" — Reprise da velha sátira de Ernst Lubitch ao comunismo, continua, apesar dos anos decorridos, um filme oportuno e atual, pelo sabor com que foi feito. Billy Wilder e Charles Brackett, fizeram um cenário delicioso, com diálogos de primeira qualidade. A grande Garbo está presente ao lado de Melvyn Douglas, fazendo uma dupla de bons comediantes. Mas o verdadeiro valor do filme é Lubitch, que dá o seu inconfundível "toque" no conjunto da película, transformando-a numa comédia de primeira linha.

POR VIA AÉREA

Jacques Feyder, antes de seu tão lamentado desaparecimento, teve a responsabilidade da direção artística do filme realizado por Marcel Blistene, "Hotel Clandestino" (Macadam) — da França Filmes Feyder. Com seu profundo senso de cinema-arte e reconhecido título de cineasta de "vanguarda", deu a esse filme valores irrefutáveis, refletidos no conjunto da obra e nas interpretações de Simone Signoret, Françoise Rosay, Paul Meurisse e Andrée Clément. Outra valiosa credencial é que o cenário e os diálogos foram entregues à capacidade de Jacques Viot, o grande cenarista da obra-prima de Marcel Carné, "Trágico Amanhecer" (Le Jour se Léve).

★

Norma, esposa de Burt Lancaster, espera ainda este mês a visita de D. Cegonha. E a "torcida" é para que ela traga uma menina, de vez que o casal já possui dois meninos...

★

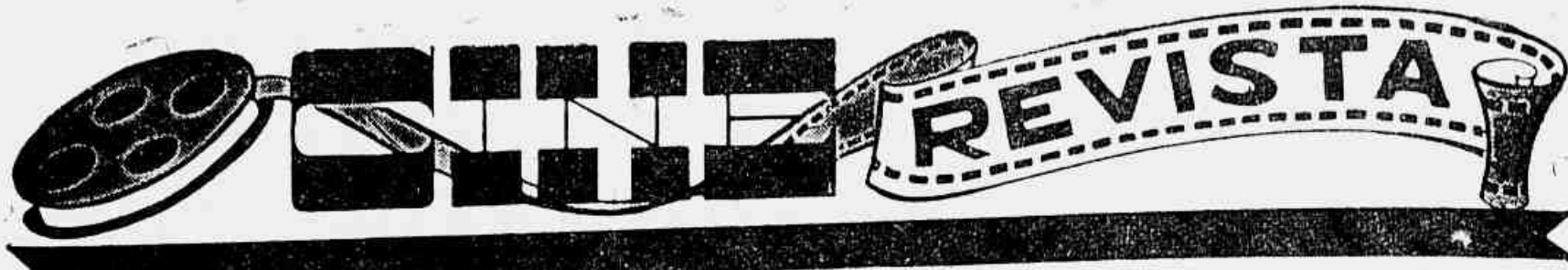
Audrey Totter, que aparecerá brevemente ao lado de Ray Milland em "A Sombra de Satanás", confirmou seu noivado com o escritor de argumentos cinematográficos, Charles Grayson. Diz miss Totter que a cerimônia nupcial será realizada na cidade de Illinois, onde ela nasceu e onde costuma ir repousar sempre que os estúdios lhe dão folga...

★

Rita Lupino, a talentosa mãe da "estrela" cinematográfica Ida Lupino, assinou contrato com a Paramount para executar um número de dança no novo filme de Betty Hutton e Victor Mature, "Red Hot and Blue".

★

Enquanto se insiste em se desacreditar o cinema norte-americano, apregoando-se notícias de fechamentos de estúdios, etc., a Warner Bros. contrata 15 "astros" dos mais caros da Terra do Cinema, como Jennifer Jones, Gregory Peck, Joseph Cotten, Shirley Temple, Louis Jordan, Betsy Drake, Rory Calhoun, James Cagney, John Garfield, Marlene Dietrich, Randolph Scott, John Wayne, Burt Lancaster, Kirk Douglas, Ginger Rogers. Independente disto, já conta com um bom número de películas, já terminadas, e aguardando lançamento: "O Caminho da Redenção", com Joan Crawford e Zachary Scott; "Under Capricorn", technicolor com Ingrid Bergman e Joseph Cotten sob a direção de Hitchcock; "The Fountainhead", com Gary Cooper; "Happy Times", com Danny Kaye; "Montana", technicolor com Errol Flynn; e Alexis Smith; "Night unto Night", com Ronald Reagan e Viveca Lindfors; "Task Force", com Gary Cooper, e várias outras.



LEON ELIACHAR

SER OU NÃO SER

UM NOVO TRIÂNGULO?



INGRID — o vértice...

filmar sob a direção de Claude Autant-Lara, dizendo que Rossellini nunca fora seu marido, e que já era bem crescidinho para saber o que estava fazendo. Eis que o dr. Lindstrom, que foi o último a saber, desperta de sua sonolência e toma um avião com destino a Messina, onde se realiza uma conferência entre os três protagonistas. Ingrid, Rossellini e Lindstrom chegam a um acordo. Havia-se propalado que Ingrid pedira divórcio a seu marido para casar-se com Rossellini. Pouco depois, desmentia-se tudo, pois Ingrid resolvera regressar com seu marido, indenizando a Rossellini, por ter abandonado a filmagem pelo meio. Mas, em verdade, ficou estabelecido que Ingrid terminaria a película e regressaria depois para encontrar-se com seu marido. Repentinamente, os telegafos emudeceram.

Mas, amigos, sinceramente, continuamos na dúvida. Será tudo isso algum golpe de publicidade italiana com sotaque americano? Ou a senhora Ingrid Bergman, que sempre tivemos na conta de uma menina direita, deixou-se levar pela conversa do nosso amigo Rossellini? Teria realmente algum significativo sentimental a união de suas mãoszinhas ou tudo não passava de simples veneno? Afinal, Ingrid Bergman não é tão fácil assim... Por outro lado, meditemos de forma mais humana, mais objetiva, mais realista. Casos como esse, existem aos milhares, diariamente. A traição conjugal, na época da hoje, é lugar comum. A fidelidade, esta sim, é que merece ir aos noticiários dos jornais — pela originalidade. E uma artista célebre como Ingrid Bergman não tem o direito de ser humana, pois todo mundo ficará sabendo de suas fraquezas e censurará ardentemente sua atitude. Num canto, Rossellini, fica silencioso — dizem que triste; no outro, Ingrid Bergman protesta pelos jornais, desmentindo tudo, "para proteção de sua família". O dr. Lindstrom apanha sua mala e regressa calmo e tranquilo para o seu consultório. Anna Magnani aproveita a onda para sua publicidade pessoal. Comentaristas interpretam o "caso", cada qual à sua maneira. Ninguém se entende. Ninguém pode chegar a uma conclusão segura. Mentira? Verdade? Publicidade? Talvez Rossellini estivesse segurando a mãozinha de Ingrid para atravessar uma poça d'água. Talvez não. Mas Ingrid tinha a obrigação de saber, mais do que ninguém, que Roma ainda é uma cidade aberta...

CLARK...



GABLE

SEU nome completo é William Clark Gable. — Nasceu na cidade de Cadiz, Ohio. Cursou escolas em Hopedale e Ravenna. Teve vários ofícios antes de entrar para o teatro, e, depois, para o cinema. Foi até lenhador, numa época de maiores apuros. E viuvo da saudosa Carole Lombard, com quem se casou em março de 1939.

No teatro, Clark Gable trabalhou em "The Great Diamond Robbery", "The Copperhead", "Lady Frederick", "Madame X", "What Price Glory", "Romeo and Juliet" e "The Last Mile". Foi por vê-lo nesta última peça que Lionel Barrymore teve a idéia de que o rapaz poderia fazer alguma coisa no cinema. Como se vê, Lionel Barrymore soube ter idéia...

São inúmeros os seus filmes; vários os seus grandes sucessos. Seu primeiro filme foi "The Painted Desert", que nunca chegou a ser exibido no Brasil. Começou a destacar-se em filmes como "A Guarda Secreta", "Tentação do Luxo", "Uma Alma Livre" e outros. Mas sua carreira sensacional começou verdadeiramente quando interpretou "Possuída", com Joan Crawford, vindo depois "Susan Lenox", "Mentiras da Vida", "Mares da China", "A Irmã Branca", e "Amor de Dançarina". Muitos são os sucessos da carreira de Clark Gable, entretanto. Não é possível deixar de citar filmes como "Aconteceu aquela noite", "O Grande Motim", "Ciúmes", "San Francisco, a Cidade do Pecado", "Com o amor não se brinca", "Parnell", "Saratoga", "Piloto de Provas", "Este Mundo Louco", "...E o Vento Levou", "Fruto Proibido", "Inimigo X", "Quero-te como és", "Ainda serás Minha, etc. Entre seus filmes mais recentes figuram "Aventura", "Mercador de Ilusões", "O amor que me Deste" e "Trágica Decisão" (Command Decision), este sob a direção de Sam Wood.

Gable é considerado o Rei dos estúdios Metro-Goldwyn-Mayer. Entretanto, um rei muito democrata, que tanto aperta a mão a Louis B. Mayer como ao mais humilde dos carpinteiros que armam os "sets".

ESCANDALIZA PARIS UMA "MANON" DE 17 ANOS!

(Tradução de um artigo de José Ramon Luna, da revista "Vea y Lea")



CECILE AUBRY — a "bomba" que Clouzot lançou em plena Paris, colocando a população em polvorosa... (Fotos França-Filmes)

QUE fariam, como se amariam, quais seriam as reações daqueles amantes melancólicos que se chamavam Des Grieux e Manon, nos tempos atuais, em um mundo cínico e tempestuoso? Tal é a pergunta que se fez o diretor Henri-Georges Clouzot, quando resolveu fazer "Manon", sua mais recente película, cuja estréia em Paris fez com que a crônica contivesse a um só tempo censuras e louvores ao realizador de "Crime em Paris".

QUEM É CLOUZOT?

Henri-Georges Clouzot tem a vida de um inadaptado que buscou na fonte dos mais dispares conhecimentos a linguagem em que diria a verdade que todo homem traz consigo quando ingressa na vida. Clouzot é um homem que não podia, como a maioria, passar pela terra sem dizer a sua. Mas queria dizer bem: com vigor e clareza. Foi advogado. Porém na fria letra dos códigos estava somente a verdade alheia, que se veria obrigado a defender. Abandonou o exercício da profissão para dedicar-se ao estudo das altas matemáticas. Nos números, segundo já se tornou clássico, está a verdade absoluta. Porém também deixou os números, que com sua frieza mecânica o levaram a verdades abstratas. Um dia chegou a um estúdio cinematográfico. E ficou ali. Fez de tudo, desde a maquiagem até ao trabalho de equipamentos técnicos. Porém sempre fixando-se nos detalhes deste instrumento valioso que o homem tem nas mãos para expressar suas idéias: o cinema. Já havia passado pelo jornalismo; não o jornalismo de redação, mas o de rua. Foi cronista policial, repórter, pesquisador de casos e consciências, pescador de estados de ânimo. Satírico e mordaz, mais de uma vez as crônicas lhe trouxeram desgostos. E foi então quando abraçou a carreira do cinema com a fé e o entusiasmo de quem encontrou para sempre seu verdadeiro caminho.

COMO ARRANJA SEUS PERSONAGENS

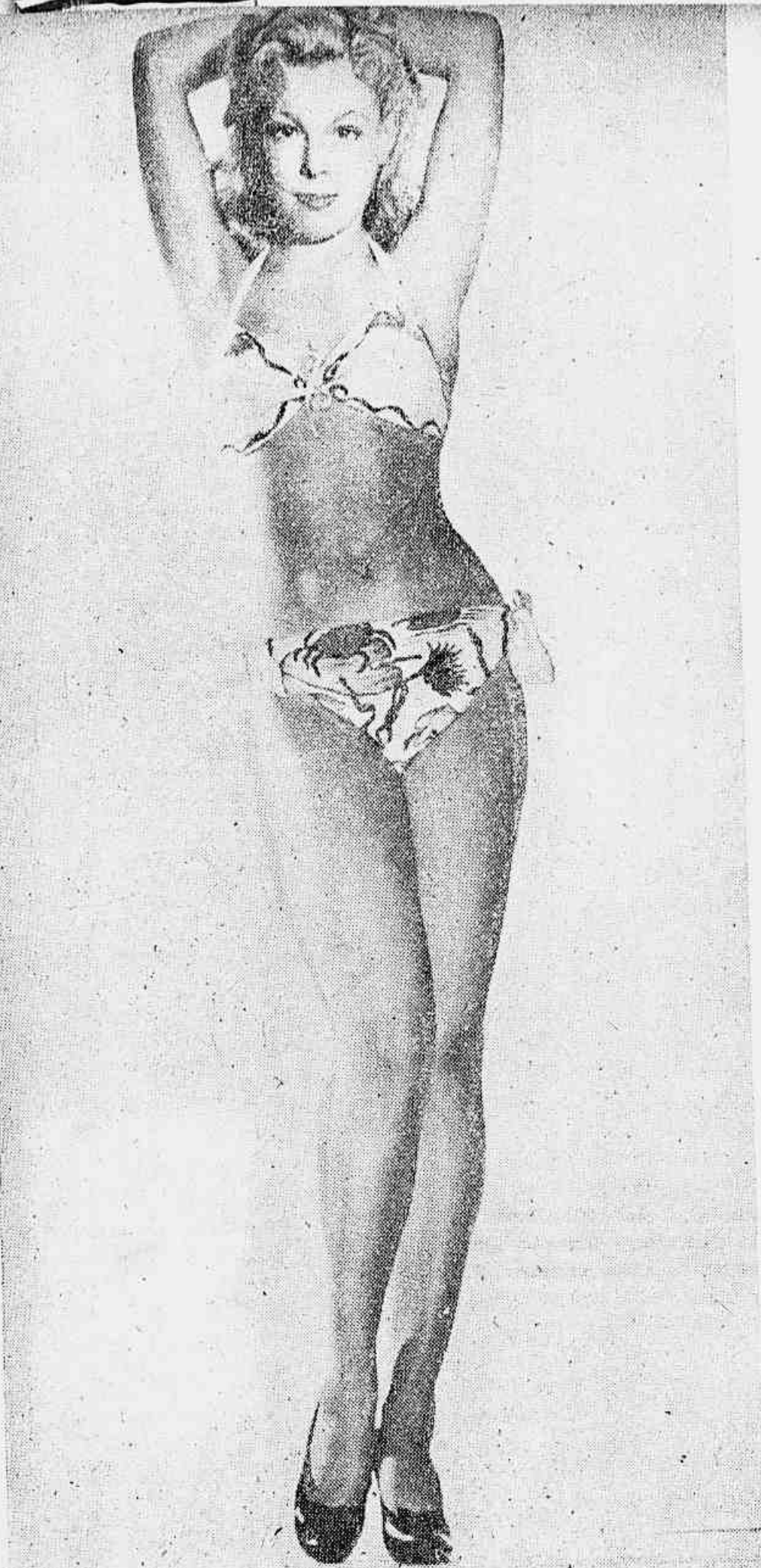
Clouzot, de acordo com a mais moderna técnica do cinema, não faz películas para "estrelas". Cria, modela "estrelas" para cada um de seus filmes. "Manon" tem uma dupla central de adolescentes. Ela, 17 anos; ele, 19. Nenhum dos dois havia antes trabalhado no cinema. Procurou-os de acordo com a idéia que tinha feito de seu físico e de seu temperamento. Até que os encontrou. Ela, numa escola de dição, da qual era uma aluna com esperanças de ser alguma coisa no teatro. Ele, numa rua qualquer de Paris. Agradaram-lhe seus olhos amendoados, seu olhar ávido, ainda que vazio, seu rosto macilento, seu ar de envelhecida juventude. Na pequena Anne José Benard (Cécile Aubry para o cinema) encontrou o tom de uma candidez apimentada, uma curiosidade audaz, que a fazia fremir, inquieta com as aletas de seu diminuto nariz, um pequeno corpo estremeedor, com linhas de "fausse maigre". E aí estavam, para situá-los em 1944, logo que se deu a libertação de Paris, os clássicos amantes desenhados pelo abade Prevost: Manon e o cavalheiro Des Grieux.

O FILME

Clouzot escreveu o argumento, fez a adaptação, os diálogos e o enquadre da película. Decidiu-se a fazer dela um reflexo real da vida. E o conseguiu de tal modo que por ocasião de sua estréia, houve vários protestos de uma parte do público que não desejava colocar-se em frente à miséria moral, a desolada angústia de seus protagonistas. Para eles, essa angústia miserável que agita os intérpretes, não é construtiva. Preferiam a agradável mentira musical ou a suave moral das fitas que, com o infalível beijo final, produzem a estupefaciente amnésia com relação às agruras dolorosas da vida.

"Manon", cuja ação foi adaptada aos nossos dias, faz a dissecação de um país, de um estado de consciência coletiva. Revela a existência da covardia, a seivicia, a avidez.

(Continua na pág. 52)





Já foram proclamados os vencedores do "Prêmio Fábio Prado" de 1948. Em primeiro lugar, classificou-se o Sr. Flórestan Fernandes, com o ensaio "Organização Social dos Tupinambás"; o segundo foi conferido ao trabalho "Retrato de uma capital de província", de autoria do Sr. Ernani Silva Bruno e o terceiro ao Sr. Renato da Silveira Mendes, que apresentou o ensaio "Paisagens culturais da Baixada Fluminense".

Mereceram menção honrosa os seguintes ensaios: "Cunha: Tradição e transição de uma cultura rural paulista", do Sr. Emílio Willens; "A Arte nos loucos". de Sr. Osório César e "Castro Alves", do poeta Jamil Almansur Haddad.

A Comissão Julgadora esteve constituída pelos Srs. Fidelino de Figueiredo, João Cruz Costa, Osmar Pimentel, Paulo Mendes de Almeida e Antônio Cândido.

Num album de provincia se lê este belo dito de André Beaunier:

"Guardam-se sôbre o coração certas mensagens por aquêlê mesmo pudôr que nos faz manter sôbre o corpo uma roupa".

Foram os seguintes os livros de maior sucesso, na Inglaterra, durante o ano de 1948: "The Heart of the Matter", de autoria de Graham Greene; "The loved one", de autoria de Evelyn Waugh e "Catalina", de Somerset Maugham.

Como autores do mês, foram indicados George Macaulay Trevelyan, com a sua "Autobiography and Other Essays"; Osbert Sitwell, com a publicação do 4.º volume de sua autobiografia "Laughter in the Next Room" e Michael Joseph, com o



QUESTÃO ORTOGRÁFICA O sr. Júlio Dantas, que há pouco nos honrou com sua visita e nos brindou com uma série de formosos discursos, teve oportunidade de ventilar, com os bordados e filigranas que somente uma pena do quilate da sua poderia tecer e cinzelar, um assunto assás delicado e sempre atual, pelas controvérsias que vem ensejando nos meios intelectuais daqui e de além-mar: a questão ortográfica. Fê-lo com agudeza e sinceridade, não disfarçando a importância transcendental que reveste esse problema já tantas vêzes resolvido, através de acórdos entre os dois países, e até hoje, infelizmente, esperando uma "solução" aplicável no terreno da prática.

O emérito escritor, ao atacar de frente o assunto, não subiu à tribuna como um gladiador disposto à luta, o que certamente poderia fazer de lança em riste, pondo à prova toda a sua capacidade e erudição, que se não pode discutir. Não defendeu esta ou aquela orientação, perdendo-se em circunlóquios bizantinescos, tão a gosto de certo grupo, que aproveita o assunto, mais para dar-se ao prazer de um indistigável narcisismo intelectual do que mesmo para obter o desideratum por que todos esperamos. Perfeitamente à vontade, senhor de todas as situações criadas por esse problema e acatando, não opiniões pessoais, que as tem dúvida, boas e seguras, mas respeitando um acôrdo já aprovado e firmado, achou de melhor alvitre apelar. E seu apêlo foi justo e oportuno. Em bom português, o illustre Embaixador chamou-nos à tala, diplomaticamente, pediu-nos satisfações. Sim. Reclamou o que é justo reclamar. Se o acôrdo é bilateral, por que não cumprir uma das partes o que ficou solenemente combinado e pacificamente resolvido?

O assunto não oferece nenhuma faceta política, como querem alguns discutidores inveterados, nem traz qualquer diminuição para esta ou aquela banda. Os interesses são recíprocos. A unidade linguística sempre foi e será, por muitos séculos, o denominador comum das relações culturais entre as duas nações. O que faz parecer certa dissimelhança são meros resquícios regionalistas, simples expressões de estilo, trabalhada por usos e costumes locais, como até mesmo nós, no Brasil, os possuímos, mercê da extensão territorial não compensada ainda por um sistema adequado de comunicações. Mas, a unidade existe e o seu cerne é ainda a delicada "flôr do Lácio". O que nos cabe fazer, a nós brasileiros e portugueses, é preservar êsse tesouro e, ao mesmo tempo, aumentá-lo, engrandecê-lo sempre, como um dos mais ricos patrimônios da cultura ocidental. E para tanto, são imperitinentes e intempestivos êsses desacêrtos trazidos à baila e convenhamos em que o sr. Júlio Dantas está com a última palavra, cumprindo-nos, tão somente, corresponder ao seu apêlo franco e sincero.

lançamento de seu livro "The Adventure of Publishing", em que éle fala de "cadeira", pois se trata de um dos mais conhecidos editores de seu país.

Um grande editor norte-americano pediu a William Saroyan, o conhecido autor de "As aventuras de Wesley Jackson", que lhe escrevesse uma peça. O romancista, com uma calma estupenda e espantosa sinceridade, respondeu:

"Eu já escrevi numerosas peças, mas para o meu gozo próprio. Eles seriam, para quem quer que as fôsse montar, um enorme desastre financeiro. O dia em que eu escrever uma que não me agrade, prometo que lh'a reservarei..."

Um editor italiano descobriu, num asilo, um octogenário de nome Felício Antonelli, saído recentemente de um presidio, em que passou cincoenta e três anos por ter assassinado um policial, e que aproveitou esta longa detenção para colecionar tôdas as histórias "que têm feito rir o mundo" e que foram contadas por seus companheiros de cárcere.

Todos os dias Felício Antonelli recebe, no asilo, um estenógrafo, a quem narra, de cor, o seu repertório de vinte mil histórias, pelas quais percebeu algumas liras, à guisa de direitos autorais...

Perguntaram ao romancista austriaco Vicki Baum se ele verdadeiramente pensava que uma mulher não pudesse guardar um segredo:

— Como não! — respondeu. — Pode, perfeitamente... com a condição de que não se diga a essa mulher que se trata de um segredo...

O Instituto Nacional do Livro patrocinou uma edição fac-similar de "Atala René", de Chateaubriand, editado pela primeira vez em 1805.

O Sr. Alceu de Amoroso Lima, que escreveu a introdução afirmou que essa obra tem "um sentido patético e profético quando relida na agonia da civilização burguesa, que Chateaubriand viu nascer

com inquietação e nós vemos agonizar
com angústia".

Essa re-edição é um auspicioso evento literário, que nos vem colocar nas mãos, com as mesmas gravuras e caracteres, uma obra, que, há mais de século, veio à luz, que perdura ainda hoje e que se perpetuará através dos séculos como um imarcescível monumento da língua francesa e do gênio do criador de "Os Mártires".

Com muita malícia e mal escondendo sua natural satisfação, François Mauriac contou, certa vez, numa roda de amigos, a seguinte história:

“Eu fôra me confessar em uma paróquia desconhecida. O padre, após ouvir minha confissão, e antes de me absolver os pecados, deu-me este excelente conselho: — Para reencontrar a paz do coração, recomendou-me êle, leia “A vida de Jesus”, de François Mauriac”.

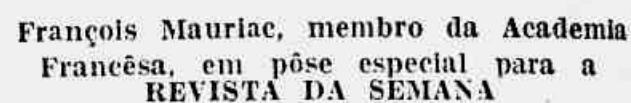
Entretanto o grande escritor francês não informou se seguiu, à risca, êsse consêlho.

Organizada por Américo Jacobina Lacombe, Diretor da Casa de Rui Barbosa, o "Livro do Mês", lançará, sob o título de "Ensaios Literários", uma coletânea de trabalhos de Rui Barbosa.

Esse volume de 300 páginas, mais ou menos, reunirá a Oração aos Moços, o capítulo "O Brasil" da Grande Enciclopédia, os trabalhos sobre Swift, A. Herculano, José Bonifácio, Machado de Assis e Castro Alves.

Augusto Strindberg, cujo centenário de nascimento tôda a Suécia, com justo orgulho, comemorou em janeiro último, teria feito de sua pessoa, segundo o testemunho de Lucien Maury, este paradoxal auto-retrato:

— "Jovem, trinta anos mais ou menos envelhecido antes do tempo, gasto demais para não ser enfadonho, meio sábio, meio demônio, tendo rompido um louco amor; Incrédulo, pagão, religioso, excessivamente criança, velho; versado em literatura e ciência; autor jovem, que apenas obteve pequenos sucessos com a representação de duas peças sobre o teatro real:



toca piano muito pouco, fala muito mal o francês, canta horrivelmente, pinta muito pouco; tudo e nada!"

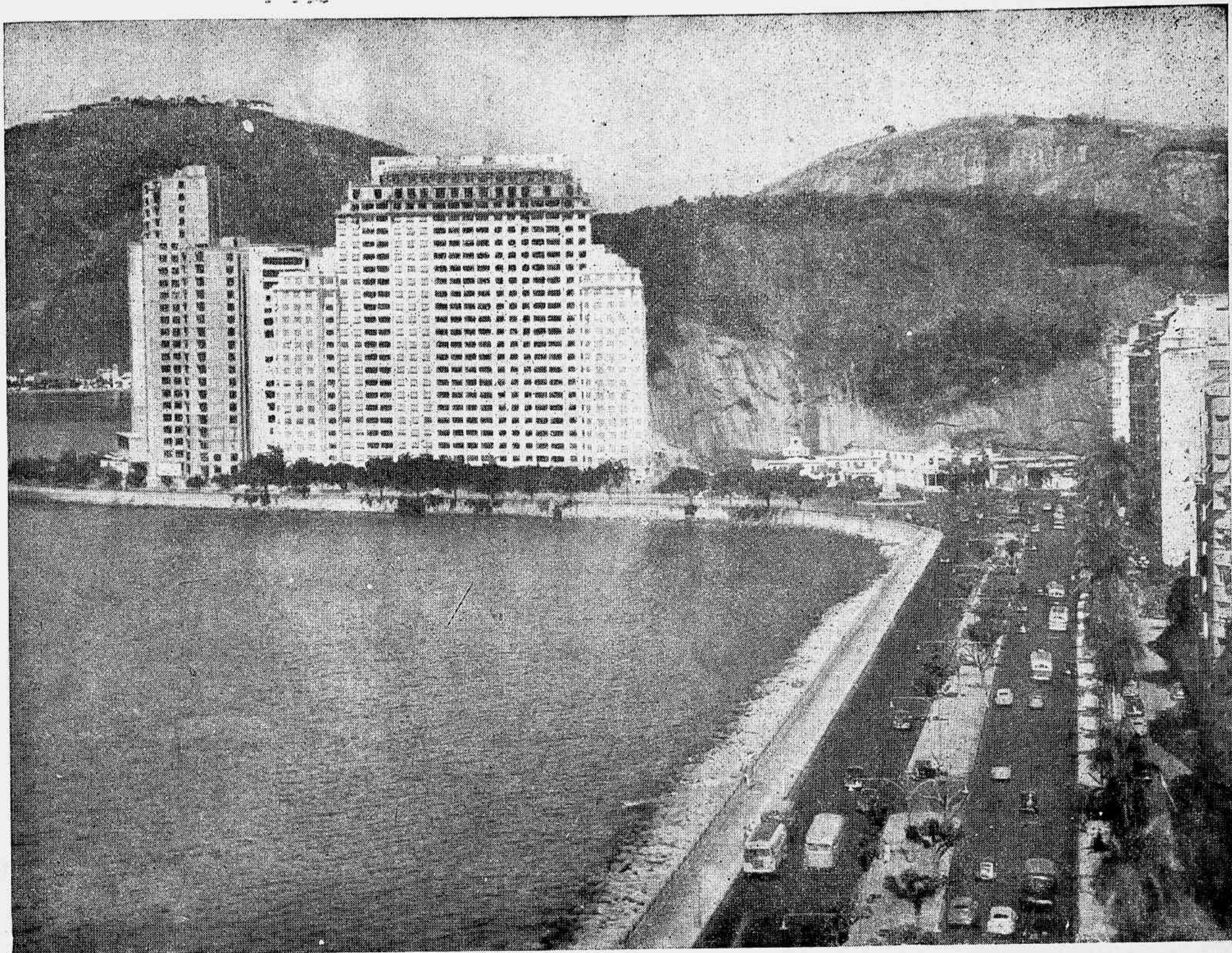
Comemorando seu primeiro aniversário a revista cearense "Clã", em seu número especial de fevereiro, além de sessenta páginas de colaboração, reúne os seguintes livros: "Papi Junior", de Raimundo Glirão; "A Compreensão do Fenômeno Poético", de Artur E. Benevides; "Janelas entre-abertas", de Lúcio Martins; "Latifúncio devorante", de Aluizio Medeiros; e "Notas sobre a salicultura no Brasil".

Dostolewsky, que sempre mereceu grande acolhida entre leitores do Brasil, através de sucessivas traduções vai ter a sua obra completa em uma edição especial brasileira. Mals dois volumes serão lançados dentro em pouco. São eles: "Crime e Castigo", numa tradução de Rosário Fusco, e "O Idiota", traduzido por José Geraldo Vieira. Brito Broca encarregou-se do prefácio dessas duas obras do grande escritor russo.

— “Nem com lágrimas tristes...” é o recente livro do Sr. Sérgio Cardoso Aires, uma das melhores afirmações literárias da nova geração de escritores patricios. Essa obra, que certamente constituirá um merecido sucesso para o seu autor tem a sua ação passada na Idade Média, o que basta como um índice bastante significativo do esforço e da erudição nela empregados.

— Para ocupar a cadeira de César Marques, a Academia Maranhense de Letras elegeu o Sr. Raul de Azevedo. Também a Academia Baiana ganhou mais um membro de apreciáveis méritos, o Professor Astério de Campos, poeta de rara sensibilidade.





Quem se dirige a Copacabana, passando pela Praia do Flamengo, tem a atenção despertada por um monumental edifício em final de construção.

Evidentemente, não é um prédio comum.

O seu majestoso aspecto logo se destaca no cenário maravilhoso que o rodeia, e que lhe aumenta ainda mais sua beleza.

Imponente, de linhas sóbrias mas perfeitas, é talvez o maior edifício de apartamentos residenciais da zona Sul.

Fiel ao nosso programa de apresentar o que há de mais novo e belo na cidade, não nos poderíamos furtar ao prazer de mostrar aos nossos leitores mais essa novidade.

Assim é que, aí temos o "Edifício Barão da Laguna". Conforme se encontra indicado em placa que existe à sua frente, conseguimos com o seu proprietário e incorporador, o Banco Hipotecário Lar Brasileiro, S. A., permissão para visitá-lo, e é dessa visita o resultado da extraordinária impressão que nos causou.

Formando um só bloco, o "Edifício Barão da Laguna" é, na realidade, um conjunto de cinco edifícios independentes, isolados, e que de comum só têm a fachada. Essa interessante forma de autonomia dos prédios, redundando, como se pode observar sem esforço, numa grande vantagem para os que nele residirem, qual seja a sensação de se encontrarem em uma casa, com as vantagens decorrentes de um apartamento.

A amplitude dos seus grandes apartamentos, compostos, todos eles, de dois salões e quatro ótimos quartos, se alia a magnífica, por que não dizer, excepcional vista que lá se descortina.

E' com prazer, pois, que registramos essa feliz contribuição do Banco proprietário e incorporador desse magnífico conjunto de prédios, para o agradável acabamento da orla do Flamengo, adornada pelos mais bonitos edifícios de carácter residencial que possui a nossa metrópole, e que apresenta, sem dúvida o "Edifício Barão da Laguna", como um dos principais, sob todos os aspectos, naquele aristocrático bairro.

Rio de Janeiro

CRESCE...



A VIDA DE BANTING

(FREDERICK GRANT BANTING — 1891-1941)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

AS granadas rebentavam ao impulso de um pesado bombardeio. Os corpos do exército regular canadense devolviam aos boches golpe por golpe. Na lama de Cambrai, soldados arregalavam grotescamente os olhos — perdido um membro, a vista, a própria alma. Cadáveres jaziam em promiscuidade uns com outros no último abraço da morte, esmagados, contorcidos, irreconhecíveis...

Delgado fio de sangue escorria dos lábios de Fred Banting. O moço resfolegava, presa dum delírio intermitente. Via-se inclinado sobre a enxada na granja de seu pai em Alliston, Ontário. O sol estava quente, escaldando-lhe os pés em contacto com a terra; a transpiração inundava-lhe o rosto. Pronto! Parou para enxugar os lábios com o braço. Gradualmente os seus olhos se desanuviaram. Não era numa granja que ele estava. Era num hospital. Sentia as costas enrijecidas. Em redor, homens e rapazes sofriam.

— Olá, filho. Vamos ter de operar. — Era a voz do médico do exército.

Banting virou-se de lado.

— O senhor não vai me cortar o braço. Pelo menos enquanto eu puder impedi-lo.

Era melhor dizerem-lhe a verdade. Banting servia no corpo médico do 44º batalhão. Aquêles rapazes sabiam conformar-se com a situação.

— Temos que amputar, meu filho. Senão, talvez não seja possível salvar-lhe a vida.

— Não, não; o meu braço não. Prefiro arriscar-me a morrer.

Um louco obstinado e pugnaz. Essas as palavras que melhor o caracterizavam. Em 1915 abandonara o seu curso médico na Universidade de Toronto para alistar-se como simples soldado. Mas tinham-lhe dito que voltasse aos estudos. Seria mais útil ao país com o seu diploma de doutor. Em 1916 tornara a alistar-se, desta vez como médico. Não se podia discutir com esses camponeses. Não estavam acostumados a receber contestação quando meditavam nos campos. Mantinham os seus direitos com a mesma tenacidade com que dirigiam o arado.

— O senhor vê, doutor, eu também sou cirurgião, e preciso de todos os membros que Deus me deu.

O médico encolheu os ombros e passou para outros leitos, para outros hospitais repletos de bravos mutilados.

Fred Banting "arriscou" — e viveu.

II

Voltou da guerra tão sossegadamente como partira. Entrou no Hospital Infantil de Toronto como cirurgião residente. Achara interessante remendar corpos enfermos, dar aos seres humanos mais um oportunidade na vida. Em Flandres presenciara a obra de uma poderosa mão destruidora, que infligia feridas e não as curava. "Parece a técnica engenhosa de um Grande Cirurgião enlouquecido".

Mas, no fim de contas, Fred Banting era médico, e não filósofo. Não tinha tempo de se preocupar com os problemas da Grande Sala de Operações. Andava muito atarefado com os seus próprios assuntos. De modo que se limitava a encolher os ombros e unir extremidades de ossos fraturados, amarrar músculos, endireitar pernas e braços da melhor maneira possível.

E então resolveu estabelecer-se por sua conta. Trasladou-se a London, Ontário, pendurou a sua tabuleta diante da porta e esperou. Nos primeiros trinta dias, só um cliente veio tocar a campainha. Os rendimentos de Banting durante o mês montaram exatamente a quatro dólares. "Parece que não vou conseguir êxito", disse, com um sorriso contrafeito. "Mas, de qualquer modo, sou bastante louco para teimar".

Acontecesse o que acontecesse, ele havia de ser teimoso até o dia de sua morte.

III

A Escola Médica do Ontário Ocidental aceitou-lhe os serviços como adjunto da cátedra de farmacologia. Era um terreno de que ele possuía conhecimentos muito limitados. Num sentido literal, considerava-se mais propriamente um estudante que um professor. Certo dia, teve de preparar uma lição sobre a diabete. Havia em todo o mundo milhões de diabéticos que "tentavam inutilmente viver à míngua". Pois a diabete se achava registrada como "uma das enfermidades fatais — remédio desconhecido". Banting reuniu a bibliografia existente sobre o assunto. Leu uma porção de artigos, preparou as suas notas, e foi deitar-se. Mas não pôde dormir. Vagas de sonolência passavam por ele, recusando logo ante a obstinada pergunta: Por que é que alguns organismos, ao contrário de todos os outros, não podem utilizar o açúcar existente no sangue e transformá-lo em combustível? A explicação estava, sem dúvida, num defeito do pâncreas — aquela glândula alongada que segregava os sucos fermentativos e transformava o alimento em energia física. Mas que defeito era esse? Tomemos o caso de Joe Gilchrist, por exemplo. Era um dos milhões de pessoas que morriam de fome em resultado dessa misteriosa doença. Joe Gilchrist era um amigo seu, também médico. Fora seu companheiro nos brincadelos, nas brigas, na escola de medicina. E agora morria lentamente, desesperançado, sentindo no hálito o cheiro de acetona...

Bem, bem, parece que não há remédio. Sem embargo...

"Espalhados pelo pâncreas normal, existem pontos escuros semelhantes a pequenas ilhas". Deviam estar ali por algum motivo preciso. Sim, mas por que motivo? Qual era a natureza dos ilhotas pancreáticos? Repetidas vezes os médicos haviam tentado isolar e analisar aqueles pontinhos escuros, mas em vão. Apenas um fato definido fora observado — que os "ilhotas" de um paciente morto de diabete se haviam reduzido a uma fração do tamanho normal, ao passo que os de um paciente morto por outras causas conservavam o primitivo tamanho. Esse era o fato. Quanto à sua razão, ninguém sabia explicá-la.

Banting virou-se e tornou a virar-se na cama aquela noite, atormentado pelo problema. O jovem médico era obstinado, terrivelmente obstinado. Sentia que aquelas ilhas misteriosas continham a solução do problema da diabete. E estava decidido a encontrar a solução.

De súbito, uma idéia lhe brotou no cérebro. Por alguns momentos Banting procurou "iluminar o abismo" interposto entre a idéia e a deliciosa vaga de sonolência que o invadia. Depois adormeceu.

Na manhã seguinte, dirigiu-se ao gabinete de seu chefe.

— Professor Macleod, — disse, — gostaria que me proporcionassem dez cães e um ajudante.

O velho e manhoso professor levantou os olhos da sua escrivaninha.

— Está interessado nalgum experimento cirúrgico? Creio que posso anuir ao seu pedido.

— Não se trata de cirurgia, doutor. Tenho o palpite de que poderei reduzir a mortalidade causada pela diabete.

O professor Macleod riu, bem humorado. — Todos os anos, na entrada da primavera, algum jovem médico vem procurar-me com uma cura para a diabete.

— Eu creio que posso descobrir um meio de vencer a doença — persistiu Banting. — Pelo menos, desejo tentá-lo. Gostaria de efetuar algumas experiências com relação ao pâncreas.

— Os maiores fisiologistas do mundo tem passado anos fazendo experiências com o pâncreas. E qual foi o resultado de tudo isso? Elaboraram uma dieta de fome para torturar e matar lentamente as vítimas.

— Eu sou teimoso, doutor Macleod.

— O senhor tem a preparação necessária para realizar experiências de fisiologia? Falando claro, que é que o senhor sabe a respeito da diabete?

— Praticamente nada, doutor. E' por isso que vou precisar de um especialista para ajudar-me.

— Está bem, Banting, pode começar.

IV

Quando os amigos e companheiros de Banting ouviram falar nos seus planos, pediram-lhe que não abandonasse a promissora carreira de cirurgião por um experimento fantástico. A princípio ele deu-lhes ouvidos. Voltou à sua escola em London, Ontário — durante um inverno. Ao aproximar-se da primavera, lá estava Banting num cubículo abafado, no Edifício Médico de Toronto — "um pesquisador voluntário, sem títulos e sem remuneração". Retirara a tabuleta de sua casa, desfizera-se dos instrumentos cirúrgicos e vendera a mobília. Pois sabia que a sua investigação não era coisa para poucas semanas. Dispunha de um aparelhamento mais que inadequado — praticamente nulo. Seu único laboratório era um banco. E as suas habilitações não eram melhores que o equipamento. Nunca na vida ele empreendera uma experiência original.

Sem embargo, foi com otimismo que Banting se defrontou com o seu ajudante — Charles Herbert Best — um estudante de medicina que mal completara os vinte anos. Esse rapaz havia demonstrado aptidão para a química. Saberia analisar o conteúdo de açúcar no sangue e na urina. E o próprio Banting realizaria todo o trabalho cirúrgico necessário nos cães.

Os dois homens puseram-se a trabalhar com entusiasmo. Fred Banting lera numa publicação médica que, ligando o canal pancreático, as células produtoras do suco digestivo "se encolhem e morrem". Isso lhe dava uma idéia. Desembaraçar-se-ia dos sucos digestivos do pâncreas, e assim poderia isolar e estudar os misteriosos

"ilhotas" que pareciam conter a solução do problema da diabete. "Eu tenho uma teoria, Charlie, segundo a qual as células dos ilhotas fornecem o combustível que queima o excesso de açúcar no organismo normal. Quando falta o combustível, o açúcar aumenta e o organismo se torna diabético". Essa lógica lhe parecia infalível. "O que temos de fazer, portanto, é ligar os canais pancreáticos dos cães, esperar algumas semanas pela degeneração das células digestivas, e então remover e analisar o resíduo — ou a sopa — dos ilhotas".

Começaram a experimentar nos cães. De dez, o número de animais se elevou a noventa e um. Mas sem resultado. E então, quando realizavam experiências com o novagésimo segundo cão, deu-se um milagre. O animal, a quem eles tinham removido o pâncreas, estava a morrer de diabete. Uma injeção do extrato de "ilhotas", e o açúcar no sangue entrou a diminuir. Algumas horas depois o cão estava de pé, latindo e sacudindo o rabo.

Banting ficou radiante. Descobrira o elixir da vida para os diabéticos. Sua teoria estava confirmada. Era realmente o extrato dos "ilhotas" pancreáticos que queimava o perigoso excesso de açúcar no corpo. Deu a esse extrato o nome de isletina — que quer dizer produto químico dos ilhotas.

Estavam terminados os experimentos — pensaram os dois jovens cientistas. Mas enganavam-se. O milagre foi de breve duração. Dentro de vinte dias o cão morreu de excesso de açúcar.

Que sucedera? Não tinham dado bastante isletina ao cão. Não tinham podido conseguir quantidade suficiente. Aquêles "extrato de ilhotas" era tão inacessível em grande escala como o mais raro dos minérios. "Estivemos experimentando com o elixir dos nossos sonhos".

Mas Banting ainda nutria esperanças de êxito final. Um dia em que estava sentado no seu laboratório, entrou a recordar a granja do pai em Ontário. Uma vida árdua, paciente, obstinada — aquela sucessão constante de semeaduras, mondas, colheitas e cuidados com o gado...

Ali estava a solução — o gado! Sabia agora onde obter a sua isletina em quan-

(Continua na pág. 49)



FREDERICK GRANT BANTING



Ann Sheridan, da RKO, exhibe um elegante modelo para jantar confeccionado em renda de seda preta. Fôrrô de tafetá

que falta a você, principalmente, é confiança em si mesma; essa certeza que dá a quem a possui uma força que se transmite aos demais, fazendo com que todos respeitem nela a sua personalidade, o seu valor. Se você tivesse confiança em si própria, não estaria exigindo que a sua família e mesmo os seus amigos repetissem a cada instante os mesmos elogios, quer se relacionem com a sua beleza, inteligência ou elegância. Não estaria também receiosa de enfrentar as situações mais simples; não receitaria tanto um fracasso ou um ridículo; não se retrairia tanto e também não fugiria à qualquer situação que exigisse responsabilidade.

E isto a prejudica enormemente. Você mesmo o sente; você que não acredita nas suas possibilidades nem se julga capaz de impressionar quem quer que seja, em qualquer terreno, você se sente infeliz e inútil.

No entanto, tudo está a seu favor. Capacidade, conhecimentos, você os possui, apenas receia empregá-los por que você mesmo os julga insignificantes e insuficientes.

Olhe, porém, ao seu redor e veja quanta gente menos capaz do que você tem vencido e continua vencendo; é porque possuem os espírito da luta, é porque confiam em si próprios ainda que às vezes tenham que recorrer ao "bluff". Muitos assumem responsabilidades acima das

suas capacidades porque sabem que o tempo lhes trará a experiência que substituirá os conhecimentos que não possuem.

Outros, no entanto, como você, não vencem apesar da sua competência, porque não se atrevem a demonstrá-la porque a escondem atrás de uma injustificada timidez.

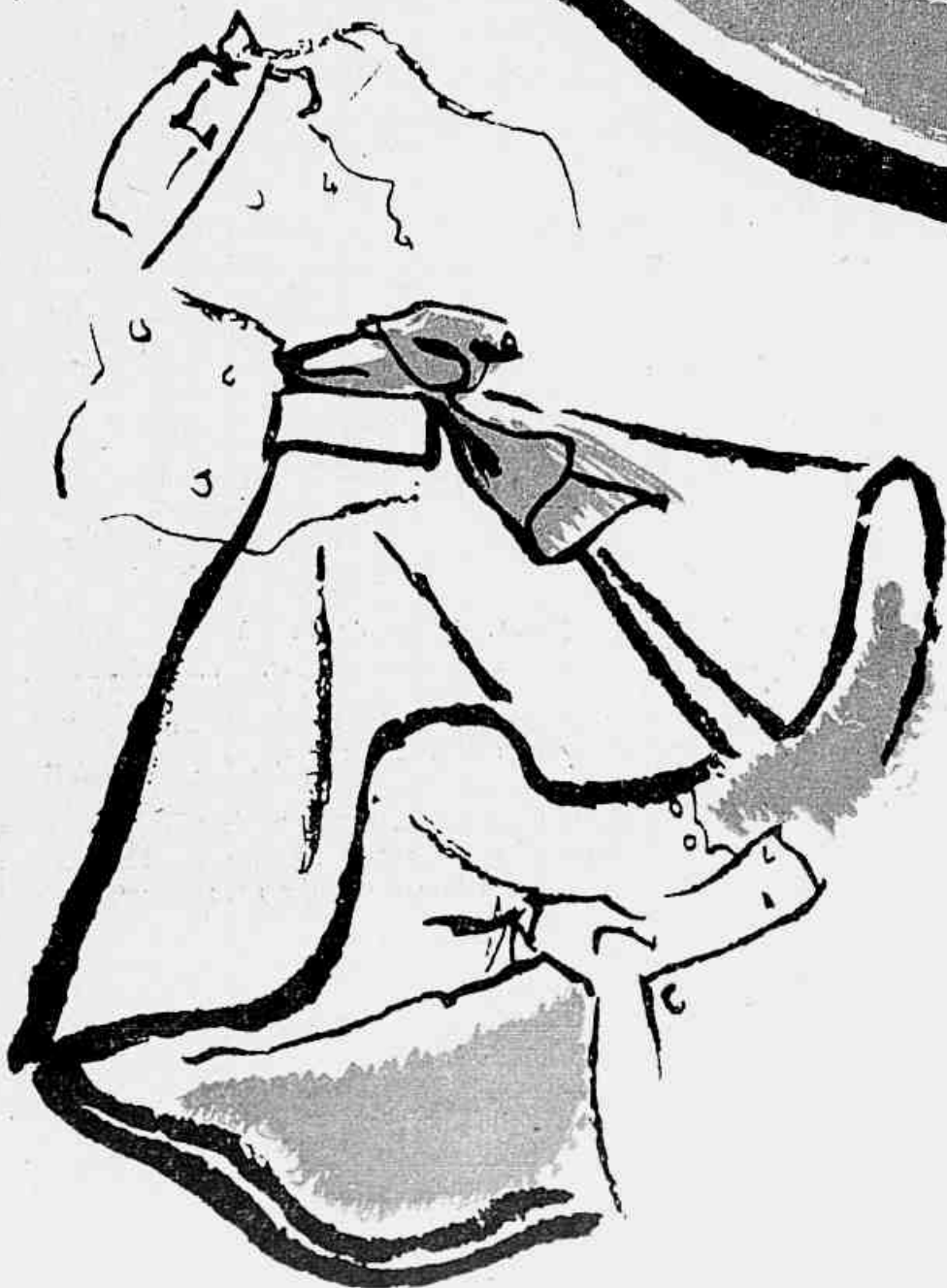
Nesse caso, só muita força de vontade, só uma reação forte poderá modificar as coisas a seu favor. Seria necessário adotar uma outra atitude, mesmo que no início ela não fôsse mais do que aparente; atitude que refletiria a confiança em suas próprias possibilidades e que, com o decorrer do tempo viesse a se tornar normal.

Possuindo as suas qualidades, não é justo que essa falta de confiança a prejudique. Tente convencer-se do contrário; tente convencer-se de que deve vencer e que está preparada para isso. As primeiras vitórias tornarão o resto mais fácil. — O. B.

Nos bastidores femininos

A pelerine

Um outro detalhe que se evidencia na moda de inverno, é a pelerine. E' usada em lã, completando "manteaux" ou à guisa de boleros, em pele para trajes mais "habillés", algumas vêzes seu comprimento se acentuando muito para trás. Uma idéia dêsse novo detalhe da moda de inverno aqui oferecemos às nossas leitoras.





VESTIDOS CASEIROS

Erradíssima é a teoria de "p'ra andar em casa, qualquer coisa serve". A mulher, seja qual for a sua idade, deverá manter, mesmo dentro de casa, uma certa "linha", uma certa graça, sem que tenha, é claro, que recorrer às grandes "toilettes". Para isso existem modelinhos simples e graciosos que podem ser confeccionados em tecido de algodão e que não lhes dão esse horrível aspecto do "à vontade". Os modelinhos aqui apresentados foram selecionados para esse fim.



Ê LES estavam agachados junto a uma caixa de madeira, do centro da qual saía uma vareta de ferro que terminava espetada num pequeno cilindro. Seus olhos, já acostumados à escuridão, examinavam atentamente o aparelho, e o mais velho dos dois, que aparentava cinquenta anos, corria as mãos pelos fios, apalpava a caixa, tudo com muito cuidado. O rapaz falou numa voz queixosa:

— Está escuro de mais...

O velho chasqueou:

— Você queria uma noite de luar para uma empreitada como esta? É, não faltava mais nada que a gente fazer este serviço na cheia, hein? Qual, rapaz, cada vez que você abre a boca é um desastre...

— Falei por falar...

O velho levantou-se, deixando escapar um gemido, e levou as mãos aos joelhos, esfregando-os.

— Bom, então vamos ver mais uma vez.

O rapaz recitou depressa, quase sem tomar fôlego, como se repetindo lição bem decorada, apontando para uma mancha escura que sobressaía na campina, ao longe:

— Quando a locomotiva chegar justamente naquela árvore, eu pressiono o cilindro. Depois corto os fios com o alicate, jogo a caixa no rio e fugimos.

— Ótimo, ótimo — aprovou o velho. — Vamos para o buraco.

Caminharam um pouco, curvados, e desceram para uma acentuada depressão do terreno. Deitaram-se. O velho perguntou:

— Quantos passos têm daqui até lá?

O rapaz não respondeu. O velho foi impiedoso:

— Não faz mesmo nada direito, nada. Tem vinte e um passos, jovem, vinte e um passos normais. Assim, nessa escuridão, você se arrisca a tropeçar no detonador, se não estiver absolutamente certo do lugar onde ele está. Eu posso ir de olhos fechados que pararei na frente dele. Diga-me uma coisa: quem foi o imbecil que o escolheu para isto?

Podia-se notar o esforço que o rapaz fazia para dominar a raiva, quando respondeu:

— Ninguém me escolheu. Eu me apresentei voluntário, junto com outros companheiros, e fui sorteado.

O velho pareceu falar sozinho:

— Quando recebi ordem para vir fiscalizar o serviço, pensei que viesse mesmo só para olhar. Mas estou vendo que a coisa não vai ser assim tão fácil...

— Pode estar descansado, que farei tudo de acordo. Não sou criança.

OS SABOTADORES

CONTO DE ILDEU BRANDÃO

— Bem, bem, não precisa se zangar. Diga-me uma coisa: daqui até lá há algum acidente no terreno?

— Não.

— Então não há nenhum acidente no terreno daqui até o detonador, não é, meu amigo? Pois há, sim, senhor; há um acidente, uma espécie de degrau, três passos antes dele. Preste atenção no que faz, homem! Então você não notou que nós descemos um lance? Vamos fazer o seguinte: você vai até lá, sozinho, contando os passos e prestando a máxima atenção em tudo. Em tudo, ouviu? Vamos, depressa!

O rapaz levantou-se de um pulo e saiu. O velho espreguiçou-se e ficou olhando para o céu sem estrelas. Com pouco o outro voltou.

— É, o senhor tinha razão, tem um degrau mesmo. Mas agora eu também sou capaz de ir daqui até lá de olhos fechados.

— Ótimo, ótimo. Mas, em todo caso, quando chegar a hora você vai com os olhos abertos. E bem abertos.

Os dois se calaram. O velho não se movia, o que não se dava com o rapaz, que ora estalava os dedos, ora se levantava, ora esfregava as mãos.

— Rapaz, o repouso é um bom remédio para os nervos...

— Eu não estou nervoso.

— Não falei isso.

De novo se calaram. O rapaz ficou quieto durante uns cinco minutos; depois voltou a se mexer.

— Quantas horas são?

padres e um general, de quebra. Mas será possível que...

— Não, não. Não é o que o senhor está pensando, não. Perguntei por simples curiosidade. Olhe, fique sabendo, de uma vez por todas, que eu não sou covarde, ouviu?

O velho levantou-se, caminhou calmamente até ele e deixou escorrer pastosamente a voz, o que lhe dava um cunho de energia incomum:

— Veja como fala comigo, rapaz. Você elevou a voz, está quase gritando, o que é um perigo. Não vê que alguém pode passar aqui perto e ouvir? Onde é que você está com a cabeça? E eu não insinuí covardia, não, meu jovem, mas sentimentalismo, o que é um mal e precisa ser superado. Sabe por que eles mandaram você para este trabalho? Justamente porque estamos precisando de uma turma de jovens corajosos e dispostos a tudo. A fase aguda se aproxima. Veja bem como procede.

A voz do moço veio humilde:

— O senhor me desculpe, eu estou um pouco nervoso. E' a espera... Na hora eu tenho certeza de que saberei agir. Se ao menos a gente pudesse fumar...

O velho não respondeu. Tirou do bolso um cachimbo, encheu-o vagarosamente e estendeu-o ao rapaz.

— Fume com cuidado, tapando o fogo.

Ouviram ao longe uma cantiga. A voz veio se aproximando. O velho deitou-se. A voz tornou-se mais forte, depois foi se enfraquecendo novamente, aos poucos, até se transformar num rumor longínquo. O rapaz sugou inutilmente o cachimbo. O velho cochichou:

— Depois eu acendo para você, vamos esperar um pouco.

Agora só se ouvia, outra vez, o rumor do rio e o canto dos grilos.

O velho chegou a binga ao cachimbo. A luz mortífera iluminou a fisionomia do rapaz.

— Quantos anos você tem?

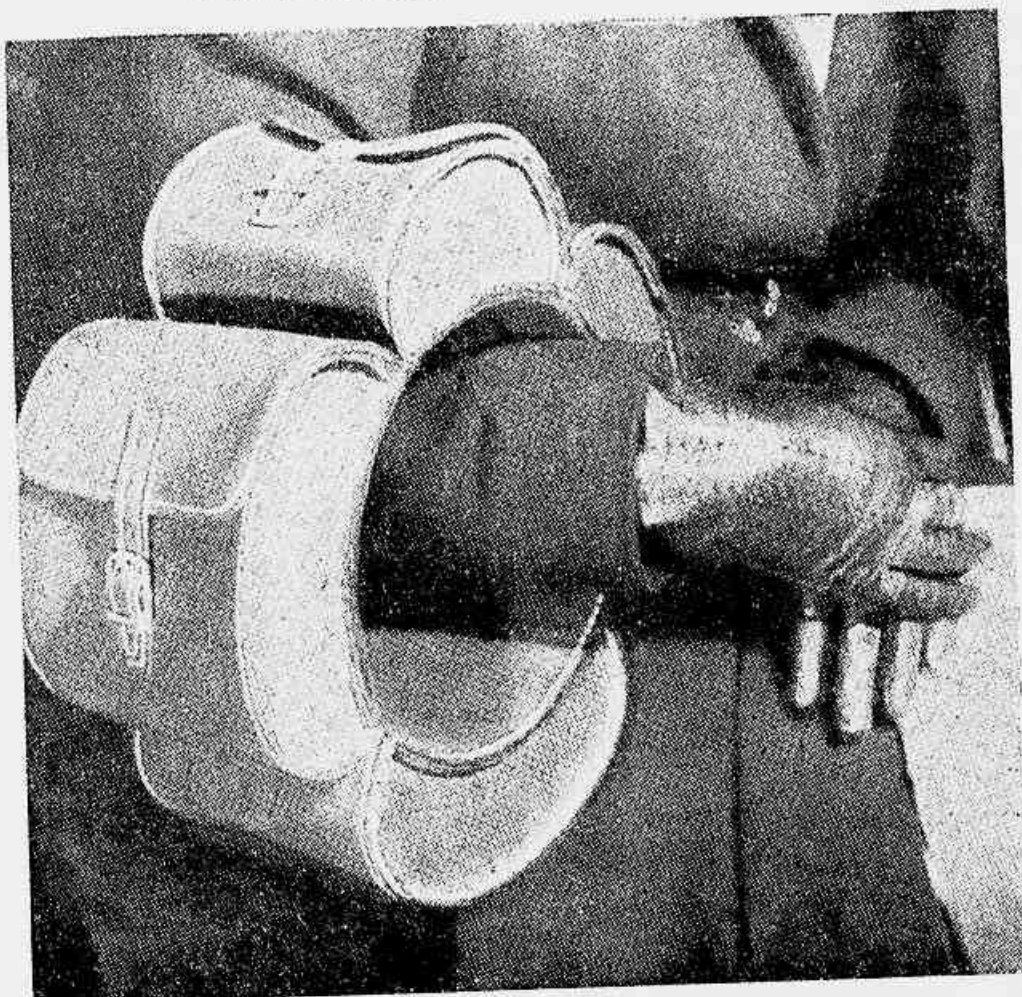
(Continua na pág. 46)

DETALHES E NOVIDADES



Robert Piguet sugere uma gravata de cetim com grandes "pois", para ser usada com um vestido decotado

A direita: Colête em tafetá cinza com parte em listras verdes e brancas, elegante e bem moderno



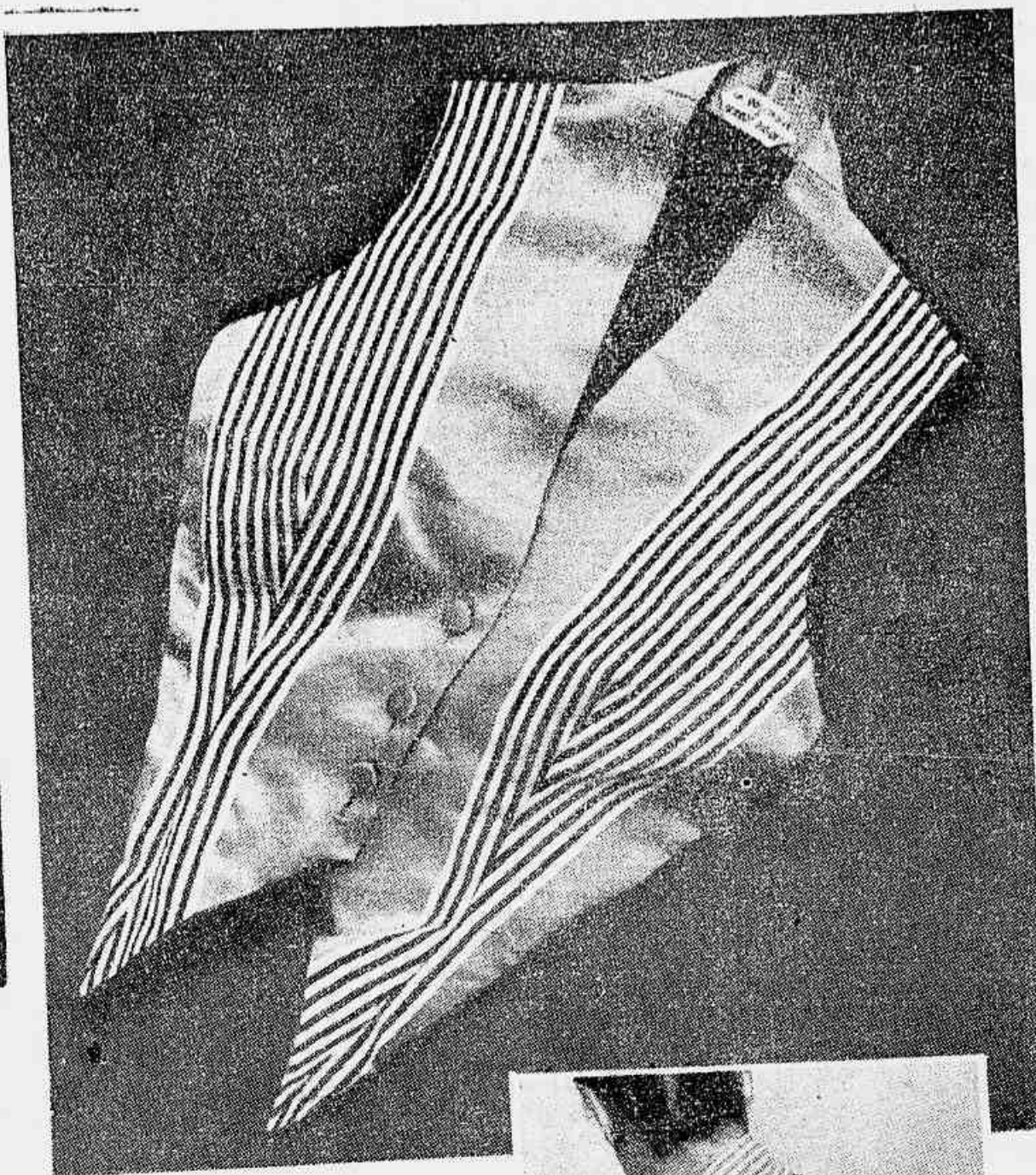
Uma bolsa originalíssima, um pouco audaciosa, sem dúvida, mas de grande utilidade

Para o passeio este modelo transpassado e abotoado do lado, é bastante prático



Bolsa de couro, moderníssima, em forma cilíndrica com fecho em metal dourado

Chapéu, estola e guarnição do vestido em lã quadriculada preta e branca, próprio para tardes frias ou chuvosas



O AMOR É ASSIM...

Por LUCILE D'ARLEMONT

Quando ela foi pedida em casamento, todo mundo a felicitou. Que partido! Ele era um homem de certa idade; mas muito correto no trajair, de sólida fortuna acumulada através de trabalho persistente e bem dirigido.

Confidencialmente, uma de suas amigas perguntou à noiva: "E o outro?" Ora, o outro... Um rapaz pobre, sem maiores possibilidades de dar-lhe conforto e representação social, estava conformado com o destino.

Notava-se, porém, no semblante da jovem noiva um certo desgosto íntimo que ela se esforçava por ocultar através de uma ventura superficialmente nutrida pela simulação.

Os pais queriam êsse casamento. Era lógico e razoável. A união de dois corpos nesse contrato que é uma obrigação civil e um casamento religioso, não pode ser assunto de somenos importância. Dêle derivam outros problemas muito mais sérios e complexos através da vida dos cônjuges.

Vêm os filhos, vêm as quedas da saúde, a educação dos filhos vêm, os altos e baixos da vida surgem, e, se não possui o casal recursos suficientes para enfrentar a luta o olho das tragédias está a espreitar a nora do drama.

Era justo que a moça aceitasse a opinião dos pais e preferisse o candidato que reunia maiores possibilidades.

Chegando o dia do matrimônio, ela se vestiu de noiva com um modelo belíssimo. Estava divina. Dezenas de amigos, parentes e convidados a acompanharam ante o Juiz para a solenidade do ato inesquecível.

Não passou despercebido, porém, aos pais e a alguns convidados mais perspicazes, que a noiva estava visivelmente nervosa, de olhar inquieto, trêmula, como que indecisa, ciente.

Mas isso era natural em tais momentos, pensavam os observadores.

Chamados os noivos, o Juiz pronunciou as palavras do ritual obtendo o "sim" de ambos diante da assistência e das testemunhas presentes. As assinaturas foram aposadas no livro e extraída a respectiva certidão. Mas...

O que a boca pronunciou o coração deixou de aprovar. Ela dissera um "sim" apenas com os lábios, pois sua alma estava tãda para os lados da morada do seu ex-amado...

E logo após os abraços e os beijos de felicitações e amizade, com os seus pais a limpar os olhos das lágrimas de tanta emoção, ela, a noiva ditosa, a jovem que tivera a sorte de ser escolhida por um homem rico educado, bom, deixou tudo e todos, correndo para os braços daquele que a diferença de recursos havia repellido e jogado sem consolo para a margem da vida!

E ela chorando de emoção espontânea e sincera, pediu-lhe perdão, jurou-lhe amizade eterna com os lábios e o coração, e foram tratar de anular o casamento imperfeito...

E tudo isso por quê?

Porque o amor é assim...



DR. SABOIA RIBEIRO

AVITAMINOSES NA CRIANÇA

A orientação sistemática da alimentação infantil deve observar sempre que, com os cereais (farinhas), as féculas, as frutas (sucos, polpas, saladas) e as verduras (ervas, legumes), sejam também propiciada à criança, e de acordo com a idade e as necessidades de seu desenvolvimento, uma quota suficiente de vitaminas. A carência destas, no organismo infantil, acarreta, mais cedo ou mais tarde, certos estados que revestem, na criança, uma importância de todo especial, visto que, particularmente exposta a certas moléstias infecciosas — sarampo, coqueluche, gripe — é nas suas reservas desses princípios que a criança vai encontrar bons elementos de defesa, tornando-as menos graves nas suas manifestações habituais. Em particular, é princípio assentado que a carência da vitamina C constitui fator predisponente da tuberculose, sendo a coqueluche, o sarampo e a gripe, as moléstias que, na primeira idade, com mais habitualidade, levam à eclosão da terrível infecção, especialmente mortal na criança.

A carência das vitaminas A, C e D produzem quadros clínicos típicos, e são: da A, a Xerofthalmia; da C, o Escorbuto; da D, finalmente, o Raquitismo. Não obstante a carência das vitaminas A, C e D podem também ocasionar formas clínicas mais ou menos atípicas, como acontece, aliás, nas suas formas frustras. Por outro lado, podem determinar quadros em que suas manifestações específicas se somam, resultando formas mistas, cuja variedade depende, naturalmente, das respectivas combinações. Nas formas frustras a carência é apenas relativa, daí manifestações mais ou menos discretas.

Com relação à carência da vitamina B, o quadro, na criança, é antes habitualmente atípico. Sem característicos definidos, primeiro porque muito variadas as ações no organismo dos diversos fatores que integram essa complexa vitamina; segundo, porque, de todas, é a mais espalhada nos alimentos, e particularmente resistente à destruição, o que naturalmente se opõe a uma carência total.

Na criança de tenra idade os quadros bem caracterizados das Avitaminoses não ocorrem com maior frequência, devido em geral a que são moléstias mais ou menos crônicas, e portanto demandando algum tempo para que se mostrem com uma forma típica. Além disso, como já frisamos, as crianças trazem já ao nascer um certo depósito de vitaminas, acumuladas durante a gestação no ventre materno; mas como, já entre o terceiro e o sexto meses, esse depósito pode estar reduzido de forma a constituir o "deficit", é sempre necessário que, por essa época, já se cuide, na alimentação, especialmente de prover delas o organismo infantil.

Por outro lado, há considerar ainda que as carências de vitaminas na criança acompanham-se, em regra, de outras perturbações da nutrição (carências afetando a própria vida celular e todo o organismo), que se antecipam ou sobrepõem no quadro, de modo que os sintomas dependentes da falta de vitaminas passam a plano secundário ou nem sequer assumem uma feição evidente (e esse o caso, por exemplo, nas diarreias infantis). Acontece, além disso, que a carência, não só de uma vitamina, senão de várias ao mesmo tempo, é antes a eventualidade mais corrente, de sorte que os quadros puros de avitaminoses são menos habituais que as formas de carências associadas. De todas as avitaminoses, a devida à carência de vitamina C parece ser mais frequente, como se vê na palidez sintomática das que são alimentadas quase exclusivamente por leite (cuja fervura destrói necessariamente a vitamina C nele existente). Nas que, ao mesmo tempo, consomem frutas e legumes, sob a forma de saladas ou em estado de cru, o suprimento dessa vitamina se faz de maneira compensadora; daí a necessidade de dar à criança suco de frutas com esse fito, como de uvas, laranja, lima, etc., após o terceiro mês.

Para que uma forma pura de Avitaminose se manifeste na criança é sempre necessário que somente a respectiva vitamina esteja ausente no respectivo regime, sendo este correto quanto às demais substâncias que integram o alimento correto. É o que se dá, por exemplo, com a criança nos três primeiros meses alimentada de leite ou leite e farinhas; como porém a fervura de leite destrói a vitamina C, é ocorrência frequente um estado mais ou menos bem caracterizado ligado à falta dessa vitamina, e consiste numa palidez, que não é outra coisa que a anemia pré-escorbática. Se o regime assim defeituoso se prolonga por tempo maior, virão mais tarde as lesões sangrentas das gengivas, tumefações articulares, todo o quadro, enfim, do Escorbuto (a carência pura de vitamina C conduz ao Escorbuto).

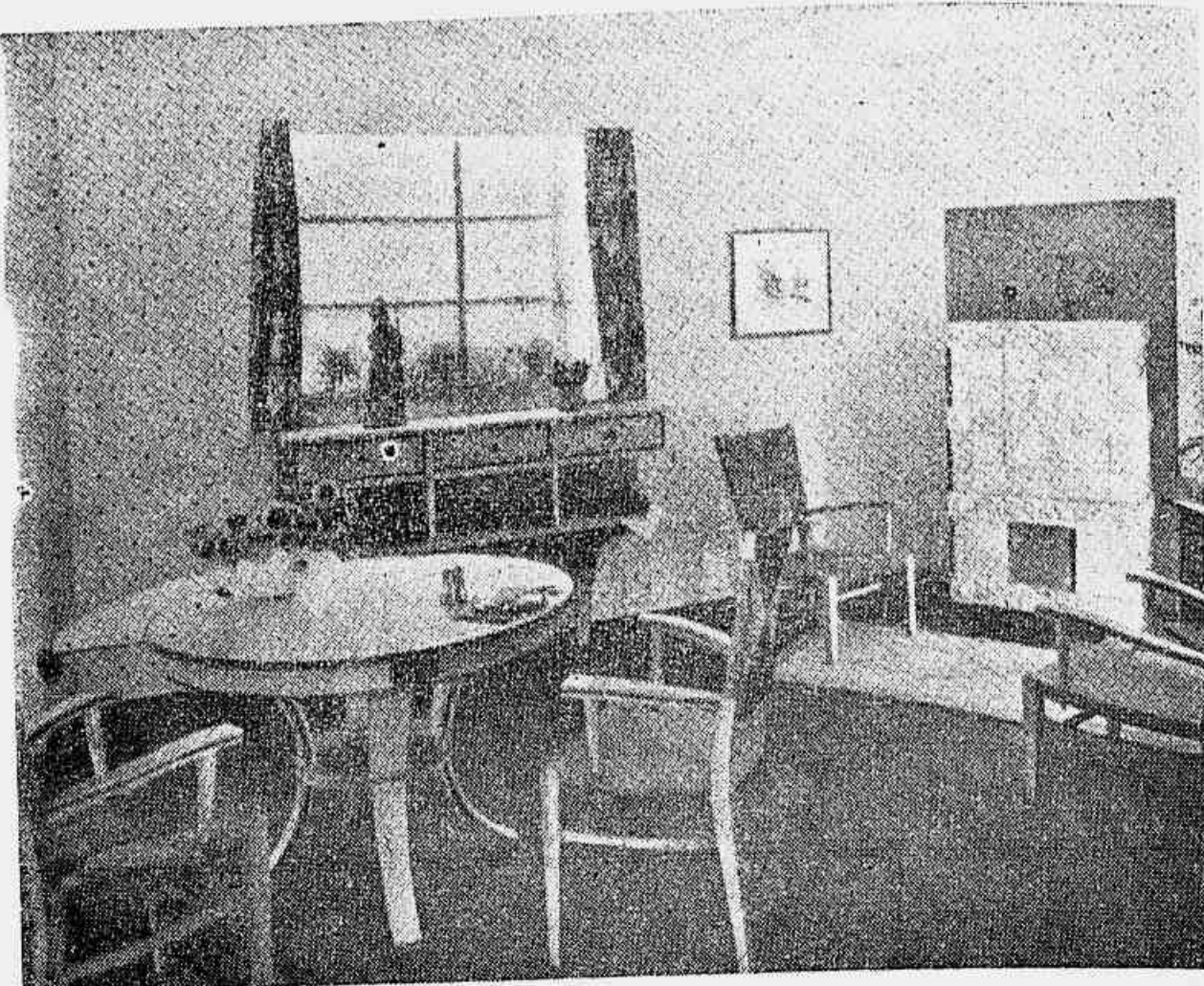
Com as vitaminas A e D, em circunstâncias semelhantes, que possam atingir uma ou outra dessas vitaminas, também formas puras das respectivas avitaminoses podem mostrar-se na criança.

Sabe-se, por exemplo, que a vitamina A é suprida pelo leite, nos primeiros meses; pela manteiga, ovos e gorduras em geral, mais tarde. Uma criança privada de leite nos primeiros meses e criada com excesso de farinhas ou leite hiper-açucarado, com exclusividade; o resultado pode ser dentro de curto prazo uma Avitaminose A. Foi o que aconteceu na Dinamarca por ocasião da Grande Guerra de 1914-18. Então, com a retirada total da gordura do leite, na qual se encerra a vitamina A, as crianças passaram a consumir um leite privado dessa substância, e o resultado foi uma manifestação generalizada, entre as crianças, das manifestações da Avitaminose A, atingindo sobretudo os órgãos visuais, além do "deficit" orgânico por falta de gordura na alimentação (Distrofia alipo-genética de Bloch).

A vitamina D é, em grande parte, na criança, elaborada graças à influência da luz solar, transformando a ergosterina da pele em verdadeira vitamina D. Assim, embora um regime correto do ponto de vista da quantidade e da qualidade do alimento, a criança, se privada da ação benéfica dos raios solares mediante uma exposição regular e metódica de sua pele aos mesmos, poderá apresentar sintomas aparentes de Avitaminose D, ou seja, o próprio Raquitismo.

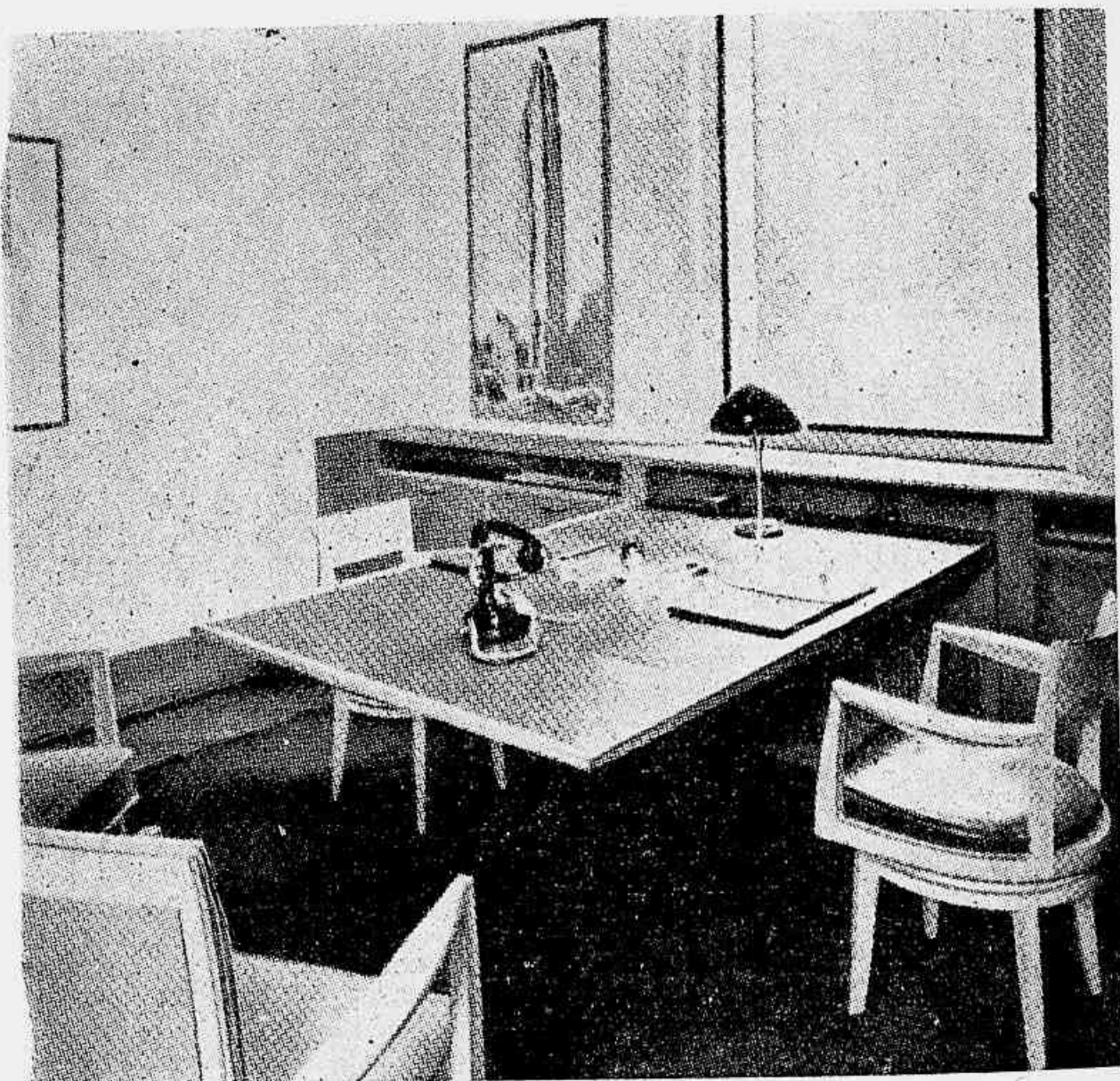
O leite é uma boa fonte de vitamina D, e na Europa, onde o leite é de boa qualidade, quase não se encontra o distúrbio devido à sua carência abaixo do primeiro ano, porém, depois dessa idade, quando o regime muda, e a vitamina D passa a depender principalmente da sua síntese no organismo, por influência dos raios solares; os rigores do inverno interrompendo periodicamente os benefícios do insolação, ocorrem por vezes as manifestações do Raquitismo na criança, aliás, o próprio leite, nesse período, é menos rico da vitamina D, anti-raquítica.

Entre nós a carência da vitamina D por motivo da falta de sol não constitui causa apreciável; daí que as manifestações da Avitaminose D revestem um caráter antes frustro, e quase sempre ligado à má higiene das habitações (moradias em vielas e porões); é claro que a vida das crianças trancadas em aposentos sombrios, mesmo em aposentos peçados de cortinas e ar pouco renovado, pode conduzir a idênticos agravos à sua saúde.

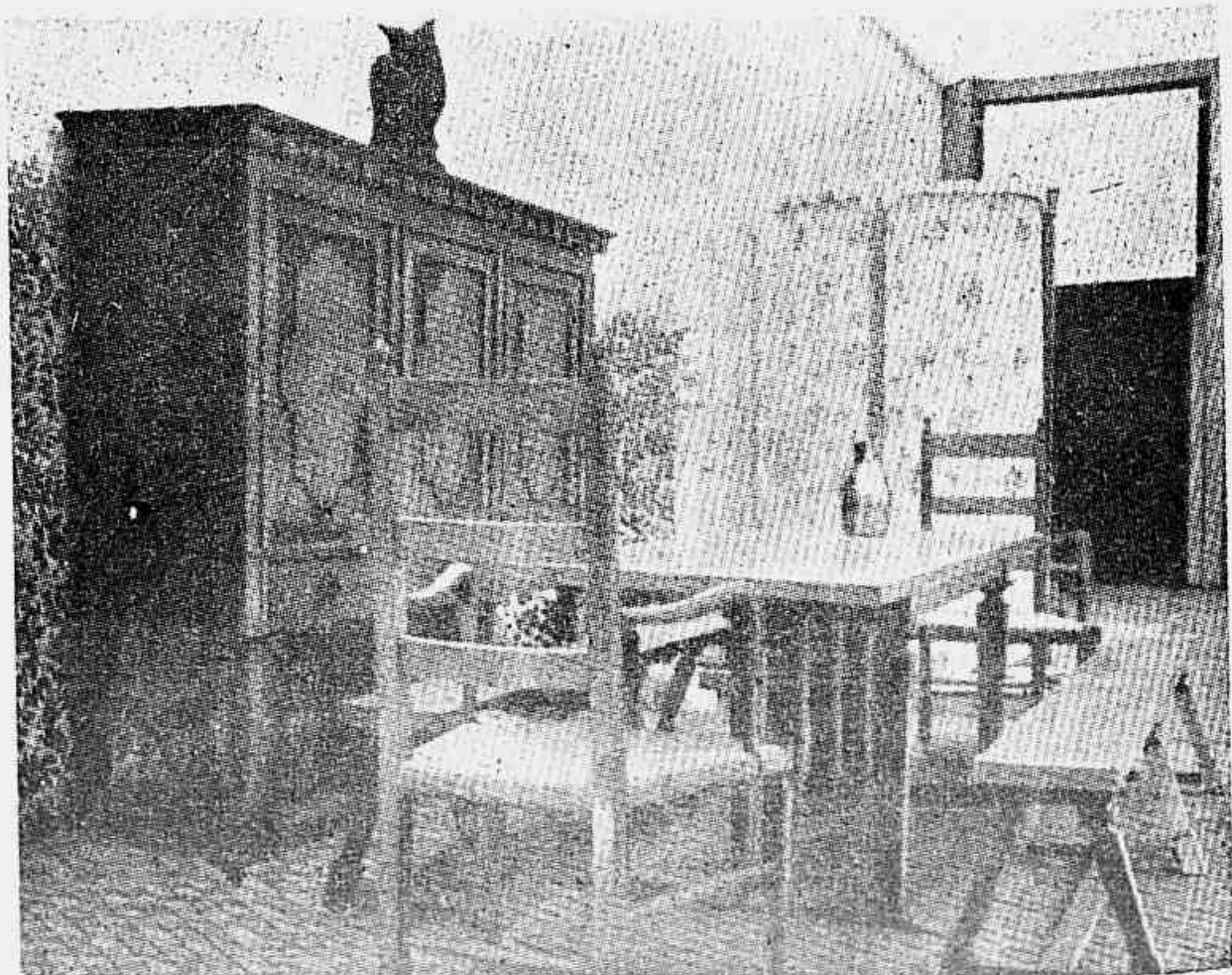


INTERIORES

TRÊS novos e modernos interiores são aqui apresentados nesta página. Ao alto, uma sala de jantar, com móveis encerados, alegres e claros, paredes bem claras dão ao ambiente maior amplitude e conforto; ao centro, um gabinete de trabalho prático e



bem sugestivo; finalmente, uma outra sugestão para sala de jantar, desta vez trata-se de um ambiente mais clássico, inspirado nas velhas províncias da França.





ELEGÂNCIA INFANTIL

TAMBÉM as meninazinhas do tamanho de Shannon Roach, "estrelinha" da MGM, merecem as atenções dos criadores de modas. Aqui, a graciosa garotinha exhibe, para as suas "fans" do Brasil, alguns encantadores modelos.



inhos. Em cima, vestidinho em cassa branca; à esquerda, duas elegantes camisoladas de dormir, uma em fina cambrala rosa claro, a outra em "voil" azul bem claro com "pois"

DIAS FELIZES...

NÃO é raro, aliás, é até frequentíssimo, ouvirmos pais que dizem aos filhos: "Você está vivendo os dias mais felizes de sua vida; trate, portanto, de aproveitá-los bem"... O que realmente acontece, não é bem isso. Não se pode negar que a infância e a adolescência sejam épocas adoráveis, mas, incentivando crianças e adolescentes a "viverem os dias mais felizes da sua vida", os próprios pais estarão apontando o futuro como uma coisa desagradável, aborrecida, quando não apavorante. Além disso, encorajadas pelas palavras dos pais, elas procurarão extrair da infância e da adolescência tôdas as satisfações possíveis o que não raro leva-as a praticar coisas impróprias à idade e a assumir atitudes inadequadas.

Em qualquer período da vida, o indivíduo pode encontrar motivos que o façam feliz, desde que tenha sido preparado para isso. A natureza e o caráter das suas diversões mudarão de acôrdo com a idade, com a experiência e com os novos pontos de vista, mas, de qualquer forma ele poderá encontrar razões para alegrias e satisfações.

Poucos são os adultos que desejariam voltar (se isto fosse possível) à infância, para reverem os momentos de folguedões, pois sabem muito bem que teriam que sacrificar muitas das coisas agradáveis que tiveram depois daquele período. Tal desejo



A criança não "precisa" engatinhar, como muitas mães o supõem. É muito mais higiênico e benéfico, deixá-la no cercado forrado com um colchão estreito

poderia partir de uma criatura que tivesse fracassado inteiramente na sua vida de adulto e que assim procuraria uma forma de escapar à realidade. Se tal criatura tivesse sido devidamente preparada para a vida, isto não aconteceria.

A vida é dada ao homem para ser "vivida" e do passado ele deve apenas extrair as lições que a experiência lhe ensina.

Que se permita à criança que se divirta e se alegre; que se lhe dêem tôdas as oportunidades para que se distraia, mas que se lhes ensinem também a olhar com simpatia para o futuro, evitando assim que se repitam com tanta frequência os casos dos adolescentes que se atiram com avidez à vida, receiosos de que mais tarde tudo venha a se tornar mais difícil e a responsabilidade lhes venha tolher os passos.

Há uma medida para cada coisa e isso compete aos pais indicar aos filhos.

CONSELHOS — Não espere que o seu filho cresça para aprender a ser disciplinado. Ensine-o, desde cedo a cuidar das suas coisas e isso se transformará num hábito que crescerá com ele. ★



Supervise você mesma a alimentação dos seus filhos. Não deixe um assunto tão importante entregue às cozinheiras e às babás. ★ Pais irresponsáveis só podem criar filhos irresponsáveis. E já existe tanta irresponsabilidade por esse mundo afora.



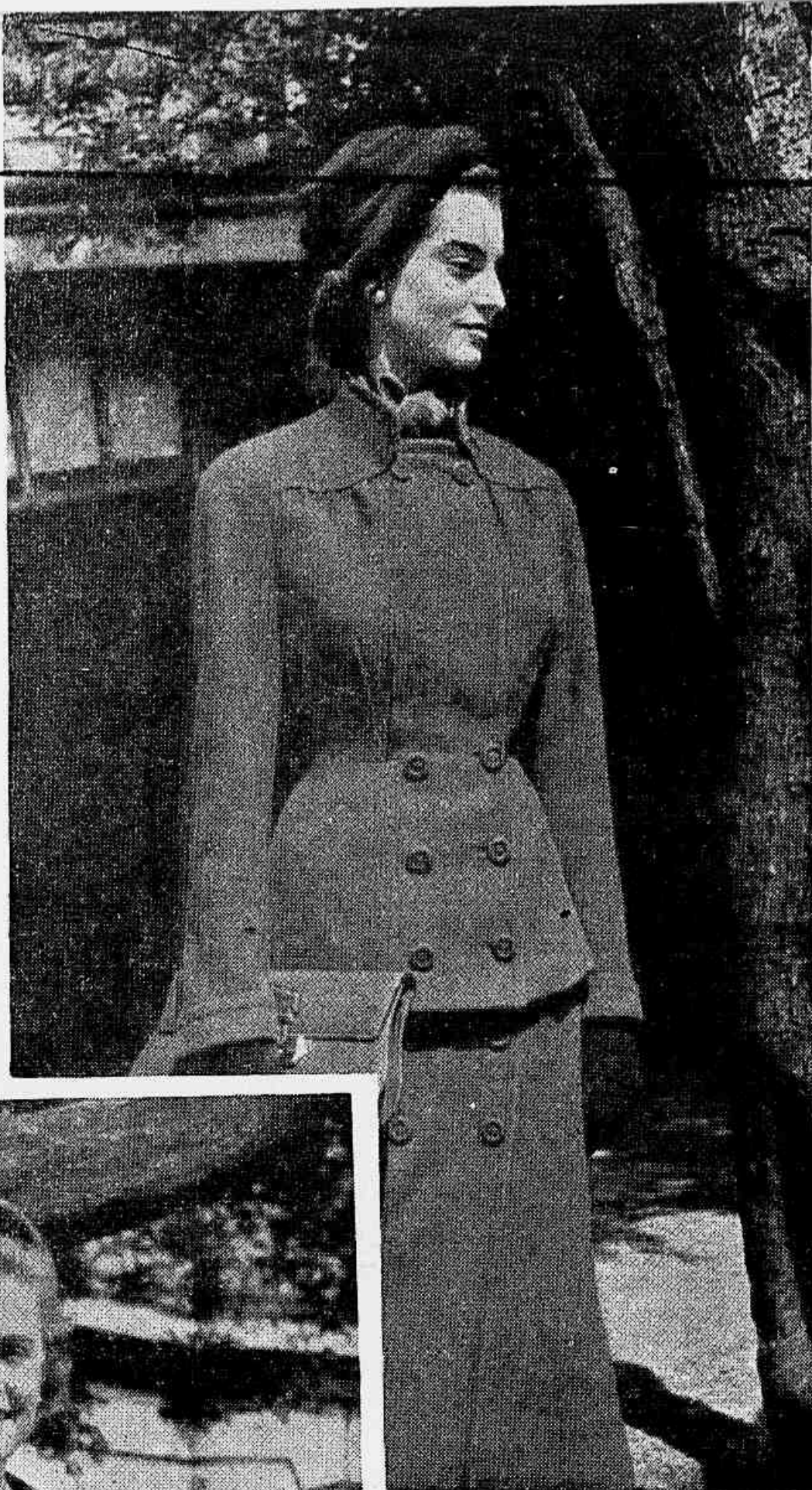


Tarde

Os modelos para o fim da tarde são mais rebuscados, levando-se em conta mesmo a possibilidade de que a reunião, o jantar, vá terminar numa "boite", ou num teatro. Por isso, os modelos já são criados com a dupla finalidade de servir para o fim da tarde e para a noite, como a leitora verificará nos que aqui apresentamos.

N

ATURALMEN-
TE o uso do
"tailleur" não
dispensa a blu-
sa, pois assim o torna muito
mais prático. As blusas para
"tailleur" devem ser, de pre-
ferência, de gola alta, estilo
"chemisier", para melhor se
adaptarem ao uso a que se
destinam. Não é por isso, no
entanto, que deverão ser por
demais simples não permi-
tindo que a fantasia as torne



ainda mais encantadoras. Al-
gumas poderão ser bordadas
como as que Worth e Lucille
Manguin aqui apresentam ou
com "rouches" como a de
Jeanne Lanvin. Outras ainda,
como a de Patou, levam
grandes iniciais aplicadas em
tom contrastante.



O Tailleur

E A SUA BLUSA



JEAN PATOU



WORTH



LUCILE MANGUIN

PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

COVARDIA

Certo matutino desta capital, divulgou detalhadamente numa reportagem, os atentados incríveis contra inocentes e indefesos animais do nosso Jardim Zoológico. Fiquei horrorizada diante de tamanha covardia, embora compreenda que a maldade é parte essencial neste vale de lágrimas. Um sem número de crueldades praticadas por indivíduos sadistas, ignorantes, deseducados e principalmente desnaturados, foram expostas no referido trabalho. Como é possível meu Deus, que, criaturas humanas sem nenhuma razão preponderante que justifique tamanhos horrores, tenham a coragem ou antes, a covardia de apagar cigarros nos olhos de uma pobre e indefesa ema? Retalhar com uma gilete a cauda de uma inteligente e divertida macaquinha? Iludir com palavras e gestos uma bondosa avestruz e impiedosamente perfurar-lhe o estômago e fígado com um arame de 15 centímetros de comprimento? Esmagar a pedradas a cabeça de um indefeso jacaré? Colocar charutos acesos, na boca de animais mansos e inofensivos, como aconteceu com o pobre guará — uma espécie de lobo brasileiro — simplesmente porque teve a desgraça de acreditar na bondade humana? Francamente, atitudes desta natureza desmerecem qualquer classificação! Todavia, como seria de justiça um castigo por mais bárbaro que ele fosse, num indivíduo que praticasse tão horripilante ação! Que lástima eu sinto de não existir no código penal deste país, um parágrafo ou artigo que instituisse a "cadeira elétrica"! Pois, se isto chegasse a acontecer, asseguro que monstruosidades desta e de outras espécies, não seriam tentadas quanto mais realizadas.

Entretanto, muitos não de convir que estes horrores só acontecem entre o nosso povo, porque somos essencialmente ignorantes. Concorro sem relutar, pois infelizmente este, é o nosso maior flagelo. No entanto, é necessário compreendermos que apenas um elemento é culpado, por esta camarilha de indesejáveis, ignorantes e desnaturados que vivem por aí, cometendo sem nenhuma punição, as mais cruéis monstruosidades: — certas mães. A elas, é que cabe exclusivamente a responsabilidade de encontrarmos, poltronas de cinemas, ônibus, trens e não raro de taxis, completamente inutilizadas. A elas, devemos culpar por tudo que está acontecendo aos inocentes e indefesos animais do nosso Jardim Zoológico; uma organização que, para qualquer país é sempre motivo de orgulho, porque o carinho e a proteção que, por um sentimento humanitário devemos dispensar aos animais, é simplesmente a demonstração cabal da civilização de um povo. Todavia, se certas mães para a infelicidade do Brasil, não fugissem covardemente de suas obrigações maternas e ensinassem aos seus filhos desde cedo a amar e proteger os animais, conservar asseado o local onde permanecem, obrigá-los a reconhecer e reparar os danos materiais, causados por eles, em qualquer objeto por mais barato que fosse, tenho certeza que não testemunharíamos tanta covardia e desumanidade. Portanto, se as maiores culpadas nada sofrem pelo desleixo e irresponsabilidade da educação dos filhos, só nos resta lástima o que estão passando os pobres animais do nosso Zoo e implorar aos céus que um destes tarados seja surpreendido apagando um cigarro no olho de uma ema ou de outro qualquer animal e, que receba o castigo com a justiça que tamanha crueldade requer. Que o senhor Prefeito redobre os guardas de vigilância do Jardim Zoológico; que distribua por todos os pontos investigadores que saibam cumprir os seus deveres; enfim, que seja implacável com estes monstros covardes, que não valem o mais vil dos animais e, tenha a certeza que será apoiado pela imprensa em geral e todos os homens de bem. Pois, não é possível que exista neste mundo de Deus alguém que possa ficar impassível diante de cenas de tamanho barbarismo. E, além do mais, se os autores de tão vis atentados hoje não receberem o legado que lhes cabe por serem assim tão cínicos e revoltantes, pensam que amanhã, eles não serão capazes de praticar atitudes idênticas com pobres e inocentes criancinhas? Nem tenhamos dúvidas, porque infelizmente, na maioria das vezes, estes indivíduos não estampam no rosto o negrume da alma e do coração que possuem.

Correspondência

Yvonne Maria — Tijuca — Nesta. "Tenho 19 anos, aconteceu-me uma desgraça que até hoje, a minha própria família ignora. Devo confessar ao homem a quem escolhi para esposo, o "segrêdo" que pretendo levar para o túmulo?"

Yvonne, posso imaginar o conflito que se está travando na sua pobre alma. No entanto, é lastimável que você minha filha, não tenha tido a coragem suficiente para confessar tudo a sua família. da qual, naturalmente, receberia todo apoio e compreensão. Peça a Deus que lhe dê coragem, reúna as suas forças e conte tudo a sua mãe. As mães têm o dom do perdão e, a sua, não poderá ser diferente das demais. Depois deste desabafo, acredito que a solução será você confiar este tremendo "segrêdo" ao homem a quem pretende unir-se. Pois, se não o fizer, estou certa de que ele jamais lhe perdoará.

Martha Leony — Cambuquira — Sul de Minas. "Lentamente, a minha vida está se transformando num verdadeiro inferno. Percebo que o noivo de minha irmã, cada dia que se passa, cumula-me com "certas" gentilezas que deixa claramente transparecer o amor que ele sente por mim. E, para a minha desgraça, sinto que ele não me é indiferente. Devo confessar tudo a minha irmã a quem tanto estimo e, cujo casamento realizar-se-á d'aqui a um mês?"

De maneira alguma Martha, você deve arruinar a vida de sua irmã, arrancando-lhe o amor e a felicidade que ela espera deste homem que pretende desposá-la. Quanto ao amor que você julga que ele lhe dedica, não é amor absolutamente. Ao meu vê, este homem é um grande espertalhão e, talvez nem mereça o sacrifício de sua irmã em casar-se com ele. Afaste-se deste "Don Juan" e diga-lhe sem rodeios que o procedimento que ele demonstra é de uma baixaza que repugna e que, sua irmã não merece tamanha desconsideração.



O corte, principalmente, dependem os penteados modernos. Antes de fazer ou mandar fazer qualquer penteado é necessário verificar antes se os cabelos estão com um corte moderno e se a sua "linha" é perfeita. Depois disso, mesmo em casa, poderão ser feitos os pen-

teados, já que a moda atual nesse setor prima pela simplicidade. O penteado exibido aqui sob diversos aspectos, para melhor esclarecimento da leitora, é moderníssimo e toda a sua beleza depende, como dissemos, principalmente do corte.

CABEÇAS MODERNAS

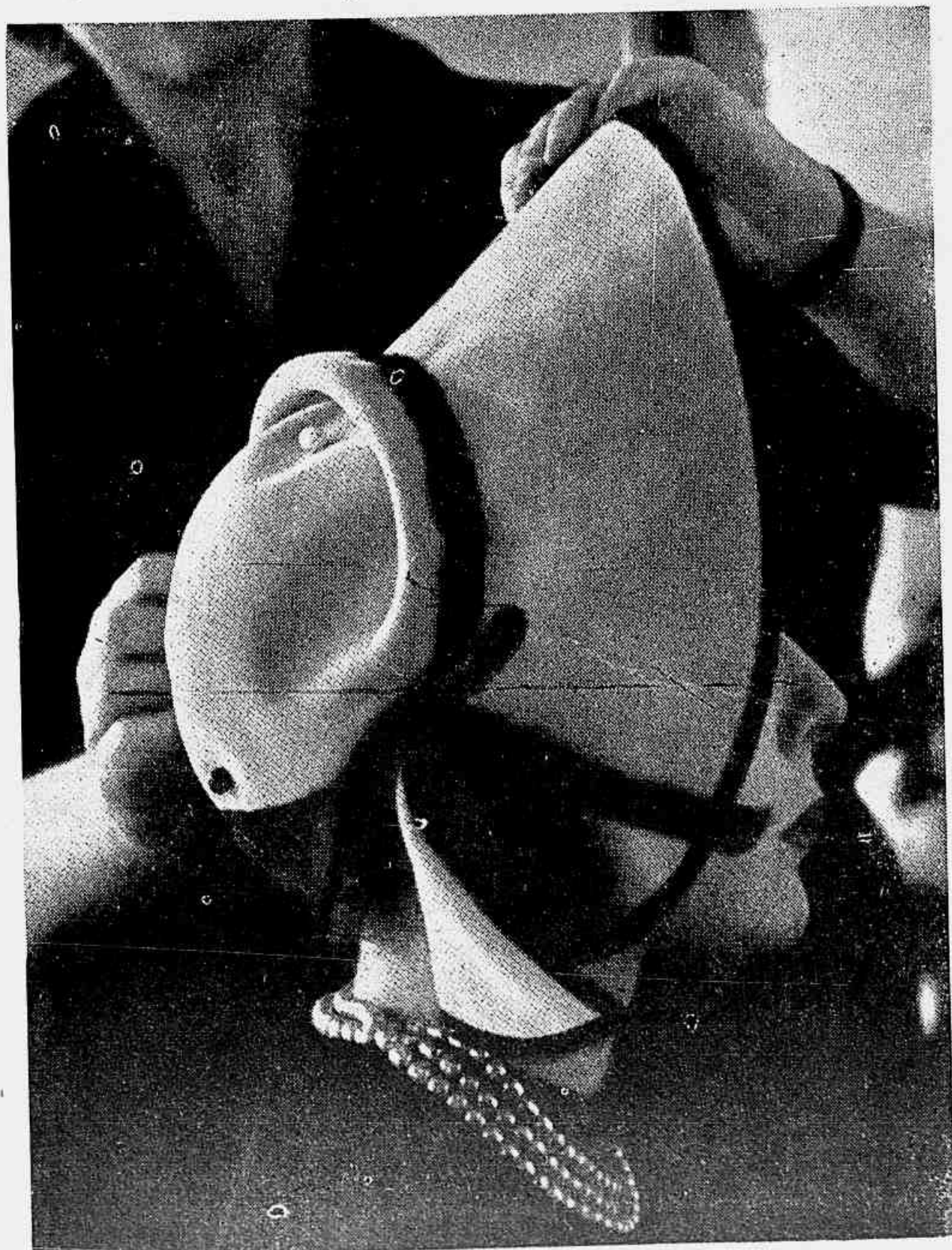




CHAPÉUS DE PARIS



CAROLINE Reboux, Janine Lacroix e Suzanne Talbot, são os nomes famosos que assinam estas recentes criações para o inverno. Ao alto, feltro cinza e preto; ao centro, chapéu quadriculado com echarpe; em baixo, feltro cinza e veludo preto.



week-end A COZINHA

BIFES DE BATATAS

Descasque um quilo de batatas, deite em água fria e rale cruas, adicione 5 ovos, 1 xícara de leite e sal. Misture bem e frite aos bocados como panquecas, porém, mais grossos. Arrume os bifes de batatas num prato e sobre cada um coloque um pequeno monte de ameixas.

★

LEGUMES EM FOLHAS

Cozinhe em água a ferver, sal e ½ colher de açúcar, 1 couve-flôr pequena, 6 cenouras, ½ repolho escaldado e 1 punhado de vagens sem fios. Depois de tenros parta a couve-flôr em galhinhos, as cenouras e o repolho em tiras. Arrume os legumes numa fôrma untada e polvilhada com pó de pão. Bata 5 ovos, as claras em neve, junte ½ xícara de leite, 1 colher de manteiga derretida e despeje tudo sobre os legumes, polvilhe de queijo e leve a assar no forno em banho maria. Retire da fôrma e regue com manteiga derretida. Fica melhor forrando a fôrma com fatias de presunto e juntando as aparas dos legumes.

★

PUDIM DE NOIVA

Faça uma calda com ½ kg. de açúcar, junte 1 dúzia de ovos e peneire. Adicione 2 colheres de manteiga derretida e baunilha. Despeje tudo numa fôrma untada e leve a



As saladas são sempre saudáveis. Devem ser incluídas pelo menos numa refeição diária

assar no forno em banho maria.

★

BOLINHOS DE PÉROLAS

Tome 2 xícaras de farinha, 1 de açúcar, 2 colheres de chá, de Royal, ½ de sal, 2 gemas e 1 clara em neve. Amasse tudo e junte leite até enrolar. Faça bolinhas como avelãs e frite na gordura quente.

★

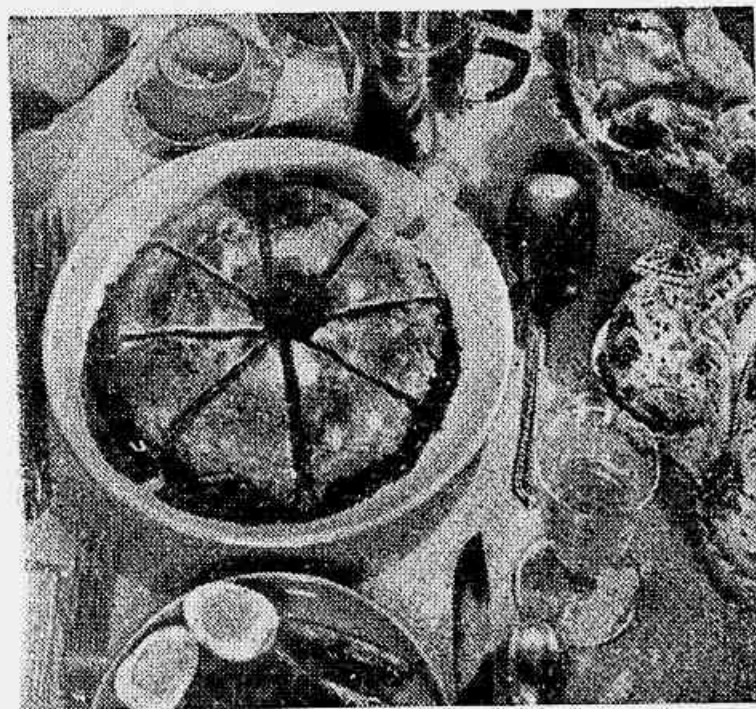
BISCOITOS DE AREIA

335 gs. de farinha de trigo, 125 gs. de manteiga, 130 gs. de açúcar. Peneire a farinha com o açúcar e misture com a manteiga. Depois estenda a massa e corte em rodinhas com o cortador. Leve a assar no forno e ainda quentes passe em açúcar.

★

LICOR DE ABACAXI

Ponha numa vasilha as cascas de 1 abacaxi e deite por cima 3 xícaras de calda em ponto de pasta e a ferver. Cubra com um pano e deixe repousar por 6 horas. Passe o líquido num pano, sem espremer, e adicione 1½ litro de álcool a 40.º Filtre e guarde em garrafas.



Uma saborosa torta de maçãs será sempre recebida com agrado

CULINÁRIA

Se a carne que você vai assar está muito rija, dê-lhe antes uma fervura, levando-a em seguida ao forno.

★

O limão deve substituir o vinagre no tempêro do alimento, tôda a vez que isto se torne possível. Seu sabor é mais agradável e seu valor nutritivo é imenso.

★

Para que os pastéis cresçam, será preciso fritá-los em gordura suficiente para cobri-los totalmente.

UM HOMEM

CONTO DE MARIA ADELAIDE MIRANDA

A distração do Zeferino fôra tóda a sua vida um motivo de desgosto e vexames. Tôda criatura é mais ou menos distraída — questão de mau funcionamento ou distúrbio no maquinismo cerebral. Mas o caso do Zeferino era mais grave. Chegava às raias do inverossímil.

— Ora, isso é mentira! — dizia muita gente ao ouvir os fatos relatados por pessoas insuspeitas. Mas não; era verdade.

Surras êle levava-as de sobra em pequeno. D. Gertrudes, sua mãe, custou a conformar-se, mas cansou.

— Dê-lhe Horsford, é muito bom — diziam os amigos penalizados.

— Qual, Zeferino é um caso perdido, já desisti — respondia a mãe encolhendo os ombros num geto de desânimo, fatalista.

Fôra, apesar de tudo, sempre o primeiro na escola. E era — caso estranho! — a matemática a sua matéria preferida.

Zeferino ficou moço, formou-se em engenharia, mas não melhorou.

Em criança tudo se releva. Êle esquecia-se, distraía-se, apanhava, mas as coisas corriam mais ou menos bem.

Porém, como tudo é relativo, suas distrações foram tomando vulto.

Não era só a banheira que êle esquecia aberta inundando a casa, nem os fósforos acesos no tapêto pondo em risco o prédio e os moradores. Os casos agora eram mais sérios, por isso que afetavam os seus negócios e reduziam a sua clientela.

Passaram-se os anos.

Como todo o mundo êle casou, e com uma mulher sublime, de paciência mais que comprovada, já que não o mandara passear após esperar duas vêzes por êle na igreja para a cerimônia nupcial.

D. Nair tomou a si o encargo de velar por Zeferino.

Sair com sapatos diferentes, colarinho duro sem gravata era coisa frequente, de todos os dias. Por isso, antes de sair, ela examinava-o de alto a baixo, não fosse êle esquecer algum detalhe importante.

— Zeferino, puseste as meias por fora das calças e a liga também!

— Hum! E' por isso que custei tanto a enfiar as meias; que distração!

— Zeferino — tornava a mulher com a sua calma evangélica — está chovendo; dá-me essa bengala, toma o guarda-chuva; não esqueças o fraque.

— E' mesmo — ria-se êle. E lá ia, o pensamento mergulhado nos algarismos e procurando resolver um problema que sempre tinha na cabeça.

A noite voltava e era frequente esta troca de palavras:

— Zeferino, não achas que a tua camisa não é esta? A tua não tem bordado...

— E' verdade — respondia indiferente; achava aquilo tão natural... Mudar de casa era para êle um suplicio, e durante uma semana ou mais era certo ir parar à residência antiga, da qual voltava ve-

xado ante os sorrisos maliciosos da vizinhança a quem cumprimentava desconfiado.

O tempo de casado foi o melhor da sua vida porque a espôsa, sempre dedicada e boa, corrigia-lhe as faltas, ocultando dos outros seu defeito.

Já tinha amigos; fizera-se delicado, de mais até, porque cumprimentava a torto e a direito.

— Mesmo que não enxergues bem, cumprimenta — dizia-lhe a mulher, temendo a sua miopia e distração.

E êle assim fazia.

Havia na janela da vizinhança um gato a quem êle tirava sempre o chapêu quando voltava do trabalho, escuro já, coisa que devia intrigar sobremaneira o bichano, pouco habituado a tais amabilidades. "E' maluco", devia dizer consigo.

Só muito tarde Zeferino deu pelo engano.

— E' uma pena — diziam os amigos. — Êle é tão bonzinho!

E êle era mesmo bom, dedicadíssimo à família e tinha loucura por Tonico, o filhinho mais moço, um garoto vivo, esperto, de 5 anos.

— Vamos bincá de polícia, papai?

— Vamos, onde está o revólver?

— Tá aqui; onde tá o teu?

— O meu é de verdade, não é para brincar.

— Quero vê êle, papai; mi mostra!

Mas Zeferino desconversava, o garoto desistia e êles brincavam de polícia e ladrão. O ladrão era êle sempre e era, sempre êle também quem morria, com grande alegria para o Tonico, que batia palmas exultando, radiante...

— Matei o ladrão, mamãe! Venha ver, matei o ladrão!

Zeferino deitava-se no chão, quieto, e depois levantava-se, sacudia as calças, rindo muito, o rosto vermelho congestionado do esforço que fizera, e dizia valdoso:

— Este pequeno é um colosso! — E fungava olhando ao redor a procurar o pince-nez que se encarapitava no seu nariz chato largo, num milagre de equilíbrio.

— Gente! Onde está meu pence-nez? — exclamava, olhando ao redor com os olhos pertados no esforço de enxergar.

O tempo passou.

As coisas melhoraram para o Zeferino, e êle pôde dar-se o luxo de pensar numa férias. E num belo dia de sol, num trem superlotado, munido de uma boa merenda que se denunciava no papel manchado de gordura e no cheiro característico de galinha assada, lá se foi êle com a família gozar as águas milagrosas que traziam do solo a saúde e a atmosfera deliciosa que vivificava os pulmões saturados de pó e micróbios.

Zeferino esqueceu-se dos negócios, dos algarismos e gozou a temperatura adorável e fresca que obrigava o uso dos casacos relegados para o fundo das malas e





DISTRAÍDO

ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO

que pareciam sorrir vaidosos apesar de amarrados como que a dizer: "Então, não foi bom que víssemos?".

D. Nair multiplicava-se e dividia-se, porque os filhos, apesar de três, eram quatro. Zeferino era um deles e o que mais cuidados lhe dava porque não podia castigá-lo pelas distrações que inventava. E ele sabia inventá-las tão bem! Até em cenas de ciúme ela já se vira metida porque Zeferino distraí-se a olhar as caras bonitas. Não era por mal, ele era inofensivo e incapaz de uma ação menos correta, nas... distraía-se e quedava-se a olhar, parado, distante...

No quarto ao lado do seu havia um homem que o olhava de esguelha, esquisito, quando, na sala de refeições, ele se punha a devanear, com os olhos na moça que lhe ficava em frente, como se estivesse a apreciar uma linda paisagem.

— Não olhes assim, Zeferino! — dizia-lhe a mulher, aflita. — Fica feio.

— Hein? — acordava ele. — O que foi?

— Nada, Zeferino. Mas não olhes em frente.

— Está bem, não olho — dizia, calmo.

Mas nas horas de raiva d. Nair desesperava-se e tinha ímpetos de pôr um guiso o pescoço do marido e soltá-lo.

Apesar desses contratempos que só à esposa afetavam, Zeferino divertiu-se à grande na estação de águas, passeou a cavalo e esgotou quase as águas das fontes sempre sob os olhares maternos da esposa que tudo lhe permitia, menos jogar. Bom... a não ser no bicho, vício de que ele não abria mão e no qual empregava toda a sua matemática.

Lista feita por ele era algo de importante, de sensacional, como importante era também a interpretação dos seus sonhos.

Agartixa lhe servia perfeitamente para dar o jacaré.

O Zeferino entretanto andava macambúzio e ao passar pelo cassino esticava os olhos vasculhando o interior do salão e sentindo um frenesi louco ao ouvir, lá dentro, as frases breves que para ele diziam muito: "sequência", "royal straight flash", etc., e que soavam aos seus ouvidos como uma linda melodia.

E ele remexia-se na cama a noite inteira.

— O que tens, homem, que não te acalietas? — perguntava a esposa.

— Não sei. Acho que são os mosquitos — respondia.

Um dia, porém, decidiu-se.

Que diabo, ele era um homem e não um bebê!

Podia fazer o que quisesse. Iria jogar um poker, por que não?

E a mulher espantou-se com o apuro do marido, ao vê-lo todo engomado, o cabelo brilhando e metido no fraque preto do casamento.

— Onde vais nesse luxo todo, homem?

— Ao cassino — respondeu ele arrogante, mas com o coração pequenino como um grão de arroz.

— Hum! Hum! Como está ele! Então vais ao cassino? Irei também.

— Não, vou jogar.

A mulher alarmou-se e desesperou-se.

Que calamidade faria o marido no cassino?

Não houve entretanto rogos que demovessem o nosos herói da resolução que tomara, e, deixando a mulher emburrada, lá se foi radiante, um ar imponente na figura comprida e magra e um grito de vitória ressoando dentro de si; a vitória dos fracos...

Os companheiros de hotel olharam-no como se olha a um fenômeno.

— O que! O Zeferino por aqui!

Mas este, importante, alheio aos comentários, aboletou-se à mesa e jogou. Jogou... tudo. O alfinete de gravata e as abotoaduras foram adornar outra gravata, outra camisa, e o seu dinheiro enchia agora outra bolsa também.

E às duas horas, depois de tudo perder, voltou ao hotel, com o rosto triste e desconsolado. Entrou e empurrou a porta do quarto, apenas cerrada.

— Oh! — desabafou. — Estou cansado!

E, ato contínuo, sem fazer ruído, no escuro, tirou o casaco e deitou-se, depois e tatear o leito com as mãos.

— Ui! — gritou ele. Mãos fortes e brutais haviam agarrado as suas como tenazes.

— Bandido! — sussurrou um vulto que crescera à sua frente como uma alma penada. — Pensaste que ela estivesse só, hein? Não está não!

E o fantasma, cheirando a álcool e cebola, encheu de socos a cabeça do pobre Zeferino, que gemia de causar pena. E, no silêncio da noite, pancadas surdas e ritmadas cortavam o ar, ecoando no carão velho, fazendo vibrar nos ouvidos alarmados e curiosos dos aquáticos um bão, bão esquisito.

O corredor encheu-se de cabeças.

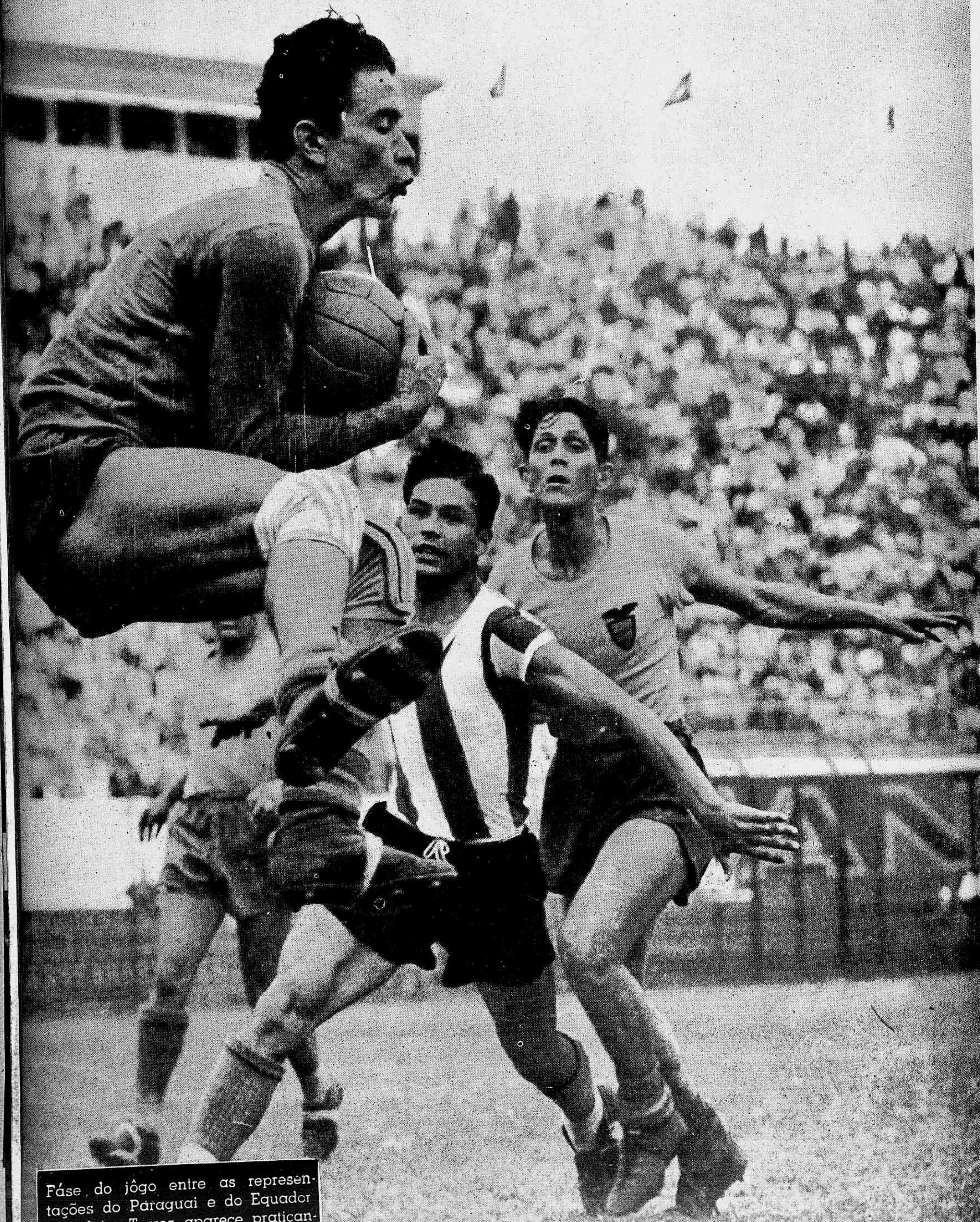
O barulho parou. Uma porta abriu-se com estrondo e um vulto informe, amarrado como se fosse uma trouxa voadora, foi aterrisar à porta do 28.

Essa trouxa era o Zeferino, que de gente só tinha os gemidos. O rosto tinha-o chelo e sangue, a boca inchada, de onde sorravam pendurados dois cacos de dentes que se balançavam com o esforço que ele fazia ao falar, e os olhos cheios de lágrimas, de dor e vergonha.

— O que foi? — perguntou d. Nair apacendo aflita e em lágrimas, também, à porta do quarto. — O que te fizeram, meu velho?

— Não sei — respondeu ele com a voz embargada. — Enganei-me de quarto. Eu entrei no 26...

SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



Fáse do jôgo entre as represen-
tações do Paraguai e do Equador
O goleiro Torres aparece pratican-
do espetacular defesa ameaçado
por Árce que aparece contido por
Bermeo



Eis a representação brasileira, Campeã Sul-Americana de Futebol de 1949. Da esquerda para a direita, em pé: Eli, Augusto, Mauro, Danilo, Barbosa, Noronha e o massagista Johnson. Agachados, na mesma ordem: O massagista Mário, Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Simão. Esta foi a equipe que abateu a representação paraguaia no derradeiro compromisso pela elevada contagem de 7x0

AS GRANDES FIGURAS DO SUL-AMERICANO

TRINTA e cinco dias durou a festa do futebol sul-americano, que contou com a participação de representações do Brasil, Chile, Paraguai, Colômbia, Equador, Uruguai, Peru e Bolívia. A seleção nacional recuperou, depois de vinte e sete anos, a hegemonia do futebol continental, que obteve em 1922, durante as festas do Centenário, quando coube ao Brasil promover o campeonato sul-americano. Desta feita não conseguimos reeditar as campanhas invictas de 1919 e 1922, quando conquistamos os títulos, sem o amargor de uma derrota.

OS TÍTULOS DO BRASIL

Foram realizados 16 campeonatos sul-americanos, dos quais o Brasil somente participou de onze. Três vezes campeão (1919, 1922 e 1949), três vezes vice-campeão (1921, 1927 e 1937), quatro vezes terceiro colocado (1916, 1917, 1920 e 1942) e apenas uma vez o quarto posto (1923), ano em que a seleção nacional teve a sua pior campanha.

Os quadros brasileiros, campeões sul-americanos, jogaram com a seguinte constituição:

1919 — Marcos de Mendonça; Píndaro e Bianco; Sérgio, Amílcar e Fortes; Milon, Neco, Friedenreich, Heitor e Arnaldo.

1922 — Kuntz; Palamone e Bartô; Lais, Amílcar e Fortes; Formiga, Neco, Heitor, Tatu e Rodrigues.

1949 — Barbosa; Augusto e Wilson; Eli, Danilo e Noronha; Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Simão.

Os três títulos máximos o Brasil os conquistou nos três campeonatos que promoveu.

O BALANÇO FINAL

No 16º campeonato foram disputadas vinte e oito partidas entre as oito sele-

O BALANÇO FINAL DA GRANDE FESTA ESPORTIVA ★ OS ELEMENTOS MAIS DESTACADOS DE CADA POSIÇÃO ★ REVISTA DA PRODUÇÃO TÉCNICA DE TODOS OS PAISES CONCORRENTES

Reportagem de LEVY KLEIMAN e CHARLES GUIMARÃES
Fotos de JOSÉ SANTOS



A SELEÇÃO DO PARAGUAI, que se sagrou vice-campeã de futebol do continente. Da esquerda para a direita, em pé: García, Gavilan, Nardelli, Cantero, Cespedes e Gonzalito. Ajoelhados, na mesma ordem: Fernandez, Lopez, Arce, Benítez e Avalos

ções, tendo sido assinalados nada menos que 135 "goals". A seleção do Brasil foi a que maior número de tentos registrou, 46, sendo que a representação da Colômbia marcou somente 4. O arco menos vasado foi também o do Brasil, sete vezes, assim como o da Colômbia foi o maior número de vezes goleado, 23. O jogador que maior número de "goals" registrou foi o meia esquerda do Brasil, Jair, com 9, seguido de Ademir (Brasil) e Arce (Paraguai), com 7 cada um. O maior "score" do campeonato foi alcançado pelo Brasil sobre a Bolívia, por 10x1, e a menor contagem foi registrada nos choques em que o Equador perdeu para o Chile e para o Paraguai, por 1x0. O campeonato rendeu nas 28 partidas, distribuídas por 12 rodadas, um total de Cr\$ 5.804.748,20, sendo que a maior arrecadação foi na primeira exibição em São Paulo da seleção nacional, frente a Bolívia, quando as bilheteiras do Pacaembu apuraram a importância de Cr\$ 808.618,00, que constitui o novo recorde de rendas em jogos do campeonato sul-americano.

OS CAMPEÕES

Eis os vinte e dois jogadores que participaram da campanha do Brasil no 16º campeonato sul-americano, em biografias-relâmpago:

Barbosa (Moacir Barbosa) — Goleiro. Nasceu a 27 de março de 1921, em São Paulo. Roteiro de clubes: L.P.B., Ipiranga e Vasco. Títulos: tri-campeão da ACEA (1939, 40 e 41, pelo L.B.P.); campeão carioca de profissionais, pelo Vasco, em 45 e 47, e campeão dos campeonatos sul-americanos de 48 no torneio pela primeira vez realizado em Santiago do Chile.

Oswaldo (Oswaldo Alfredo da Silva) — Goleiro. Nasceu a 9 de outubro de 1923, em Niterói. Roteiro de clubes: Ipiranga,



JAIR ROSA PINTO foi, sem dúvida alguma, a maior estrela do certame continental. O atacante brasileiro conseguiu ainda, classificar-se como o mais positivo goleador do campeonato



ZIZINHO, outra legítima expressão do futebol Sul-Americano. O meia brasileiro se constituiu numa das grandes atrações do torneio recém-fimido. Foi o "maestro" do nosso conjunto



TESOURINHA, o famoso ponteiro gaúcho, já várias vezes "scratchman" nacional, confirmou seus grandes predicados de verdadeiro artista, realizando uma campanha extraordinária



AUGUSTO, o famoso "captain" do seleção cebedense, foi outro grande "artífice" do triunfo brasileiro. Foi um grande baluarte da nossa defensiva. Foi absoluto no posto



BARBOSA, o elástico goleiro vascoano, que teve sob a sua guarda e vigilância o último reduto brasileiro. As suas excelentes exibições permitiram que chegassemos ao final, com a vitória.



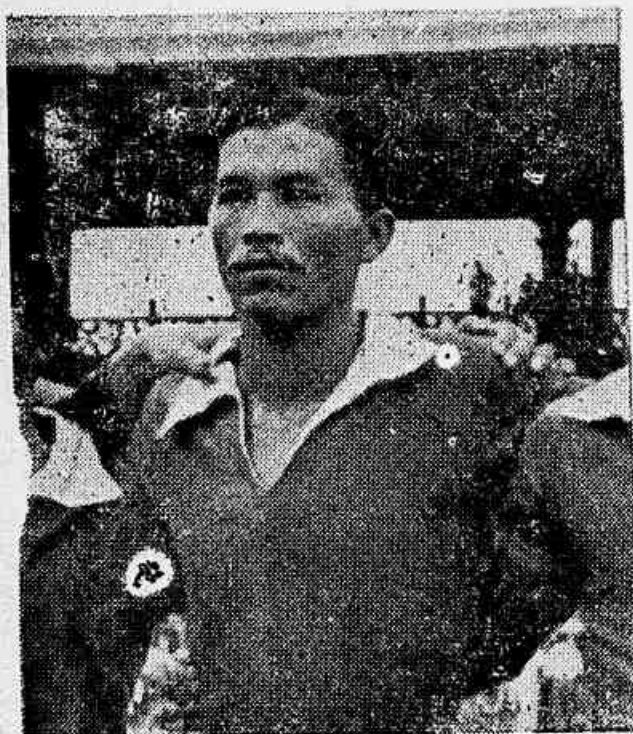
SINFORIANO GARCIA, o espetacular goleiro do Paraguai, constituiu a grande sensação do campeonato. O arrojado guarda-vala "guarani" conseguiu classificar-se como o melhor em sua posição merecendo grau dez



ARCE foi uma das mais gráficas revelações do campeonato. Dos seus pés saíram os triunfos que consagraram os paraguaios como os mais categorizados adversários dos brasileiros



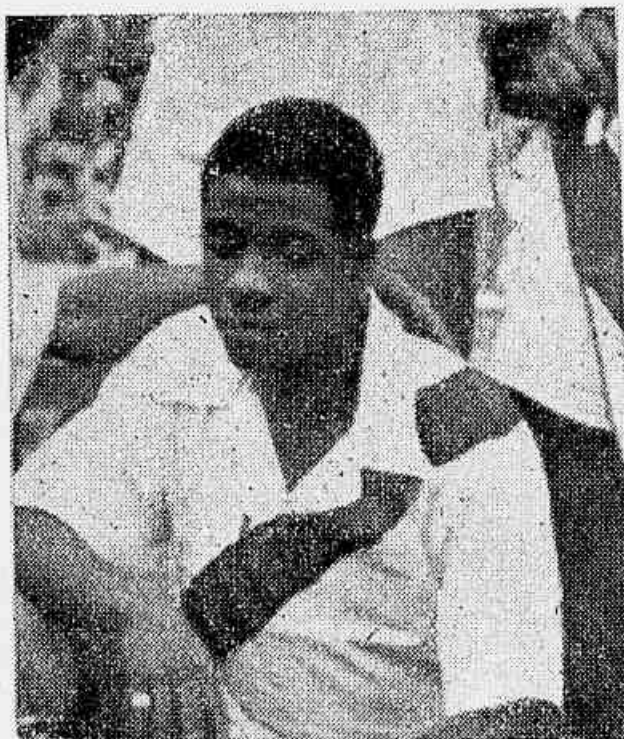
NARDELLI, centro-médio da seleção paraguaia e um dos melhores jogadores do continente em sua posição. O crack "guarani" revelou grandes predicados para o posto. Foi um dos poucos que mereceram grau 10



Da representação colombiana, o elemento que mais impressionou foi o zagueiro Picalca, pela segurança com que se exibiu. Com um pouco mais de preparo poderá ser um grande valor



GOMEZ SANCHEZ, do Peru, fez o público brasileiro recordar o saudoso Fausto dos Santos. As suas características muito se assemelham as do nosso extinto centro-médio. Mereceu a nota máxima



FELIX CASTILLO foi outro peruano que impressionou favoravelmente. Num balanço fiel do que realizou em todo o campeonato, encontramos mais virtudes do que pecados nas exibições



Entre os bolivianos destacamos Cabrero como o melhor. Apenas teve as suas atuações comprometidas pelos deslizes disciplinares que, todavia, não chegaram a ofuscar os seus predicados



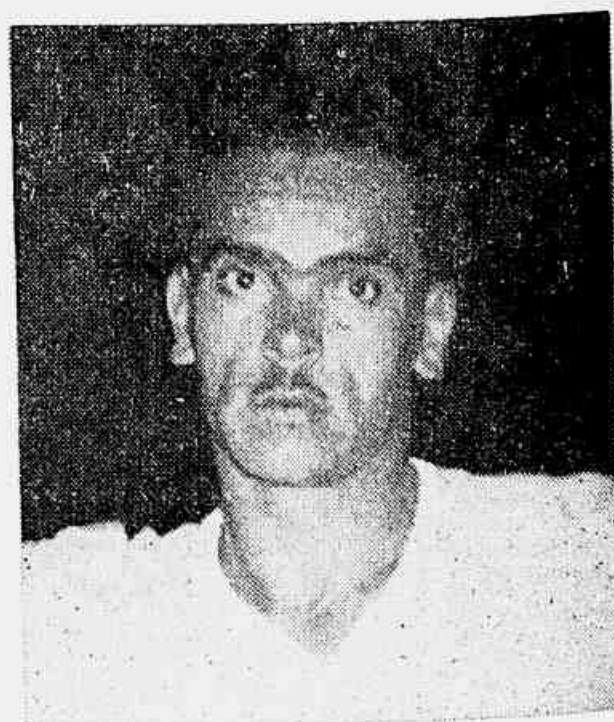
LIVINGSTONE ratificou as suas condições de atleta perfeito. O crack-gentleman, apesar de veteraníssimo, provou que ainda é um dos mais destacados valores em sua posição



O center Rojas, também chileno, teve um bom desempenho. Faltou-lhe apenas mais vivacidade para se encaixar como uma das grandes "estrelas" do futebol do continente Sul-Americano



A representação simbólica do Uruguai nos reservou uma grata surpresa: o meia-direita Moreno, merece que seja enquadrado entre aqueles que foram honrados com a nota máxima



ROBERTO GARCIA foi um dos três profissionais uruguaios que integraram a representação do seu país. Começou mal, porém foi se firmando aos poucos como uma das grandes figuras do torneio

de Niterói, o Botafogo F. R. Títulos: campeão carioca de profissionais de 1948, pelo Botafogo F. R.

Augusto (Augusto da Costa) — Zagueiro. Nasceu a 22 de outubro de 1920, no Distrito Federal. Roteiro de clubes: São Cristóvão e Vasco. Títulos: bi-campeão carioca de juvenis, pelo São Cristóvão, em 1936-37; campeão carioca de profissionais pelo Vasco, em 1945 e 1947; tri-campeão brasileiro e campeão dos campeões sul-americanos pelo Vasco.

Santos (Newton dos Santos) — Zagueiro. Nasceu a 16 de maio de 1926, no Distrito Federal. Roteiro de clubes: Botafogo F. R., pelo qual se sagrou campeão carioca de profissionais em 1948.

Wilson (Wilson Francisco Alves) — Zagueiro. Nasceu a 21 de dezembro de 1927, no Distrito Federal. Roteiro de clubes: Vasco. Títulos: campeão carioca de aspirantes, campeão do Torneio Municipal e campeão carioca de profissionais, todos em 1947; campeão dos campeões sul-americanos.

Mauro (Mauro Ramos de Oliveira) — Zagueiro. Nasceu a 30 de agosto de 1930, em Poços de Caldas, Minas Gerais. Roteiro de clubes: Caxias, Raf e Caldense, de Poços de Caldas; Sociedade Esportiva São-joanense, de S. João da Vista, S. Paulo, e São Paulo F. C. Títulos: campeão paulista de profissionais, pelo São Paulo F. C., em 1948.

Eli (Eli do Amparo) — Médio. Nasceu a 14 de maio de 1921, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Roteiro de clubes: América, de Minas, América do Rio, Canto do Rio e Vasco. Títulos: campeão do Torneio Relâmpago de 44, pelo Vasco; campeão carioca de profissionais de 1945-1947, pelo Vasco; campeão brasileiro de 1946 e campeão dos campeões sul-americanos, pelo Vasco.

Bauer (José Carlos Bauer) — Médio. Nasceu a 21 de novembro de 1925, em São Paulo. Roteiro de clubes: São Paulo F. C. Títulos: bi-campeão juvenil de 1941-1942, campeão de aspirantes de 44, bi-campeão profissional de 1945-1946 e campeão profissional de 48, pelo São Paulo F. C.

Danilo (Danilo Alvim) — Médio. Nasceu a 3 de dezembro de 1921 no Distrito Federal. Roteiro de clubes: América, Canto do Rio e Vasco. Títulos: campeão carioca de profissionais, em 1947, pelo Vasco; tri-campeão brasileiro; campeão da Copa Rio Branco de 1946 e campeão dos campeões sul-americanos, de 1948, pelo Vasco.

Rui (Rui Campos) — Médio. Nasceu a 2 de agosto de 1922, em São Paulo. Roteiro de clubes: Bonsucesso, Fluminense e São Paulo. Títulos: campeão de profissionais 1945, 1946 e 1948, pelo São Paulo Futebol Clube.

Noronha (Alfredo Eduardo Noronha) — Médio. Nasceu a 25 de novembro de 1918, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Roteiro de clubes e respectivos títulos: Grêmio Porto Alegrense (campeão gaúcho de 1935, 37, 38 e 39), Vasco (campeão carioca de aspirantes de 1942) e São Paulo F. C. (campeão paulista de profissionais de 1943, 45, 46 e 48).

Bigode (João Ferreira) — Médio. Nasceu a 4 de abril de 1922, em Minas. Roteiro de clubes: Sete de Setembro, Atlético Mineiro e Fluminense. Títulos: bi-campeão mineiro pelo Atlético; super-campeão carioca de profissionais pelo Fluminense, em 1946.

Tesourinha (Osmar Fortes Barcelos) — Atacante. Nasceu a 3 de janeiro de 1921, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Primeiro e único clube, Internacional, oito vezes campeão gaúcho.

Cláudio (Cláudio Cristóvão Pinho) — Atacante. Nasceu a 17 de julho de 1922, em São Paulo. Roteiro de clubes: Santos, Palmeiras e Corinthians. Títulos: campeão paulista de profissionais em 1942, pelo Palmeiras; campeão brasileiro de 1941 e 1942.

Zizinho (Tomaz Soares da Silva) — Atacante. Nasceu a 14 de setembro de 1921, em Niterói. Roteiro de clubes: Carioca e Byron, de Niterói, e Flamengo. Títulos: tri-campeão carioca de profissionais pelo Flamengo, em 1942-43-44; campeão brasileiro.

Ademir (Ademir Marques Menezes) — Atacante. Nasceu a 8 de novembro de 1922, no Recife, Pernambuco. Roteiro de clubes: E. C. Recife, Vasco e Fluminense. Títulos: campeão juvenil pernambucano de 1937 e 1938; tri-campeão profissional pernambucano, de 1939-40-41; campeão carioca de profissionais pelo Vasco, em 1945, e super-campeão carioca de profissionais, pelo Fluminense, em 1948; tri-campeão brasileiro pela seleção carioca, e campeão dos campeões sul-americanos, pelo Vasco, em 1948.

Nininho (Antônio Francisco) — Atacan-



AUGUSTO "Captain" do team Brasileiro e Lopez, "captain" do "team" Paraguai aparecem segurando o pavilhão nacional.



Éis um tento que ficará na história... Equador e Paraguai disputavam uma partida de igual para igual, quando Maldonado, num lance feliz, marcou um tento espetacular que poderia, inclusive, dar a vitória ao Equador.

to. Nasceu a 5 de novembro de 1921, em Campinas, São Paulo. Roteiro de clubes: Campinas e Portuguesa de Desportos, de São Paulo.

Otávio (Otávio Sérgio de Moraes) — Atacante. Nasceu a 9 de julho de 1923, em Belém do Pará. Roteiro de clubes: Flamengo, Fluminense e Botafogo. Títulos: bi-campeão de amadores, pelo Botafogo; campeão carioca de profissionais, em 1943, também pelo mesmo clube; duas vezes campeão brasileiro de amadores.

Jair (Jair Rosa Pinto) — Atacante. Nasceu a 21 de março de 1921, em Barra Mansa, Estado do Rio. Roteiro de clubes: Madureira, Vasco e Flamengo. Títulos: campeão carioca de profissionais, pelo Vasco, em 1945; tri-campeão brasileiro.

Orlando (Orlando Viana) — Atacante. Nasceu a 4 de dezembro de 1923, no Recife, Pernambuco. Roteiro de clubes: Náutico Capibaribe, do Recife, e Fluminense. Títulos: campeão juvenil pernambucano de 1940; super-campeão carioca de profissionais de 1946, pelo Fluminense; campeão do Torneio Municipal de 1946.

Canhotinho (Milton de Medeiros) — Atacante. Nasceu a 15 de julho de 1924, em São Paulo. Roteiro de clubes: Palmeiras. Títulos: campeão juvenil de 1941 e campeão profissional de 1944 e 1947, pelo Palmeiras.

Simão (Pedro Simão) — Atacante. Nasceu a 16 de março de 1929, no Recife, Pernambuco. Roteiro de clubes: E. C. Recife, e Portuguesa de Desportos, de São Paulo.

A ATUAÇÃO DOS CONCORRENTES E AS MAIORES FIGURAS

Vamos agora apreciar o rendimento técnico dos oito países concorrentes, destacando as figuras salientes de cada seleção.

Evidentemente o torneio continental recentemente findo não teve o mesmo brilho dos certames anteriores e isto deve-se, sem dúvida, não só à ausência dos argentinos, tidos como os mais categorizados em todo o continente, como também por ter o Uruguai, um dos nossos mais temíveis e tradicionais adversários, se apresentado simbolicamente, lançando um quadro de jovens amadores que nada mais fizeram do que honrar os compromissos assumidos pela entidade oriental.

BRASIL, CAMPEÃO!

É claro que diante de tais fatores adversos, tecnicamente o campeonato deixou muito a desejar, mesmo porque o Brasil ficou praticamente sem adversários, visto que os seus antagonistas não reuniam credenciais para conquistar o título. A vitória dos paraguaios sobre a nossa representação na partida que seria a final do campeonato e que provocou uma igualdade de condições entre as duas representações, não pode absolutamente ser considerada como prova de maior capacidade do vencedor. O que sucedeu nada mais foi do que uma das muitas surpresas que se registraram no torneio, e essa pseudo-superioridade foi desmentida na partida desempate para a decisão do título, quando o "team" brasileiro logrou vencer por larga margem de pontos, o que atesta a nossa indiscutível supremacia.

A campanha da representação nacional foi das mais brilhantes, pois, via de regra, as suas vitórias foram sempre convincentes, mercê de contagens esmagadoras registradas contra os nossos antagonistas. Começamos vencendo o Equador por 9x1; em seguida superamos a Bolívia por 10x1, assinalando a maior goleada do campeonato. Ganhamos do Chile por apenas 2x1, porém em todo o transcurso da partida estivemos comandando as ações, só não logrando vantagem maior devido ao bom desempenho do goleiro andino, que esteve numa noite muito inspirada. A Colômbia, que foi o nosso quarto adversário, baqueou por 5x0, o Peru caiu por 7x1, e o Uruguai pela contagem de 5x1. Veio então o surpreendente revés ante o Paraguai, na partida final, por 2x1, e finalmente, na partida-desempate, conseguimos um convincente 7x0, sobre os mesmos adversários. Nas

Sensacional flagrante do prêmio entre Brasil e Peru. O goleiro Ormenio, da equipe dos "Incas", aparece praticando arrojada intervenção, enquanto o meia esquerda Jair salta espetacularmente, a fim de evitar o choque com o arqueiro





Um feliz flagrante colhido pela objetiva de José Santos, quando no match Peru e Colômbia, quatro "ases" procuram ficar de posse da bola. Castelbondo e Guerra, da Colômbia, procuram conter Felix Castillo e Mosquera, do Peru

oito peijas que disputamos conquistamos nada menos que 46 "goals" contra apenas 7 dos nossos rivais.

Como se verifica, a nossa campanha foi das mais brilhantes e só não logramos o título de invictos devido ao "trepêço" fatal de última hora e que julgamos ter ocorrido em face do nosso excesso de otimismo e confiança.

O nosso "team" foi, fora de qualquer dúvida, o melhor de quantos se apresentaram e, por essa razão, vários elementos

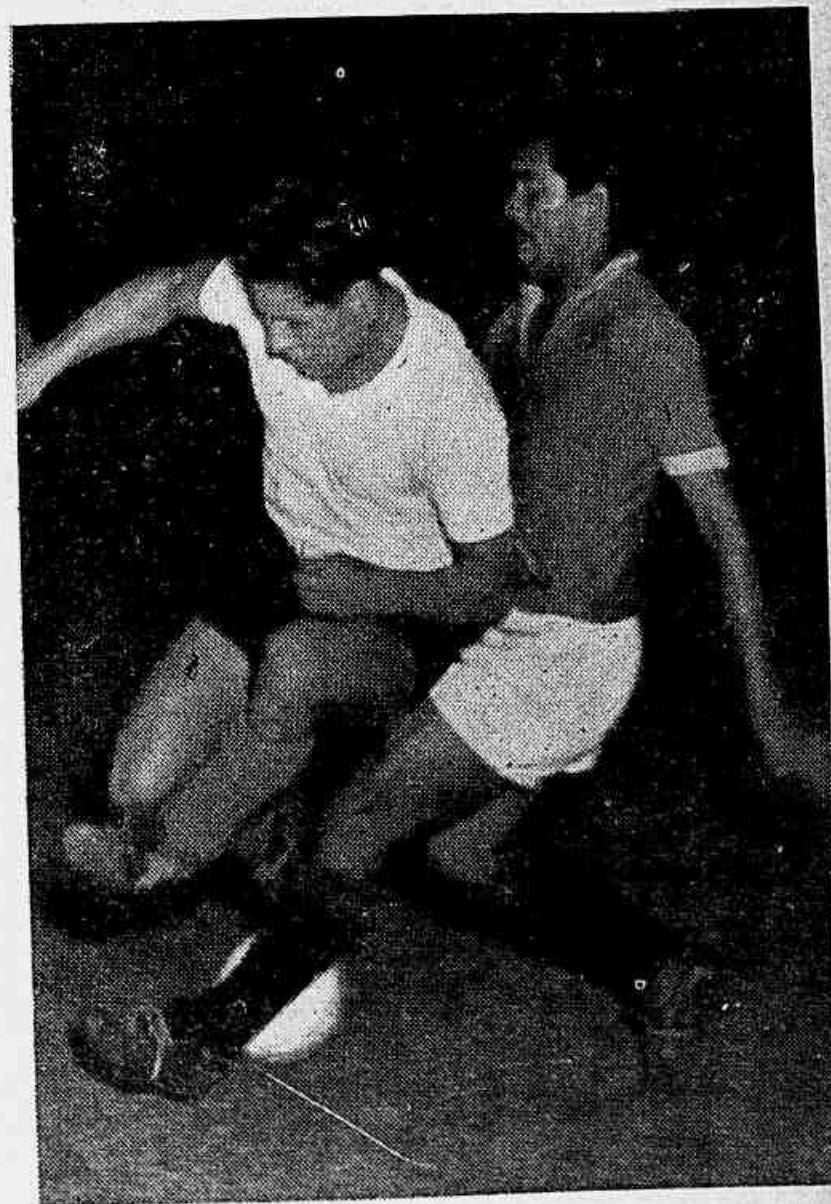
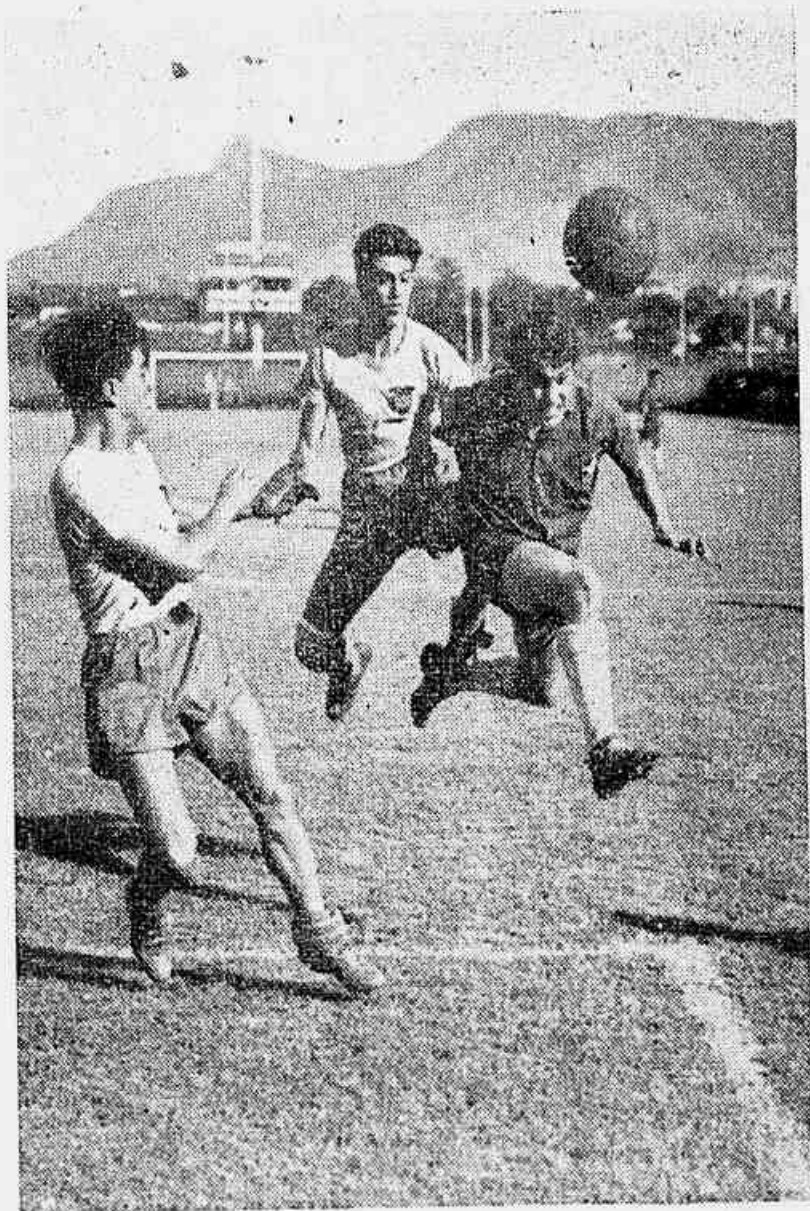
do nosso "onze" apareceram aos olhos do público como figuras de grande cartaz no futebol continental. Jair, por exemplo, se constituiu na maior figura do certame, quer pelas suas extraordinárias qualidades de "virtuose" da pelota, quer pelos seus méritos de grande artilheiro, pois foi, inclusive, o maior goleador do torneio. Outros como Zizinho, Barbosa, Augusto e Te-sourinha, sempre se apresentaram magnificamente. Merece também destaque especial o sistema tático adotado pelo treina-

dor brasileiro Flávio Costa, pois, contrariando o seu habitual sistema de defesa "cerrada" com marcação de homem para homem, adotou o critério de policiamento por zona, sistema universalmente conhecido como de grande eficiência.

VICE-CAMPEÃO O PARAGUAI

Os nossos mais sérios rivais foram, sem contestação, os paraguaios, apesar de mediar entre ambos um passo de gigante.

Evidentemente os nossos se apresentaram mais regulares e sobretudo tecnicamente superiores, porém os "guaranis" surpreenderam pelo progresso alcançado nesses últimos anos, pois esta é a segunda vez consecutiva que logram a conquista do vice-campeonato. Entre os paraguaios destacam-se bons valores individuais como, por exemplo, o goleiro Garcia, que se revelou como o mais completo do certame. A sua atuação no prêmio entre as representações do Brasil e do Paraguai foi verdadeira-



Da esquerda, para a direita: BRASIL x PARAGUAI realizaram duas partidas em disputa do tão cobiçado título de campeão. No primeiro encontro a seleção Guaraní levou a melhor por 2 a 1 e no prêmio desempate a vitória nos sorriu por 7 a 0. Na foto uma fase do primeiro jogo onde aparece o zagueiro Augusto tentando barrar as pretensões do meia Benítez da equipe Paraguaia. O match entre as seleções do Chile e do equador revestiu-se de grande entusiasmo. Eis uma fase da peleja em que aparece Rojas, o destemido avante Andino numa cabeçada sensacional, antecipando-se a Vasques, enquanto Salgado do Equador prepara-se para conter o avante Chileno. Os Bolivianos encerraram com "Chave de Ouro" a sua campanha no torneio continental abatendo a seleção Colombiana pela expressiva contagem de 4 a 0. E dêsse "match", José Santos colheu o flagrante acima, em que aparece o ponteiro Godoi da Bolívia seu do hostilizado pelo médio Castelbondo da Colômbia



A esquerda, A Tesourinha coube a honra de ter assinalado os dois mais espetaculares tentos do campeonato. O primeiro no prêmio contra o Equador, e que marcou o início do certame, e o segundo, no match desempate contra os paraguaios. A foto acima ilustra o flagrante do tento contra os guaranis. Note-se que todos os defensores paraguaios, inclusive o goleiro Garcia, aparecem batidos pelo crack nacional. À direita: Drago, atacante peruano aparece chutando contra o arco uruguaio. Nesse match o Peru chegou a estar vencendo de 4x0, porém, os orientais reagiram e chegaram até os 4x3, depois de uma reação verdadeiramente espetacular

mente sensacional, a ponto de ser classificado como a grande figura do gramado. Causou sensação, a brilhante performance do goleiro guarani. Também o centro-médio Nardeli revelou predicados para o posto, cabendo-lhe ainda o mérito de ter sido o único jogador que logrou anular a ação dinâmica de Zizinho, um dos valores da turma brasileira. O seu físico privilegiado e a sua técnica apurada fizeram com que ele fosse incluído obrigatoriamente na lista das grandes figuras do certame. Mas não se resume em Garcia e Nardeli a lista de valores paraguaios, pois tanto Arce como Benitez empolgaram o público brasileiro, graças às suas extraordinárias atuações. O comandante é hábil e malicioso e sabe como dismantelar uma defesa, ao passo que Benitez tem o senso prático das finalizações, é um jogador que visa o "placard" e sabe como atirar inapelavelmente quando tem o couro em situação favorável. Os guaranis mereceram o título de vice-campeões porque foram os rivais mais sérios que os nossos encontraram pela frente. Louve-se também a conduta disciplinar dos paraguaios, pois tanto na vitória como na derrota se apresentaram sem um deslize sequer; muito pelo contrário, souberam cumprimentar os nossos como um reconhecimento sincero da nossa superioridade técnica. As suas ações dentro do terreno também obedecem ao critério das jogadas leais, visando sempre a bola e nunca o adversário.

OS PERUANOS

Depois do Paraguai temos o Peru, outro adversário de respeito, apenas com o senão

disciplinar. O seu jogo é vistoso e no seu quadro pontificam "estrelas" do "association"; porém falta-lhes serenidade, isenção de ânimo. Não chegaremos ao absurdo de dizer que são desleais, absolutamente; todavia jogam "duro" e não sabem como aceitar uma derrota, nem mesmo quando o adversário se mostra indiscutivelmente superior. Parece que não figura nos cálculos dos peruanos a consequência natural do futebol, a derrota. Nos dois prêmios em que levaram a pior — contra o Brasil e Paraguai — os peruanos recorreram à violência quando sentiram que tudo estava perdido. Frente à nossa representação então foi uma calamidade, pois houve até troca de sopapos e ponta-pés. Diremos que tudo isto tenha sido provocado pelo desejo de vencer. Destacamos especialmente a figura de Felix Castillo como o elemento de primeira linha do quadro. O ponteiro "colored" é bastante audaz, muito veloz e raramente desperdiça uma oportunidade. As suas exibições foram tão convincentes que vários clubes brasileiros se interessaram pelo seu concurso. Outro elemento que apareceu com destaque foi o centro-médio Gonzalez, cujo sistema de jogo muito se assemelha ao do nosso saudoso Fausto dos Santos. Trabalha na meia zona morta (espaço assim cognominado o que vai da grande área até o círculo central do campo). Os peruanos, tal como os brasileiros e paraguaios, jogam obedecendo a um critério tático. Enquanto o dos guaranis muito se assemelha à nossa diagonal, os peruanos procuram adotar o sistema de marcação por zona, com os dois meios executando o serviço de construtores das ofen-

sivas. Um bom quadro, não resta a menor dúvida, que com mais rigor disciplinar chegará a ser um dos mais positivos do continente.

O URUGUAI

O Uruguai se fez representar simbolicamente, porém nem por isso a sua campanha deixou de ser brilhante. A sua grande façanha residiu no fato de ter vencido a representação paraguaia, no Pacaembu, pela contagem de 3x2, feito de vulto quando se sabe que a nata do futebol oriental não conseguia se impor aos seus tradicionais adversários há alguns anos. A maioria dos elementos que representaram a nação amiga e vizinha foram amadores, e isto ocorreu em face de, na época, os profissionais se encontrarem em greve e os esforços para a pacificação não terem conseguido pôr termo ao dissídio entre jogadores e dirigentes. Ainda assim vieram dois profissionais, os médios Roberto e Simon Garcia. Todavia o "player" que mais impressionou foi o meia-direita Moreno, um jogador verdadeiramente extraordinário. De estatura pequena, aparentemente "frio", Moreno a princípio não dá a menor impressão de grande valor do "association", porém dentro do terreno se transforma num verdadeiro "comandante", armando o seu "team" com toda a categoria de um valor internacional. Dos seus pés nasceram os grandes lances dos triunfos alcançados pela sua representação, e não estamos exagerando ao dizer que Moreno foi, ao nosso ver, uma das figuras mais salientes de todo o campeonato. Tam-

bém o centro-médio Roberto Garcia e o meia Bettencourt revelaram grandes aptidões para o posto, realizando boas exibições, compatíveis com as suas condições técnicas. A produção dos orientais, todavia, não foi regular, pois tanto venceram quadros categorizados, como também perderam para adversários medíocres, tal como aconteceu contra os bolivianos. O seu padrão tão tradicional permanece imutável, isto é, o "padrão olímpico": defesa armada no sistema de "M" e ofensiva baseada na estruturação "W", sistema prático e eficiente, que já tem dado vitórias memoráveis à turma uruguaia. Simon Garcia foi, no entanto, "pivot" de dois casos de agressão, constituindo-se assim na nota destoante no que diz respeito à parte disciplinar do conjunto. Não fosse a sua condição de atleta temperamental e a estas horas não estaríamos a contragosto registrando o fato que, de qualquer modo, veio ferir as condições disciplinares da representação uruguaia.

OS CHILENOS

A grande decepção do campeonato foi o Chile, já que a sua representação veio precedida de credenciais que tornavam uma das forças do torneio. A não ser a última exibição em Belo Horizonte, em que logrou vencer o Uruguai por 3x1, nos demais compromissos deixou muito a desejar. Logo no "match" de estréia sofreu um surpreendente revés frente aos bolivianos, por 3x2, sendo que nesse jogo o goleiro

(Continua na pág. 47)

Instantâneo do jogo entre Bolívia e Paraguai, vencido pelos Guarani. O médio Gavilan aparece rechacando o couro que tinha o destino de Gutierrez da Bolívia. A direita: A peleja Brasil e Peru foi a mais acidentada do campeonato. Não se conformando com a sua inferioridade técnica, os "Incas" lançaram mão da violência e por um triz que a peleja não atingiu ao seu termino. Na foto vemos uma fase do jogo em questão, aparecendo Drago do Peru numa sensacional cabeçada sob as vistas de Augusto e Wilson do Brasil e Gomez Sanchez e Castillo do peru



Fase do jogo entre o Paraguai e a Bolívia, aparecendo o goleiro Boliviano Gutierrez saltando espetacularmente hostilizado por Arce do Paraguai. Ao fundo aparece o atacante Benitez.



Gala



"Bouquet de violetas", foi o nome dado por Robert Piguet à esta sua nova criação

Para as noites elegantes da ópera, dos concêrtos e dos jantares de cerimônia, você necessitará certamente de modelos originais que realcem a sua elegância e a sua beleza. Aqui estão, nestas duas páginas, algumas sugestões que podem auxiliá-la na escolha destas "toilettes".

Uma "sainha" ampla e majestosa, em "faille" cinza, gola de lontra. Criação de Lucine Lelong





Maravilhoso este modelo de Balenciaga em "tulle" negro com barras de tafetá rosa na saia. Grupo de rosas do mesmo tafetá sobre o busto

Gaston criou para um modelo de jersey branco, uma "saída" em veludo "chiffon" vermelho, guarnecida de raposa cinzenta



Em "mousseline" e tafetá, estilo "Império". Criação de Jeanne Lafaurie. Decote amplo, mangas bufantes, cintura alta, grande laço em tafetá do lado esquerdo



Estilo "Diretório" em "moiré", criação de Molyneux, próprio para noite, bastante decotado e de muita elegância, este modelo é, sem dúvida, uma ótima sugestão

Modelo de Marcel Rochas, guarnecido de uma echarpe que passa sobre o ombro, pelo corpete e aparece terminando em grande laço

SIMPLICIDADE



L INHAS sóbrias e distintas, são as características destes modelos, estando, muitas vezes a originalidade concentrada num pequeno "toque", como por exemplo, numa "echarpe" formada da própria gola, num pequeno colête, numa gola mais alta, num corte assimétrico da saia. São modelos próprios para a estação que em breve se iniciará.

BROADCAST



Carlos Sonny nasceu na Colômbia. Isto não impediu que viesse a participar das apresentações de "Fim de Semana", cartaz que a Rádio Club do Brasil transmite todos os sábados, sob o comando de Aerton Perlingeiro



Maria Helena, por causa da tabela de horários, já levou um susto... E' que tendo por colega uma rádio atriz chamada Elza Martins, ela ignorando o fato, pensou ter sido incluída para participar de uma novela



Luis de Carvalho, agora funcionário da Prefeitura, terminou seu contrato com a Globo. Para reformá-lo, o conhecido locutor e animador quer a bagatela de quinze mil cruzeiros mensais

RÁDIO-FLASHES

Carlos Sonny, artista colombiano, ora entre nós, está cantando ao microfone da Rádio Club do Brasil, através do programa "Fim de Semana", que tem em Aerton Perlingeiro, seu irrequieto animador. ★ Manuel Brandão, ao que tudo indica, não chegou a bom termo em suas negociações com a Rádio Nacional, haja vista que a novela escolhida para sua estreia na PRE-8, acaba de ser apresentada pela Mayrink Veiga. Referimo-nos a "Vendaval". ★ Tito Guizar será a próxima atração internacional a ser lançada pela Rádio Globo, tão logo termine a temporada de Xavier Cugat e sua orquestra. Fala-se, ainda, que outro famoso astro está nas cogitações da PRE-3. ★ Na qualidade de novo produtor da PRE-8, J. Rui acaba de lançar "A vontade do fregruês", programa que tem em Brandão Filho, seu animador. Esse cartaz veio substituir "De tudo um pouco", que era animado por Cesar de Alencar. ★ Lourival Marques, por sua vez, acaba de apresentar uma nova atração ao público ouvinte da PRA-9, intitulada "Seu criado, obrigado"... Em se tratando de um "rádio writer" de valor, torna-se desnecessária qualquer referência. ★ "La Gitanela" está de novo entre nós, após vitoriosa temporada ao microfone das emissoras portenhas. A conhecida artista assinou contrato com a Tupi, onde, aliás, estreou quando de seu primeiro contacto com o público brasileiro. ★ Wilson de Andrade, ao contrário do que muitos imaginam, não deixou o rádio. Presentemente, o aplaudido cantor está atuando

ao microfone da Record. ★ Luis de Carvalho viu terminar o seu contrato com a Globo. E, segundo nos informou, não pretende renová-lo, salvo se a PRE-3 lhe der quinze mil cruzeiros mensais...

COINCIDENCIA

Maria Helena, essa figura simpática que nos habituamos a ouvir na apresentação dos programas de estúdio da Mayrink Veiga, é, na vida privada, a senhora Elza Martins. Por isso, qual não foi o seu espanto, quando ao chegar à emissora em que trabalha, verificou estar na tabela, classificada como rádioatriz, a fim de participar do desempenho de uma história seriada, o nome de Elza Martins. Tratou de procurar o encarregado do setor de teatro cego, a fim de conhecer a razão de ver seu nome incluído numa atividade que desconhecia. Foi aí, que num largo sorriso, Manuel Braga apresentou-se a verdadeira Elza Martins. Tratava-se, justamente, de um novo elemento contratado pela PRA-9.

BIOGRAFIA

Alfredo Melo nasceu no Rio de Janeiro, sendo filho de músicos. Cêdo teve despertada sua vocação para o canto, embora só o viesse a estudar aos vinte anos de idade, fazendo-o com o professor Murilo de Carvalho. Dedicando-se ao clássico, nem por isso desprezou o gênero folclórico, sendo bastante apreciada sua interpretação desse gênero. Na Orquestra Sinfônica Brasileira, participou como solista, merecendo os mais calorosos aplausos do público, e referências consagradas da crítica. Excursionou por diversos Estados e, presentemente, foi incluído entre os participantes de "Grandes

Concêrtos", cartaz que a PRE-3 lançou com indiscutível êxito.

Escrevendo a seu respeito, Andrade Murici afirmou: "Sua voz é de timbre simpático, naturalmente redonda, bastante homogênea e de boa pasta. Ritmo seguro. Sua musicalidade é evidente e de preço."

MÁRIO DONATO NO RADIO

Gráfico, funcionário dos Telégrafos, jornalista e escritor, Mário Donato, após conquistar o público brasileiro com seu romance "Presença de Anita", vem de ingressar no "broadcasting" paulista, assumindo a direção do setor rádio teatral da Excelsior. Conquista das mais valiosas, ela vai de encontro a opinião dispensada pelo romancista José Lins do Régio aos que militam no rádio.

Intelectual cem por cento, com brilhante carreira nas letras nacionais, nem por isso Mário Donato sentiu-se diminuído, quando convidado para participar ativamente das lides radiofônicas onde, aliás, militam outras figuras de projeção no cenário literário. Com o ingresso do autor de "As cigarras emigram" no parque radiofônico, está em festas a família radiolista bandeirante, conhecido que é o seu valor.

SABIA QUE...

... Celestino Silveira publicou, entre outros, os seguintes livros: "Filmando para o meu jornal", "Carne moça e outras banalidades", "Os intoxicados", "O Homem de Cimento Armado" e "Moleque de Rua"...

... Xavier Cugat integrou o conjunto de Paul Whiteman, tendo como colega de orquestra, o famoso pianista e compositor George Gershwin...

UMA CARTA

De há muito argumentamos contra o reduzido número de novos que o "broadcasting" carioca tem apresentado, discordando, em parte, das razões alegadas pelos que têm a missão de descobri-los. E' preso a esse princípio, que nos voltamos para a carta do sr. Horácio Guterre. Trata-se de séria acusação aos mentores da Emissora Continental. O missivista, fazendo alusão ao completo desprezo que os diretores da PRD-8 dedicam aos candidatos a um posto na indicada estação, escreve: "Imagine o amigo que o sr. Rossi, figura destacada daquela emissora, julga como requisito único, indispensável e de primeiro plano, a bela voz do candidato. O grau de preparo do mesmo não tem importância para o sr. Rossi. Não tem importância que o locutor cometa as maiores "gaffes" no microfone, tendo uma voz bonita está tudo certo!..."

Bem vê o prezado amigo da ineficácia e absurdo de tal modo de julgar e selecionar. E' bem verdade que a voz é um dos requisitos ao bom desempenho da função, no entanto, não é a principal. A principal, creio eu, é a cultura, é o acerto com que se diz ao microfone. Bem sei que o preparo do candidato é quase sempre relegado a um plano secundário, mas é um erro, um erro que precisa ser reparado. E' justamente por esta razão anti-cultural de selecionar profissionais, que a Continental sofre da parte de alguns críticos, os mais severos e honestos julgamentos. SER LOCUTOR NÃO É TER BONITA VOZ! Quando o candidato a locutor chega à Continental, os seus dirigentes não procuram nem ao menos, por curiosidade, saber da instrução de que o mesmo é portador! Nunca vi tamanho absurdo! E' por este e outros motivos que aquela estação é uma desorganização completa. O sr. Gagliano Neto devia saber adquirir os seus elementos. Os srs. Max, Rossi e tantos outros medallhões, não estão à altura de julgar a capacidade de ninguém. São uns tontos que andam de um lado para outro no corredor sem saberem tomar as deliberações necessárias ao bom andamento dos serviços da emissora.

Não estou absolutamente inventando o que lhe escrevo, em um dia que o prezado crítico possa, procure como anônimo, sob qualquer pretexto, referir-se por meia hora naquela emissora e então constatará a veracidade das minhas afirmações. Além das muitas deficiências da Continental, avulta-se a maneira displicente e indelicada com que tratam as pessoas que lá vão. Esquecem-se elas que a cortesia e boas maneiras, são requisitos não só de educação, como também de progresso em qualquer atividade."

Conhecendo Gagliano Neto de longa data, causa-nos espêcie que, no prelo em que se acha, ocorram fatos dessa natureza. Daí, apelarmos para seu espírito elevado, a fim de que tome providências contra o que o sr. Horácio Guterre aponta em sua carta.

— A. MIGUEIS

VIDAS MAL TRAÇADAS

(Valsa)

Dante Santoro e Sella Gusmão

Sim, eu sei porque fugi dos braços
[teus]
E não quis te escravizar a minha
[sorte]

Ninguém sabe além de Deus,
Que o meu destino ingrato
Me negou o direito de te adorar.
Tens tudo que eu não pude te ofertar
Tens riqueza e mocidade eu bem sei,
Mas não tens no coração,
Qualquer recordação dos beijos que
[dei...]

Oleias sem saber

Que por te querer,

Os sonhos meus

Crucifiquei

E nunca te direi,

Se o arrependimento

Feriu meu coração.

Dois anos se passaram

De tristeza e dor

E sem queixumes eu sofri

Sinto saudades de um amor

Que tive nas minhas mãos,

E perdi...

PECADORA

Divina claridad la de tus ojos
Diáfanos como gotas de cristal,
Uvas que se humedecen con sollozos,
Sangre y sonrisa juntas al mirar.
Sangre y sonrisa juntas al mirar.
Por qué te hizo el destino pecadora
Si no sabes vender el corazón?

Por qué pretende odiarte quien te

[adora?]

por qué vuelve a quererte quien te

[odió?]

Si cada noche tuya es una aurora,
Se cada nueva lágrima es el sol,
Por qué te hizo el destino pecadora,
Si no sabes vender el corazón?
Si cada noche tuya es una aurora,
Si cada nueva lágrima es el sol,
Por qué te hizo el destino pecadora,
Si no sabes vender el corazón?

BON JOUR MADAME

(Samba)

Conde

I

Bon jour, Madame
Comant portez vous
Eu vou vivendo
Três bien merci
Pois não me é dado
Lhe dizer o mesmo
Porqui não posso
Me esquecer de si
Porqui não vens aqui
Me ver tout jour
Então marquemos
Um encontro aqui
Tres bien mon amour
Oh mon cherri
Merci beaucoup.

II

Ditê moi
Silvou plait
Se posso esperar por você
Il fon já me dutê
Mon cherri
Se não fosse voce mon amour
Três joli
Ditê moi silvou plait
Se agora se sente feliz
Eu prometo até
Me casar com você,
E juntos vamos a Paris.

AQUELA QUE FOI A MAIS QUERIDA

NOVELA DE LAURA SAN LUCAS

NÃO tinha eu mais que uns dez anos quando comecei a perceber que minha mãe não era como todas as demais. Estava eu com minha camisola de dormir e escovava vigorosamente os dentes justamente como me haviam ensinado o fizesse todas as noites antes de deitar-me, quando minha mãe entrou no quarto de banho.

Vinha com um dos seus formosos vestidos e exalava de seu corpo o mais sutil dos perfumes.

— Vai a alguma festa? — perguntei-lhe sem qualquer insinuação, porquanto sempre via minha mãe a sair, a ceiar, a ir a festas e, quando tal não sucedia, constantemente havia convidados em casa. Muitas vezes os risos, a música, as conversas me mantinham em estado de vigília muito tempo depois de todos julgarem que eu estava a dormir. Vendo que ela não respondera de pronto, tornei: — E papai vai também?

Mamãe se pôs a rir.

Como era doce o seu sorriso! Parecia minúsculas campainhas de prata! E como eram resplandecentes os seus olhos de estrela! Aproximou-se de mim e nos vimos refletidas no espelho.

— Não. Como sempre sucede, o teu papaizinho está muito ocupado. — E depois de fazer um gesto gracioso: — Fôse eu contar sempre com ele...

Interrompeu-se por um instante e me fitou com cuidado no espelho.

— Que coisa curiosa, minha filha! Estás quase tão alta como eu. Estás crescendo muito depressa!

Olhei nossas imagens no cristal. Mamãe era pequenina e de compleição muito bem delineada. Tinha um rosto divinamente lindo, de um moreno bronzeado, enquanto o meu era lastimosamente pálido. Nunca tive ilusões acerca de minha beleza. Nem mesmo quando estava em

meus dez anos. Via que outras meninas de minha idade possuíam mais formosura e uma cutis esplêndida. Eu, porém, não parecia ter outra coisa que não longos braços e grandes pernas, e nada havia que pudesse domesticar e melhorar meus cabelos rebeldes e espessos.

Isso me faz crer que tivesse sido um tanto masculinizada. Naquela mesma manhã havia eu travado uma batalha com um menino na escola e num de meus olhos aparecia uma certa mancha denunciadora. Minha mãe pôs a mão em minha cabeça e disse maneando com a cabeça:

— Queridinha... Ainda hás de saber que não é lutando assim que se tira o melhor partido entre os homens. Como é estranho que eu tivesse tido uma filha como tu!

— Pois o papai acha que foi uma graça essa briguinha — respondi para justificar.

— Oh! Teu pai!

Tornei a mirar-nos no espelho, melancolicamente.

— Ouça, mamãe... Acha que, algum dia, chegarei a ser tão bonita como a senhora?

Ela sorriu ligeiramente.

— Acho que não, minha filha. Tu saíste mais a teu pai. Mas, talvez... — acrescentou misteriosamente — assim seja melhor. Porém pelo que vejo, herdaste de alguém de nossa família o hábito de pilheriar. Estás então pensando que tua mãe é bonita?...

— Acho-a lindíssima, bonitíssima, mamãe... Penso mesmo que é a senhora a pessoa mais bela do mundo.

— Fantástico! E agora para a cama... anda...

Pela forma por que me conduziu ao meu dormitório, percebi que lhe havia agradado minha explosão de entusiasmo a seu respeito.

Meti-me na cama, porém não dormi. Se meu pai não ia à festa com ela, regressaria a casa um pouco mais tarde, quando então, se eu ainda estivesse desperta, podia descer e desfrutar com ele uma daquelas nossas conversas costumeiras.

Apesar de meu propósito, fui sendo dominada pelo sono e quando abri os olhos o relógio do vestíbulo soava as onze. Meti-me num quimono e desci.

Percebi que, da cozinha chegava até aos meus ouvidos um estranho rumor de vozes. Fiquei atenta e surpreendida. Talvez que nossa Júlia, a empregada, estivesse às voltas com uma visita, o que prejudicava minhas palestras com papai e me proibia de invadir a despensa.

Aproximei-me e coleí o ouvido à porta, com o intuito de identificar a outra pessoa que falava, bem como para ver se a visita ia ainda prolongar-se por muito tempo.

Vi que falavam em voz baixa, mas com muita clareza.

— Ora essa! Bonita vida — dizia Júlia com indignação — a que dá ao pobre doutorzinho! Sempre correndo as ruas em lugar de ficar a cuidar da filha. E os homens! E' certo que é bonita e que o doutor é prudente; mas ela abusa de sua tolerância. Gasta em roupa tudo o que ele ganha. Só queria que visse o guarda-roupa que tem em seu quarto. Toda vez que vou até lá para a limpeza, vejo algo de novo.

— Dizem que, num desses dias, uma senhora a censurou publicamente, toda enciumada... Contam que ela estava enamorada do marido da outra, numa festa elegante...

Reconheci que, quem falava era uma mocinha empregada numa casa vizinha. — Não se pode negar, porém, que é bonita, não é verdade? E jovem! Ninguém pode crer que seja mãe dessa menina crescida que está aí.

— Você a viu naquela noite aqui em casa, não? Não parecia ter mais de dezesseis anos... E todos os homens a rodeavam a sorrir. Ela se tornava coquete como uma mocinha, enquanto as demais senhoras a olhavam como se desejassem fulminá-la.

— Também... pudera! Gasta uma fortuna em cremes, loções, a fim de que se mantenha jovem; além disso, nenhuma preocupação tem. Adora o chão em que pisa, e, se assim continuar, vai despedaçar o coração do doutor.

— Também creio, Ema, que vamos ter um escândalo dos mais gordos se ela não...

Suspenderam a conversa logo que ouviram abrir a porta da frente. Eu procurei ocultar-me e reconheci que estavam falando de minha mãe. Experimentei intolerável sentimento de angústia, especialmente por aquelas palavras terríveis que ouvi da boca de Júlia: — Se continuar, vai despedaçar o coração do doutor... — Foram estas as palavras que mais me impressionaram. Eu ainda era muito pequena para compreender o verdadeiro sentido da conversa; mas aquela frase me angustiou.

Como se despedaçariam os corações? Lembrei-me de enorme coração que me mostrava o papai em seu consultório, todo cheio de linhas azuis e vermelhas. Como se daria esse desastre?

Fiquei assustada. Sabia que, quando uma pessoa fratura um osso tem que ir para o hospital. E se meu pai...

Lentamente cruzei o corredor e me dirigí ao seu consultório. Como era familiar e bela a atmosfera naquele ambiente! Os enormes gráficos, os grandes livros de medicina, estantes e armários com ins-

trumentos, tudo parecia falar-me e confortar-me.

Papai lá estava ocupado em seus estudos. Olhei-o. Era o mesmo de sempre. Alto, os olhos a brilhar emoldurados por belas sobrancelhas. Muito me entusiasmava a beleza de minha mãe, mas era a meu pai a quem eu amava com toda a força de meu ser.

Logo que entrei e fiquei a mirá-lo, deu por minha presença e se voltou rapidamente. Vendo-me naquele traje de dormir sorriu com o mais carinhoso dos sorrisos.

— Papai...

Não pude conter-me. Comecei a chorar.

— Que tens, minha filha? Que se passa contigo? — indagou aflito.

Refugiei-me em seus braços; mas não consegui conter-me. Apesar de minha pequena idade, estava certa de que alguma coisa de grave havia na conversa que acabava de ouvir, e que não devia chegar ao seu conhecimento. Entretanto, tinha que fazer alguma coisa. Enxugando as lágrimas, mais calma, perguntei:

— Papai... há alguma doença que despedace o coração de uma pessoa?...

Quero dizer, que...

Ele me fitou e sorriu.

— Que coração terá você destrozado, menina? Não vá dizer que é o daquele garoto que trocou socos com você...

Sentei-me em suas pernas e escondi a cabeça em seu ombro.

Ele prosseuiu:

— Quando se despedaça um coração, filhinha, não se vê. Não é isso senão uma maneira figurada de falar. Quer dizer que alguém se tornou desditoso. Deve ser uma tortura para aquele que assim está.

Lançou seu olhar na direção da janela aberta para a noite e se esqueceu de que falava com uma menina.

— Porém, não se morre disso... se é o que deseja saber. — E vi que, de seu peito saía um suspiro.

Agarrei-me a ele e murmurei, abraçando-o com força:

— Eu gosto tanto de você, papaizinho! Juro como nunca destrozarei o seu coração!

— Bem... espero que assim seja. Mas, a que vem toda esta história de despedaçar o coração?

Fiquei embaraçada e voltei a cabeça, pois nada poderia dizer-lhe. Havia deixado de chorar e tudo agora me parecia normal, como de costume. E pensei comigo mesma: — Essa mexeriqueira da Júlia! Eu a odeio! — Tudo o que ouvira daquela conversa parecia que se circunscrevia nos comentários de que mamãe era bonita e possuía roupa em demasia, mas também não sabia eu por que isso seria assim tão terrível.

Reclinada em seu ombro, procurei esquecer o que tinha ouvido, feliz ao pensar que estava com ele.

— E' melhor, papai, que mamãe saia sempre e que fiquemos a nós dois? De quem você gosta mais. De mim ou dela?

Ele desatou a rir.

— Amo-as por igual, a uma e a outra.

— Pois olhe: eu quero mais bem a você... Gosto muito de você, e quando ficar grandona vou ser doutora, a fim de atender a todos os seus clientes e você poder ficar descansando em casa...

Ainda estávamos ali abraçados, quando entrou mamãe em companhia do sr. Devans, ambos a rir. Talvez não percebesse eu a impressão que isso causou em meu pai, se não houvesse antes escutado o que diziam aquelas duas domésticas.

— Helena! Voltou cedo! Ou será que o tempo passou sem que eu, nem Cláudia, dêssemos por isso?

Mamãe sorriu. Lá fora devia estar chovendo, pelas gotas d'água que se viam em seu casaco de peles e na cabeça.

— A verdade é que o Maurício e eu



fugimos da festa. Estava aquilo tremendamente fastidioso! Saímos para dar uma volta e fomos ter na "posada de los Ciervos". Em seguida viemos para casa. E a verdade, Pedro, é que estás botando a perder essa criatura, pois já devia estar dormindo.

Papai me repôs suavemente no solo, dizendo:

— E' exato. Dê as boas-noites a sua mãe e ao sr. Devars, meu bem.

Eu já conhecia o sr. Mauricio Devars. Era o tio de Henriqueta, a minha melhor amiga. Tinha ele vindo visitar os pais dessa amiguinha, a qual estava louca por ele, bem sabia eu disso. Esse Mauricio sempre me inspirou simpatia, pois tinha o hábito de tratar as meninas como se fossem pessoas grandes. Naquela noite me falou risonhamente:

— Boa noite, senhorita Cláudia! Parece-me que já é um pouco tarde para que ainda esteja de pé!

Dessa vez, porém, não sorri. Olhei-o com ressentimento, longamente.

Havia nos olhos de minha mãe um certo brilho, e de todo o seu corpo emanava não sei que irradiação que eu não compreendia. Mas estava adorável como uma flor. Senti a mais estranha tensão no ar, algo inexplicável no olhar de meu pai, quando me ouviu dizer com a minha voz infantil:

— Como não agrada ao papai estar eu acordada até agora, também a mim não agrada. Estarei de pé até que ele o queira.

Tinha eu sido descortês, mas não me importava. E fugi da sala apressadamente e colérica. Vi que não estavam correndo as coisas normalmente, embora de nada entendesse. Porém, vi naquela noite que minha mãe não era como todas as demais.

Ao ferrar no sono vi Júlia em sonhos como uma velha bruxa que, diante de meus olhos destroçava um grande coração.

Ao acordar estava soluçando e a repetir angustiadamente: — Papai! Papazinho!

Depois, gradualmente, fui esquecendo o episódio entre minhas mais remotas recordações. Aos catorze anos ainda era eu uma moçoila desgraciada, com aquelas longas pernas e braços de menino. Quando acompanhava a minha mãe em suas compras no comércio as empregadas perguntavam-lhe:

— Mas, essa menina é sua filha? Tão grande! Parecem irmãs! A senhora é ainda tão jovem...

Minha mãe ria gostosamente e se contemplava no mais próximo espelho. Comprava apressadamente os vestidinhos mais simples com que ia eu à escola e logo se encaminhava, pressurosa aos departamentos mais espetaculares em que se vendiam vestidos finos, os chapéus franceses, a roupa íntima delicada e luxuosa que ela tanto adorava.

A essa altura já tinha eu idade suficiente para notar as olhadelas masculinas onde quer que ela fôsse comigo, o que muito agradava a sua vaidade, vendo-se centro de todas as atenções.

Quando cheguei ao curso de Humanidades, vi que todos aqueles coleguinhos com quem brincava e brigava na infância, eram agora criaturas misteriosas e fascinantes. Em nossos momentos de folga, conversávamos sobre namorados, bailes, fraternidade.

— Eu sinto muito Cláudia — dizia-me Henriqueta com acento vivo na inflexão de voz — mas agora já não poderei mais ir estudar em sua casa, à noite. Vou visitar o Jorge.

Eu não tinha nenhum namorado, e todas essas coisas me pareciam muito

estúpidas. Sentia-me popular quando jogávamos o basquetebol, ou quando se patinava na pista da escola, e jamais fiquei para um canto nas festas e bailes escolares. Todos os sábados à tarde, nosso grupo se reunia em casa de alguma das colegas para uma hora de tertúlia e para tomar refrescos. Quando iam à minha casa e coincidia que mamãe lá estivesse, era certo que ela também se reunia às colegas.

Nunca me havia passado pela mente esse fato, e só o notei quando Henriqueta me disse com estranho acento de voz:

— Tua mãe é um pouco diferente... não é verdade?

Olhei-a surpreendida e não oculte o meu desgosto com essa declaração. Mudei a vista e vi mamãe a dançar com Silvestre Campuzano. Silvestre não tinha mais que dezoito anos. Porém, parecia muito mais velho. Minha mãe com a cabeça um pouco pendida para traz, ria, ria com os olhos resplandecentes. Silvestre dava a impressão de ser um homem maduro e estava também muito feliz.

Até ao momento de articular minha resposta, compreendi bem o que queria Henriqueta insinuar, mas falei descortês:

— Que quer dizer com isso?

Eu sabia de sobra, e me inundou o espírito uma onda de sensação incômoda e mortificante. Pura verdade. Minha mãe era diferente. Jamais poderia imaginar a mãe de Henriqueta, por exemplo, a coquetear com um rapaz de dezoito anos e com um físico tão jovem e sedutor, sem cair no ridículo. Depois daquilo, nunca mais sugeri que meus colegas viessem para essas reuniões em nossa casa.

Certo dia minha mãe comentou:

— Deus meu, Cláudia! Que sucedeu com os teus amigos? Eu sempre cri que eras popular; mas, agora, já não sei...

Murmurei confusamente algo ininteligível. Não podia dizer a minha mãe: — Não inspiras simpatias a minhas amigas, pois bailas com os seus namorados, e te comportas como se fosses uma colegial, como elas. — Por que não podia ser minha mãe, como eram as outras? Por que não seria um apoio sólido e terno para uma jovem que se vai tornando mulher, em lugar de ser sempre uma sedutora incorrigível, procurando parecer mais jovem do que sua própria filha? Lembro-me de que, uma tarde, acompanhei-a a uma livraria para escolher um presente para os anos de papai. Estava a folhear curiosamente um livro, quando entra Alfonso Pardinhas e se dirige a ela, exclamando com intimidade:

— Helenita! Não me diga você que vai cultivar o espírito!

Tomou de um grosso e pretencioso volume e o ofereceu a mamãe, que começou a rir com aquela coqueteria de uma jovem namorada.

— pensa você então, Alfonso, que eu não preciso de cultivar o cérebro?

Olhava-o mamãe com aquele fulgor provocativo, todo o rosto incendiado num resplendor de excitação. Depois começaram a conversar em voz baixa, intimamente. Passou um momento antes que entrasse a senhora Pardinhas, que se cansou de esperar pelo esposo no carro. Nem minha mãe, nem o seu amigo deram pela presença da outra. Mas eu a vi entrar e notei que sua cara não era a de uma pessoa em calma, ao vê-los juntos. Apesar disso sorriu para mim:

— Ah! Cláudia! Como vai você, menina? Como está crescendo! Depois mudou o tom e falou secamente para o marido:

(Continua na pág. 51)

Cada dia, há mais Kolynos-istas



Yvonne de Carlo

A famosa estrela norte-americana é também Kolynos-ista, para tornar o seu sorriso ainda mais atraente nos ballados dos seus filmes. Yvonne de Carlo é estrela do filme em technicolor "The Lady" da Universal-International.

Gosto de hortelã e frescor de orvalho
Três essências naturais produzem esse sabor refrescante e característico de Kolynos, agradável a todos os paladares. Por isso, todo o mundo diz que Kolynos.

limpa mais

Seja Kolynos-ista
Conserve seus dentes divinos
Visite o dentista
Prefira Kolynos!

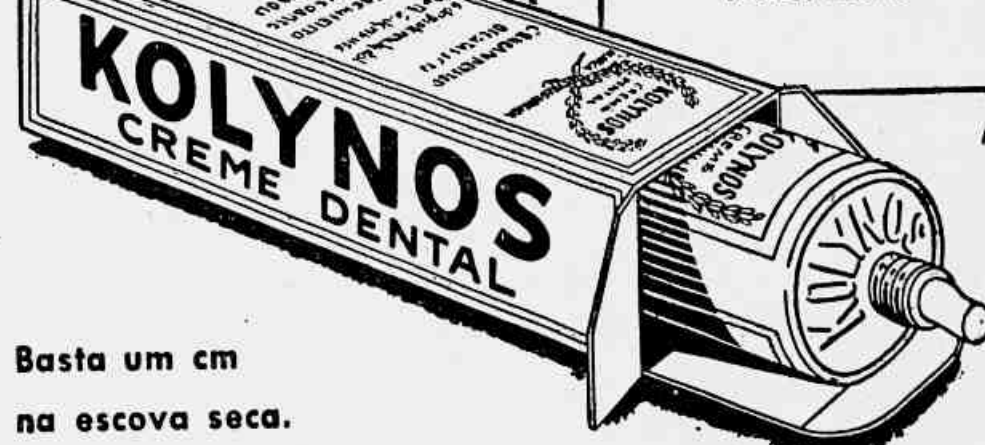
Kolynos utiliza um derivado de óleos vegetais, neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços interdentes, agindo contra as manchas e limpando os dentes por completo. Por isso, Kolynos

rende mais!

Em cada hora mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos!

E esta preferência, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

McCann



Basta um cm
na escova seca.

USE KOLYNOS. SEJA TAMBÉM KOLYNOS-ISTA



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing, Samba, Tango, Rumba e Fox, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando a senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, professor do Clube Militar da Força Pública de S. Paulo

Preço Cr\$ 41,00

A venda nas livrarias e casas de músicas do Rio e S. Paulo
Pedidos pelo Reembolso Postal com o autor
CAIXA POSTAL 649 — S. PAULO

D. G. COIMBRA

S AÍMOS ontem às 21 horas de Paris. Durante a tarde ainda demos umas voltas pelo bosque de Vincennes e assistimos às corridas de trote. Dois prémios de 70 mil cruzeiros cada um, os outros de 20 mil; mas aqui eles não somam como no Brasil, onde só fazemos menção do primeiro prémio, ficando entendido que o segundo é 20% do primeiro e o terceiro 20% do segundo. Se calculássemos, como aqui, um prémio no Brasil de 100 mil cruzeiros seria na realidade 124 mil. Mas isso não afeta em nada o brilhantismo da reunião. O grande hipódromo estava cheio, apesar dos 2 graus acima de zero. Algumas corridas foram disputadas com um carrinho aranha e outras sem veículo, mas em ambos os casos tudo só no trote. Se o animal galopar é desclassificado. Um automóvel acompanha o grupo todo o tempo e o fiscal, munido de alto-falante, pode eliminar um cavalo imediatamente.

Em São Paulo há essas corridas de trote em Vila Maria e estão sendo cada vez mais frequentadas; mas parece que os jóqueis não estão ainda bem acostumados e, de quando em quando, sofrem o castigo da anulação. Ontem não vi nenhum cancelamento por galope. Esses páreos de trote fazem os espectadores nervosos, pois quando o pelotão vai chegando ao disco fica-se excitado, querendo que o nosso escolhido ganhe e ao mesmo tempo torcemos para que não deixe de andar só no trote, para não ser desclassificado. É uma torcida dupla!...

Ao meu lado um cavalheiro estava gritando, fazendo um berreiro pelo cavalo Armor. Contou-nos ele que havia jogado 200 cruzeiros. Esse cavalo venceu e o nosso vizinho ficou tonto de emoção, vermelho como pimenta.

Realmente o caso não era para menos, pois rateou 27 vizes. Quer dizer: o homem ganhou Cr\$ 5.400,00, percebendo-se que não estava acostumado com as corridas e isso, aqui, é mesmo 380 mil francos. Pela cara do felizardo parecia que após entrar no cobre ele iria descansar em sua casa. Os bilhetes são de 100, 500, 1.000 e 5.000 francos — e há vencedores e "placés". As duplas são as combinações de vencedores de 2 páreos e não como no Brasil que é na mesma corrida.

A última corrida de trote montado a que assistimos foi ganha por um cavalo pouco cotado, com o nome brasileiro de "Tira". Pagou nove vezes na ponta e três no "placé" — somente corriam 8 animais.

Em Paris havia bastante pedaços de gelo boiando Sena abaixo; mas não havia caído neve; entretanto à meia-noite a paisagem das montanhas havia mudado: neve por toda parte — à beira dos trilhos, nas fazendas, nas aldeias, nos telhados. Uma cena de Natal legítimo. A lua prateava o panorama. Uma belíssima lua em plena estação invernal! O nosso "Simplon Express", bonito, confortável, ia correndo pelas montanhas e vales, de quando em quando parando para deixar sair grupos alegres sobrecarregados de "skies" e patins de aço, pelas altas horas da madrugada. Em Dijon o cenário mudou e não se via neve. Continuamos assim até a fronteira da Suíça. Vieram os homens da Imigração e da Alfândega. Visitaram todo o trem rapidamente e nem quiseram saber das nossas malas. Ao menos poderiam marcar qualquer coisa a giz branco, mas não quiseram sujar



O Castelo de Chillon em Lausanne, Suíça

as luvas. Na Suíça não querem saber de "visas". É um encanto encontrar neste mundo complicado uma boa terra onde não se interessam pelos passaportes!...

Chegamos às 6 e trinta e ficamos encantados com tudo. Para começar, tomamos duas grandes xicaras de café com ótimo leite e açúcar à vontade, dum açucareiro cheio de tabletes.

Depois da Inglaterra é o primeiro lugar onde se toma ótimo café puro. É verdade que na Inglaterra o leite e o açúcar não são abundantes, mas em todo caso existem.

Aqui há de tudo e o franco é a única moeda que está valendo mais do que o dólar. Eles trocam no banco com dólares por 425 francos suíços e, querendo, ali mesmo, na outra janelinha, adquirimos 100 dólares à razão de 396 francos suíços. Uma apreciável diferença de câmbio a nosso favor. O limite desse câmbio de amigo é cem dólares por semana por pessoa. Fazendo um cálculo rápido, entretanto, notamos que o preço de muitas coisas aqui é mais elevado, um pouco, do que na França. Talvez uns 20%.

Os hotéis são encantadores e o serviço ótimo; qualquer estabelecimento aqui é uma escola superior da especialidade.

Lausanne, à beira do grande lago Lemano, possui navegação lacustre, por meio de bonitos navios, para Geneve, Montreux, etc. Nesta última há um cassino muito animado. A cidade é toda construída nas montanhas. Casas e edifícios de belos apartamentos, servidos pela estrada funicular, nos dão uma idéia do Salvador ou de Santa Teresa. Tudo de uma limpeza escrupulosa e não há papéizinhos nas ruas; lojas modernas, sortidas, vitrines bem arranjadas. No centro da cidade notamos um belo bar com o nome de "Le Carioca" e, no outro lado da rua, outro, bem instalado, chamado "Le Bresilien". Quer dizer que não andamos mal montando na avenida Rio Branco o "Café Suíço". Gentilezas se pagam com gentilezas!

Como muitas cidades suíças, Lausanne possui centenas de bons hotéis, alguns bem grandes, com mais de 250 quartos e bem instalados. O povo aqui fala quase que só francês. São outros os cantões onde falam o dialeto suíço-alemão e num cantinho vizinho à Itália usam a língua de Dante.

O suíço é trabalhador, ativo, ordeiro, e gosta de coisas boas, bem apresentadas. Estamos fumando um charuto da Bahia que, sem dúvida, vem de lá a granel. Colocam aqui um bonito anel, embrulham em celofane e põem em belas caixinhas litografadas de cinco unidades com a marca: "Modesta Corona — Brasil"; outra marca é "Baianos", igualmente bem apresentada. O preço da caixinha com cinco charutos é Cr\$ 20,00. Os da Bahia são geralmente vendidos a varejo no Brasil por Cr\$ 1,50 cada. Para a exportação o Brasil não cobra o selo de consumo — provavelmente o importador suíço paga Cr\$ 2,50 por cinco charutos. É claro que a margem para embalagem, impostos suíços, frete, etc., é ampla.

Apesar dos numerosos morros, o número de bicicletas na cidade é enorme, todas bem conservadas. Esperando a hora de saída dos escritórios, parecem que estão em exposição e que não são de uso diário. Os automóveis, europeus e americanos, são igualmente muito bem cuidados. A julgar pela quantidade de bonitos carros, este povo deve andar em boa situação econômica.

Podem andar dizendo por aí que a Europa está empobrecida, mas não podemos fazer tal juízo pelo número de automóveis. No Rio ou São Paulo, com toda nossa atividade, não temos ainda cem mil autos de passeio nas duas cidades. Só aqui no cantão de Vaud há mais do que no Rio. Isso mostra que, na realidade, há países na Europa do Norte que vão se arranjando às mil maravilhas. Estamos em pleno inverno; entretanto, durante o dia, quando brilha o sol, este nos aquece bem e não fosse o ventozinho que, às vezes, se lembra de vir do lago Lemano, quase poderíamos andar sem sobretudo.

Mal o sol foge, o termômetro começa a descer para as vizinhanças do zero e a temperatura torna-se frígida.

As gaivotas andam pela beira do lago em revoadas e dando gritinhos como crianças travessas. São mansas e juntam-se à petizada que lhes leva alimentos, quase como as pomboinhas de Trafalgar Square, Ópera de Paris e outras praças conhecidas.

O lago é de água doce que desce das altas montanhas dos Alpes. Não sabemos por que as gaivotas gostam de permanecer por estas alturas. Hoje experimentamos o vinho de Newchâtel. Bom, mas um tanto seco para o nosso paladar acostumado com os tipos da França. Teremos que tomar cerveja

CS SABOTADORES

(Continuação da pág. 22)

— Vinte e três.
— E' a idade que teria o meu menino.
— O senhor tem filhos?
— Tinha um só. Morreu na guerra. Em Montese.

— Um herói, então.
— Não, uma vítima dos fazedores de guerras.

— O senhor deve ter sentido muito a morte dele, não?

— Do filho, não. Senti a falta do companheiro. Se ele estivesse vivo estaria aqui no seu lugar.

— E a mãe dele?

— Ora, a mãe... As mulheres só sabem chorar e se lastimar quando acontece uma coisa dessas. Bom, mudando de assunto, você sabe Morso?

— Não; por que?

— Para traduzir essas mensagens dos grilos...

O rapaz não pôde deixar de sorrir. Mas tornou-se logo sério.

— Será que falta muito?

— Meia hora já passou. Agora estamos por conta do atraso.

— Eu não entendo é por que usamos um instrumento tão antiquado, quando temos bombas aperfeiçoadas.

— O chefe sabe o que faz. Tudo é estudado, muito bem estudado, jovem. O que funciona lá é a cabeça... Um dos nossos objetivos é implantar o medo. O medo é uma das nossas melhores armas. Veja, por exemplo, esse detalhe que parece sem importância, que é atirar a caixa do detonador no rio, logo depois da explosão. Você sabe para que isso?

— Para dificultar o trabalho da polícia...

O velho sorriu.

— Nada disso... Para aumentar o sensacionalismo e, consequentemente, o medo. A explosão vai ser comentadíssima. Os jornais dos quatro cantos do país vão botar manchetes e mais manchetes. Ora, o rio levará a caixa para longe. Ela será descoberta, mais tarde ou mais cedo, e constituirá mais uma nota de sensação. Vê você como tudo é estudado? Ah, jovem, cabeça é cabeça. Quanto à descoberta dos sabotadores, mais tarde, mais cedo ou

nunca, isso pouco interessa. Nós dois não entramos nos planos, somos apenas abstrações. Se formos presos ou mesmo sumariamente fuzilados — o que pode acontecer — azar nosso.

O rapaz escutava com atenção as explicações do outro. Passou-lhe o cachimbo, depois de batê-lo de encontro à sola do sapato. Fez um movimento com os lábios, mas conteve-se. O silêncio começou a pesar e o rumor monótono do rio dava sono. O velho olhava fixamente para o jovem, que se assentara e apoiara a cabeça nas mãos. Nesse momento ouviram o apito do trem, e se levantaram de um salto.

— E' hora — disse o velho.

O rapaz olhava-o com olhos enormes, mas não se mexia. O velho sacudiu-o pelo braço.

— Vamos.

Ele caiu em si e saiu do buraco, acompanhado pelo outro. Foram caminhando, devagar, medindo os passos. Agora ouviavam distintamente o ruído do trem, que se aproximava. Justamente ao chegarem ao degrau que se formava no terreno, o velho levou rapidamente a mão à cintura, tirou um pequeno "casse-tête" e descarregou tremenda pancada na cabeça do outro, que caiu redondamente no chão, sem um gemido. O velho deitou-se e ficou olhando para a frente. O barulho foi aumentando e dentro em pouco o farol da locomotiva iluminou a planície, onde a grande árvore se destacava. O trem passou, veloz e barulhento, enchendo a noite de fagulhas e desapareceu num corte de montanha.

O velho aproximou-se do rapaz, assentou-se e tomou-lhe a cabeça entre as mãos. Pôs-se a esfregar-lhe o rosto, a princípio devagar, depois mais depressa. Mas como não conseguisse reanimá-lo, começou a mover-lhe os braços, numa infundável ginástica respiratória. Afinal ele abriu os olhos e fez um movimento para se erguer.

— O trem... o trem...

O velho subjugou-o no chão e continuou a movimentar-lhe os braços. Ele começou a respirar melhor e foi recobrando os sentidos.

— Onde é que eu estou?

O velho não respondeu. Começou a esfregar-lhe o rosto, tirou o lenço e pôs-se a abaná-lo. Ajudou-o depois a assentar-se.

— O que aconteceu? E o trem?

MINHA JANGADA DE BAMBU

UM ROMANCE DE AMOR, DE RENÚNCIA, DE PAIXÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA DIVERTIDA DE UMA CRIANÇA.

FOLCLORE DO NORDESTE, COM O CARNAVAL E O SEU ENTRUDO DOS COMÊÇOS DO SÉCULO, OS PASTORIS, AS "SENTINELAS" AOS MORTOS.

O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLÉRO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODERÇOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU

DE RENATO DE ALENCAR É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS OS BRASILEIROS.

Preço: Cr\$ 25,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Visc. de Maranguape n.º 15 — Lapa — Rio de Janeiro

O velho olhou-o fixamente, examinando-lhe os olhos.

— O que aconteceu foi que você estragou tudo. Foi cair justamente na hora. Aliás, eu já estava prevendo isso. Eu sabia...

O rapaz esfregava as mãos, desesperado. — Francamente, eu não sei o que aconteceu. Por favor, acredite no que estou falando! Eu só me lembro é que recebi uma pancada e caí...

O velho sacudiu-o pelos ombros. — Ainda está tonto?

O jovem levantou-se, cambaleou um pouco mas se firmou, levando as mãos à cabeça e fechando os olhos.

— Não, agora estou bom, só com a cabeça doendo, uma dor horrível...

— Seja franco, homem: você, quando se levantou para vir detonar o explosivo, estava senhor de si?

O rapaz pensou um pouco.

— Não, eu saí completamente tonto, acho que de emoção. Depois recebi a pancada e caí... é só de que me lembro.

— Você não recebeu a pancada e caiu. Você caiu e recebeu a pancada. Tropeçou aqui no degrau, caiu de mau jeito e bateu com a cabeça no chão. Que por sinal é duro como cimento. Não me admira essa dor que está sentindo...

— Mas por que o senhor não detonou?

— Quando eu vi você cair me atirei no chão. Não sabia se era tombo ou não... E o trem passou.

O rapaz pôs-se de novo a esfregar as mãos.

— E agora? E agora? O que é que eu vou falar ao chefe?

— Deixe por minha conta. Afinal, um acidente é um acidente, e pode acontecer com qualquer um. Se eu não assistisse não acreditaria, porque foi muito azar, mesmo. Mas assisti, foi a sua sorte. Escute bem. — O rapaz aproximou-se ainda mais, como a querer beber-lhe as palavras. — Você vai fazer o seguinte: não vai usar da imaginação, nem inventar detalhes, nada disso. Conte somente o que aconteceu. Você ouviu o apito, caminhou para o detonador, tropeçou e caiu. Só isso, compreendeu? O resto deixe por minha conta. Foi uma sorte você estar aqui comigo, que tenho certo prestígio lá. Se

fosse outro qualquer, você estaria em maus lençóis...

O rapaz pareceu sossegar. O velho encheu o cachimbo, pachorrento, acendeu-o e tirou umas fumaçadas.

— Agora vamos tratar de desmontar a geringonça, antes que amanheça. Nós deixamos tudo aqui, até segunda ordem. Uma coisa porém eu garanto: é que essa segunda ordem não me pega mais com você...

O rapaz avançou para o velho e segurou-o pelas golas.

— Mas o senhor está fazendo um juízo falso a meu respeito! Eu não sou um covarde! E todos pensarão isso de mim, amanhã! Mas eu não sou um covarde! Não sei o que me aconteceu, não sei, palavra!

O velho segurou-lhe as mãos e esperou que a onda de desespero passasse. Depois falou-lhe de manso:

— Não, meu jovem, você não é um covarde, eu sei disso. Os companheiros saberão que você apenas sofreu um desastre. Coisas que acontecem...

Foram caminhando com cuidado, passo a passo. O velho enfiou o cachimbo no bolso e continuou a falar, como se monologando:

— Não, você não é um covarde. Você não é um covarde. Os covardes são outros.

AS GRANDES FIGURAS...

(Continuação da pág. 38)

Livingstone foi responsabilizado por dois tentos. Depois baquearam ante os brasileiros, por 2x1, "score" que não traduziu fielmente a nossa supremacia no terreno. Em seguida obtiveram uma pálida vitória frente à modesta representação do Equador, pela contagem mínima. O seu quarto compromisso, contra a representação da Colômbia que lutava para fugir do último pôsto, não lhe proporcionou mais do que um modesto empate de 1x1, num prêmio em que esteve a pique de ser derrotado. Nos compromissos subsequentes os chilenos perderam para o Paraguai, por 4x2, para o Peru, por 3x0, e finalmente venceram os uruguaios, por 3x1. Como se verifica, nos sete jogos disputados, somente lograram vencer duas vezes, empatando



ANGELUS RAVEL

A EXPOSIÇÃO DE ORLANDO TERUZ

Ao sair esta edição, já deve ter sido inaugurada no Mu-

seu Nacional de Belas Artes, a exposição do pintor brasileiro, Orlando Teruz, filho da Capital Federal e um dos nossos maiores artistas contemporâneos.

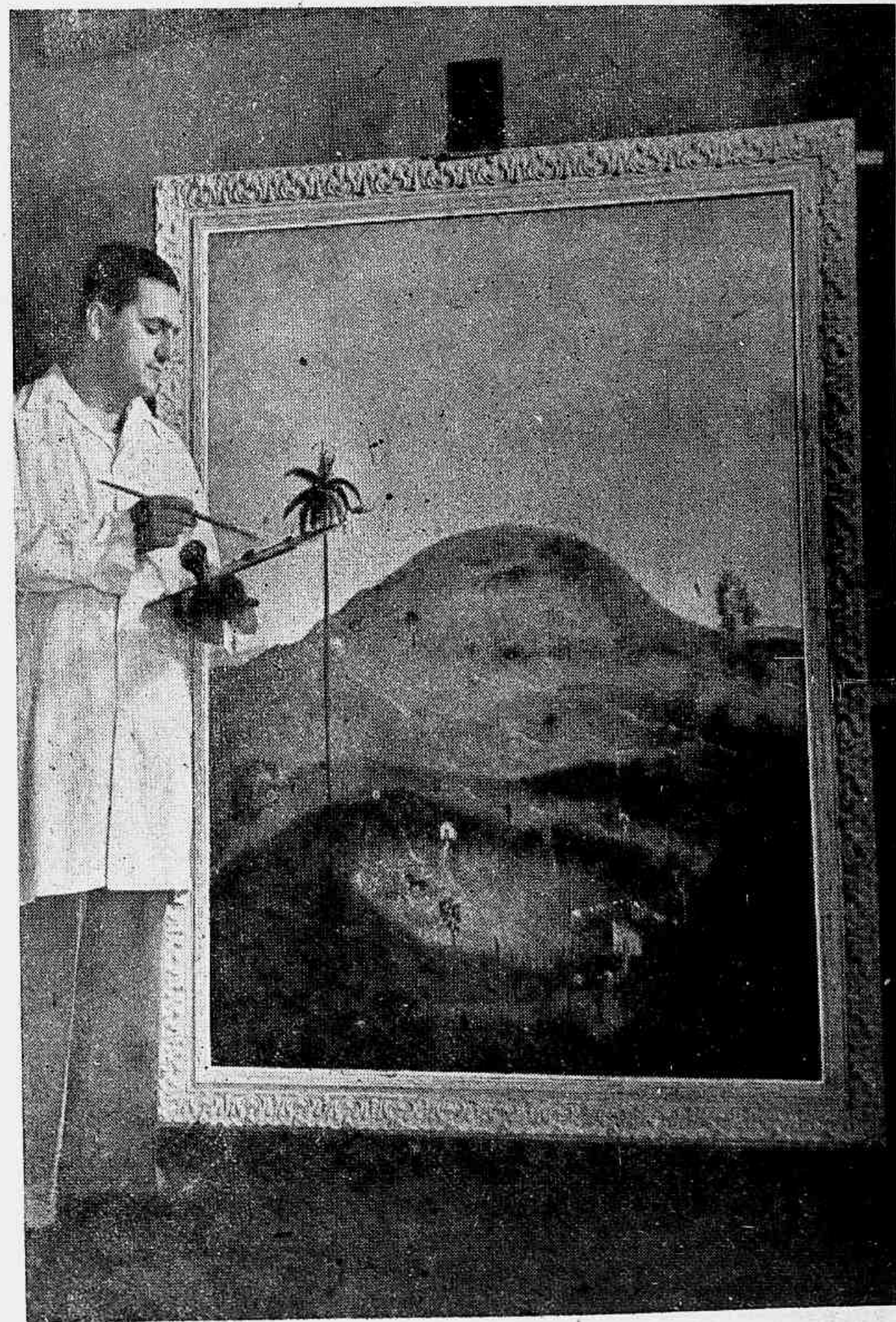
Tendo feito seu curso artístico em nossa Escola Nacional de Belas Artes, já fez jús o talentoso pintor, a prêmios de viagem à Europa e dentro do próprio país, vendo-se quadros seus em museus da Europa, dos Estados Unidos, Argentina, Chile, etc.

Muitos museus e galerias particulares possuem telas de Orlando Teruz, tôdas elas admiradas pela expressão de sua grande arte, a emotividade dos traços, a riqueza de seu talento.

Alem de paisagista exímio, muito se aprofundou o seu valor artístico nos estudos e retratos, quadros de natureza morta, etc.

Na exposição que organizou e que já deve estar aberta ao público, vai Orlando Teruz mostrar ao carioca suas últimas concepções de arte, obras absolutamente inéditas para os admiradores do vitorioso artista.

Atualmente já não se pode dizer que essas mostras de civilização e cultura não interessassem ao povo. Os homens de negócio, os banqueiros, industriais, etc., que vivem mergulhados nos documentos correspondentes aos seus numerosos problemas, têm-se mostrado accessíveis às demonstrações de Arte, não apenas adquirindo obras de alto valor, como estimulando os seus realizadores, animando-os a prosseguir na luta pela conquista dos maiores triunfos. E não poderia deixar de ser assim, não apenas pelo nosso desenvolvimento como nação civilizada, mas, especialmente, porque já podemos contar com artistas do valor de um Orlando TERUZ.



Orlando Teruz dando os últimos retoques ao seu belo quadro "Paisagem"

Um Belo Presente

O Album de "A CENA"

Um rico brinde de A CENA MUDA aos seus leitores; um presente especial para as férias do meio do ano com 100 páginas.

Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso.

A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar.

O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00. Estará à venda em todo o Brasil no fim deste mês.

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio à

CIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

Cia. Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio



M. A. M. (Rio) — O seu conto "O bom Lourenço" precisa ser revisado quanto ao linguajar do preto. Ou fala como analfabeto, ou em linguagem comum. Misturar é que não pode.

P. S. (Ribeirão Preto) — "Aconteceu na Primavera" está muito longo, excedendo cerca de quatro laudas do limite máximo. Procure também evitar os excessos de lirismos pueris e melhora o português. Teremos muito prazer em publicar um conto seu, pois vemos que a senhorita tem imaginação, jeito e tradições literárias.

A. Bruxa (Rio) — Não pudemos aproveitar "Tempestades a 3.600 mts." porque não é conto literário e sim um relato quase técnico de viagem aérea. E tenha mais cuidado com o crasear.

H. P. (João Pessoa) — Aquêlê seu "Quarteto em Ré" só em revistas licenciadas ou em livros. Está escabroso!

Galvão de Queiroz (?) — "A Cruz" foi aprovado.

J. K. (Votorantim-R. G. do Sul) — "A Espera" não foi aproveitado. Estude um pouco mais a concordância gramatical de nosso idioma.

A. F. (Curitiba) — Seu conto "A companhia inseparável" está prejudicado. Fuja das tiradas de lirismo colegial e evite o estilo afetado com adjetivação ilógica.

J. M. R. (S. Paulo) — Lamentamos não ter aproveitado o seu "O Morto"! Procure escrever sem preciosismos, em linguagem simples.

H. S. D. (D. Federal) — "Dona Clemência" não pôde ser aproveitada. Falta-lhe conclusão. Refunda-o e volte.

Figurinos e Revistas

Preços especiais para revendedores. Vendas pelo Reembolso Postal. Peçam listas de preços a ORLANDO PEDROSA

Caixa Postal, 6397

SÃO PAULO



USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

uma e perdendo quatro. Índice fiel de uma atuação irregular. A sua grande figura foi o goleiro Livingstone que, apesar de veterano, ainda é um valor positivo na posição. Embora fracassasse no primeiro encontro, redimiu-se dos seus erros nos encontros posteriores, em que apareceu como grande figura e principal fator dos "placards" modestos. Agradaram também, pelo espírito combativo, o zagueiro Negri e o atacante Rojas, dois "players" com algumas qualidades técnicas. Os chilenos não obedecem propriamente a um padrão tático, sendo o seu sistema habitual o livre arbitrio. O jogador é dono de si, da sua vontade, e tanto pode recuar como avançar a seu bel-prazer. Os zagueiros são os únicos que parecem ter setor designado, pois raramente se descolam dos ponteiros antagonistas. A atuação do Chile decepcionou totalmente, principalmente porque era tida como capacitado a brilhar no certame.

OS BOLIVIANOS

Por outro lado, não podemos deixar de registrar como surpreendente a conduta dos bolivianos. Uma representação modesta que logrou dois triunfos sensacionais, embora tenha contra si o fato de ter sofrido a maior goleada do certame. Para um quadro bisonho que aqui veio sem maiores pretensões, as vitórias sobre as representações do Chile e do Uruguai, têm um significado especial. E note-se que os dois triunfos não foram conseguidos por chance e sim por categoria, por ter se exibido melhor do que os seus adversários, o que de algum modo demonstra um grande progresso alcançado pelo quadro alvi-negro. E diga-se mais que se não fosse aquela espetacular derrota que sofreram já ao apagar das luzes do certame para o quadro do Paraguai, teríamos naturalmente que considerar os bolivianos como a grande surpresa do torneio, no que pese os 10x1 que lhes infligiram os brasileiros. Dos bolivianos dois elementos nos impressionaram. Um deles foi o zagueiro Aachá, portador de bons dotes físicos e de qualidades técnicas recomendáveis. Tem bom senso de colocação e sabe despachar com muita habilidade as bolas para o campo adversário. Algarñaz é o outro elemento de valor. O seu sistema de jogo é muito semelhante ao do nosso Ademir, pois prefere os "rushs" atômicos nas jogadas em profundidade. Assinalou um tento contra os uruguaios que ficará na história, um "goal" como muito poucos são capazes de conseguir; recebendo o couro na altura da sua linha média, infiltrou-se rapidamente pelo campo adversário para, da altura da grande área, atirar violentamente no ângulo esquerdo do arco uruguaio. Na sua avançada fulminante, Algarñaz driblou inúmeros adversários com maestria. Tecnicamente o conjunto boliviano é rudimentar, porém é formado por jogadores muito combativos e ardorosos. A exemplo dos chilenos, não obedecem a uma tática previamente designada. Jogam à vontade. Disciplinarmente são bons, com alguns senões para Cabrera.

OS EQUATORIANOS

Os equatorianos, tidos como os mais fracos concorrentes, experimentaram, logo de início, uma fulminante goleada imposta pelos nacionais, no "match" de abertura do campeonato: 9x1. Depois foram se redimindo aos poucos, a ponto de exigir dos seus adversários todo o empenho para não deixarem o campo amargando um revés. Um "team" modesto, não resta a menor dúvida, tecnicamente muito pobre, porém com muita capacidade para progredir, pois durante a disputa do certame conseguiram uma aprimoramento tão grande que lograram finalmente, no "match" de despedida, uma vitória retumbante sobre a representação colombiana, pela alta contagem de 4x1. Dos sete jogos disputados, os equatorianos venceram somente uma vez, empatando uma e perdendo cinco. Os equatorianos não empregam chaves nem táticas, e o seu futebol baseia-se unicamente no entusiasmo, tanto assim que são raros os jogadores que têm posição certa. O elemento que mais impressionou no "team" auri-azul foi o meia Vargas, que usa indiferentemente os dois pés e tem algumas qualidades como artista da pelota. Os demais num mesmo plano, com altos e baixos.



JOSÉ FOMM

CADA espetáculo anunciado por Pascheal Carlos Magno provoca uma onda de curiosidade, pois o dinâmico diretor do Teatro do Estudante é um verdadeiro lançador de jovens portentosos. Na última temporada apresentou o teatro com Sérgio Cardoso, Carlos Couto, Ambrósio Fregolente e outros moços de indubitável talento. Comemorando o 20.º aniversário da Casa do Estudante do Brasil, Pascheal Carlos Magno apresenta o Festival Shakespeare, programando as peças "Romeu e Julieta", "Macbeth", "Sonho de uma noite de verão", "Othelo" e ainda "Rei Lear".



Sílvia Orthof

"Romeu e Julieta" inaugurou brilhantemente o Festival e três valores novos foram apresentados: Narto Lanza, José Ricardo e Sílvia Orthof. Não citamos Laiz Perez como "valor novo" porque já atuou com grandes destaque em "Inês de Castro", quando da última apresentação daquele grupo.

Narto Lanza, que interpretou "Romeu", possui uma bela voz (aliás extremamente parecida com a de Sérgio Cardoso); seu trabalho foi bem executado, com grandes momentos, destacando-se a cena da mor-

te, que impressionou, tal a perfeição. No primeiro ato, quando conversava com Ben-vólio e Mercúcio, deixou transparecer seu nervosismo nas risadas que dava; nos atos seguintes, porém, libertou-se completamente desse mal que ataca os artistas nas noites de estréia.

O difícil "Mercúcio" foi interpretado por José Ricardo, que foi uma das maiores revelações; sua agilidade e desenvoltura fazem-no parecer um veterano, roubando todas as cenas em que figura; a única falha que se lhe pode atribuir é a dicção, por vezes confusa devido às inflexões de voz com que colore seu papel.

Sílvia Orthof, uma menina de 15 anos, reuniu em sua bonita figura todos os caracteres da doce apaixonada de Verona, e no monólogo do terceiro ato provou ter os predicados para uma verdadeira atriz.

Laiz Perez foi a "Ama" ideal; toda sua interpretação foi revestida de segurança, embora, em algumas cenas desequilibrasse o tom de voz com que adequou a personagem.

Adauri Dantas no "Ben-vólio" e Rui Borba no impetuoso "Theobaldo", foram as melhores apresentações nos papéis secundários.

Wilson Ribaldo, que interpretou "Frei Lourenço", foi, indiscutivelmente a figura mais apagada; todo seu papel é feito sem a mínima emoção e naturalidade.

Maria José, na Sra. Capuleto, permaneceu bem no primeiro ato, desequilibrando-se nos seguintes. Os outros elementos, embora discretos, não conseguiram destaque.

Um ponto falho, é, sem dúvida, a cena do baile, no primeiro ato, na qual Sílvia Orthof contrasta grandemente com os bem ensaiados elementos do Ballet da Juventude.

Os cenários e figurinos de Santa Rosa muito contribuíram para a beleza do espetáculo seus cenários, embora de simples confecção, foram expressivos, e os figurinos, realmente lindos, tiveram uma harmonia esplendorosa.

A tradução de Onestaldo de Pennafort tem muitas passagens fluídas e boas, não se compreendendo, entretanto, o emprego de termos chocantes, como "esfregão" (cena em que a Ama compara Romeu a Paris) e "vagabunda" (nas imprecações de Capuleto contra a filha).

O espetáculo ora apresentado no Teatro Fenix agrada e muito, principalmente notando ser composto de elemento amadores e totalmente inexperientes. E her Leão é grande responsável pelo bom êxito de "Romeu e Julieta", pois sob sua competente direção esteve o drama imortal de Shakespeare.

DO ESTRANGEIRO

Em 19 de abril deste ano, o Theatre Guild, dos Estados Unidos completou o 30.º ano de existência, e sua história está intimamente ligada à História do Teatro Americano.

Há 30 anos, quando jovens voltavam aos lares vindos da primeira Guerra Mundial, um grupo amante de Teatro sentiu que havia um lugar na América para peças de comprovados méritos. Há 30 anos que Lawrence Langner e Maurice Werthem dispuseram de 500 dólares cada um, confiados na capacidade e gênio de Thereza Helpburn, Phillip Moeller, Lee Simonson e Helen Westley, que conduziam-se para a maturidade.

Fundado em 1919, quando Oklahoma era somente o nome do 46.º estado norte-americano, o Theatre Guild não teve "áureos dias" até que Otto Kahn encontrou o teatro Garrick sem nenhum arrendatário. Kahn foi induzido a alugar o teatro e lançar-se ousadamente para as produções teatrais. Recruta, então, um "cast" e inicia os trabalhos, abrindo uma subscrição que arrecada 1.000 dólares.

Em abril de 1919 abriu a cortina com "Bonds of Interest" de Jacinto Benavente, que apesar dos aplausos da crítica, permaneceu poucas semanas em cartaz. Intrépido, Langner descobriu a peça "John Ferguson", quando esmiuçava uma livreria. Seu autor, John Ervine era, então, completamente desconhecido e a peça considerada um autêntico fracasso pelos "entendidos" de teatro. Contudo, a 12 de maio de 1919, com apenas 19 dólares de capital, o Guild estreou "John Ferguson", que não feneceu e o teatro continuou. O Garrick era o único em funcionamento, devido ao verão reinante, que no entretanto não feriu a peça nem o Guild.

A primeira temporada lotada abriu em 19 de outubro com a tragédia de John (Continua na pag. 52)



TEATRO EXPERIMENTAL DA OPERA ★ TEMPORADA LIRICA NACIONAL ★ FRIEDRICH GULDA, "GÊNIO"...

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



Pascoal Carlos Magno

ORGANIZADA pelo Teatro do Estudante do Brasil, sob a direção operosa e eficiente de Paschoal Carlos Magno, ocupa o Teatro República uma companhia experimental de ópera, que vem preencher uma lacuna em nosso meio musical.

Era, realmente, necessário que surgisse um conjunto destinado a lançar os novos nomes da cena lírica, nos primeiros passos de suas carreiras. A estréia no Municipal constituía esperança, às vezes muito remota, desses jovens cantores, que ficariam à espera de uma oportunidade, se não encontrassem apoio nessa iniciativa de grande alcance cultural.

O que impressiona, no Teatro Experimental da Ópera, não é o número de talentos desconhecidos que apareceu nas réguas do República. É mais do que isso: é o esforço harmonioso de todos, é a impressão de devotamento, entusiasmo e compenetração que eleva o nível artístico e compensa as deficiências de um ou outro elemento mais fraco. Todos cooperam, sem pretensões, sem a preocupação de sobressair, de chamar a atenção da crítica. E, por isso mesmo, os valores surgem naturalmente, sem quebrar o equilíbrio dos espetáculos.

Mas há outro aspecto que merece destaque especial. São os aplausos espontâneos, vibrantes, de um público que, no República, ouve as mesmas óperas que, no Municipal, com elencos nem sempre superiores, são acessíveis somente aos que podem pagar os preços proibitivos das localidades.

BOHEME

Ambiente muito diverso fomos encontrar, no Teatro Municipal, durante a Temporada Lírica Nacional. As disputas ocorridas nos bastidores culminaram num incidente que chegou às colunas da imprensa. Aludiu-se a agressão que teria sofrido o sr. Mocchi. Notas e explicações foram publicadas. Rivalidades, susceptibilidades, incompatibilidades...

Felizmente, porém, há a registrar alguns desempenhos dignos de elogios especiais. Entre estes, o de Nadir de Melo Couto, na Bohème. Repetindo uma criação que já foi consagrada pela crítica, em temporadas anteriores,

ela viveu o drama de Mimi, revelando dispor de recursos vocais e dramáticos que justificam o sucesso da récita. Desde o Mi Chiamano Mimi até a cena da Morte manteve num nível elevado a sua interpretação. Destacaremos, especialmente, o Addio Senza Rancore ao qual ela comunicou intensa emoção.

Apresentou-se, também, cheia de vivacidade e graça, Diva Pieranti, numa Musetta encantadora. E Paulo Fortes deu brilho e destaque ao Marcelo.

ONDE ESTÁ O GÊNIO?

A Orquestra Sinfônica Brasileira anunciou um "gênio". Certamente, são gênios muitos dos compositores que figuram, habitualmente, nos programas do conjunto: Beethoven, Mozart, Bach... Mas o julgamento que os consagra é o resultado da confirmação trazida por várias gerações, através das quais sua glória foi se expandindo. O gênio atual, porém, corre por conta do Neue Zürcher Nachrichten, jornal suíço, que proferiu a sentença: é gênio! Tollitur quæstio.

Francamente, não é o caso de nos deixarmos intimidar pelo pronunciamento, ainda que apoiado nas referências elogiosas de inúmeros outros expoentes da crítica, em diversos países da Europa. "Gênio" eis aí uma palavra que deve ser empregada com prudência. Se a aplicarmos irrefletidamente, logo veremos surgir uma inflação de gênios e teremos de cunhar outro vocabulário para os gênios verdadeiros, na hierarquia dos valores artísticos.

O pianista Friedrich Gulda não é um gênio. Na verdade, a imprudente afirmação da propaganda o prejudica, pois, ao vê-lo anunciado com título tão pomposo, reservamos, de antemão, os padrões de julgamento raramente utilizados, destinados a medir as maiores grandezas... Donde, a inevitável decepção. E esta ressalva: não é gênio. Situado, porém, em outro plano, menos pretensioso, o sr. Friedrich Gulda é um pianista competente, dotado de uma técnica brilhante, com raras qualidades e alguns humaníssimos defeitos. Moco ainda, não sendo o "menino prodígio" que a publicidade apresenta em linguagem cheia de superlativos, é artista consciencioso e brilhante, construindo e colorindo as suas interpretações com critério e sensibilidade. Um pouco superficial, talvez, compensa essa deficiência com a agilidade e a doçura de seu "toucher", só prejudicada em certos fortes acentos e abruptos que quebram a harmonia da execução. O seu fraseado é elegante e suave.

Interpretando o concerto de Schumann de forma a merecer elogios especiais o sr. Friedrich Gulda causou um certo desapontamento, porque a propaganda comprometera irremediavelmente a sua atuação, com o "genial", imposto antedupadamente.



Friedrich Gulda

Finalmente chegamos à representação colombiana, a única que não logrou um triunfo sequer, pois dos sete jogos disputados empatou duas vezes e perdeu cinco. Os seus empates foram registrados contra o Chile e o Uruguai, dois adversários categorizados logo se vê. Por esses dois resultados facilmente chega-se à conclusão de que a Colômbia foi o quadro menos regular do torneio. As suas atuações sempre surpreenderam, nunca deram margem a que se fizesse um juízo perfeito das suas possibilidades. Esse fenômeno observou-se, inclusive, entre os seus próprios "players", pois alguns deles em vários compromissos se portavam magnificamente para decaírem repentinamente no encontro posterior. Assim mesmo, vamos destacar o goleiro Ojeda e o zagueiro Picalua como os mais regulares ou, para melhor dizer, menos irregulares. O selecionado colombiano, contudo, na parte disciplinar teve atuação digna de encômios.

A VIDA DE BANTING

(Continuação da pág. 18)

tidade suficiente para prolongar a vida dos diabéticos. Extrairia o suco necessário dos fetos de terneiros. O pâncreas de um animal na fase embrionária é constituído quase inteiramente de "pontos insulares". As outras células, produtoras de suco digestivo, ainda não ultrapassaram a fase rudimentar. Ali estava o grande remédio para a humanidade — nos corpos do gado por nascer.

E do gado abacinado. As glândulas pancreáticas dos animais mortos nos matadouros eram lançadas fora como coisa impraticável. Agora aquilo ia tornar-se um fator importante na proteção da vida — refletiu Banting.

E tinha razão. Com a ajuda da isletina extraída dos corpos de animais mortos ou em formação, conseguiu prolongar indefinidamente a vida dos cães diabéticos. Descobriu um remédio positivo, se não uma cura completa, para a diabete nos animais. Restava um único — e fatídico — problema: a isletina poderia neutralizar a diabete nos seres humanos?

Um dia, caminhando pela rua, Banting se encontrou com o seu antigo condiscípulo Joe Gilchrist. O infeliz estava-se "desfazendo em torrentes de açúcar". Descarnado, pálido, sem esperança, atingira as últimas fases da moléstia.

Banting olhou o amigo.

— Olá, Joe.

A resposta veio numa voz tênue, desalentada:

— Olá, Fred.

— Eu gostaria que você viesse ao meu laboratório, Joe. Estive fazendo umas experiências que há de interessar-lhe.

Mas, enquanto levava Joe Gilchrist ao laboratório, Fred Banting não sentia tanta confiança como a sua voz dava a entender. Aplicou uma injeção de glicose no amigo, e logo depois uma injeção de isletina.

— Vamos ver agora se o extrato queima a glicose.

Duas horas passaram lentamente. Gilchrist respirou no "saco Douglas". O ajudante de Banting verificou o resultado do exame e voltou os olhos para Banting. Este compreendeu a mensagem de Best. Joe não dava sinal de mudança. Não estava queimando o açúcar que lhe haviam ministrado. Sua respiração era pesada e arquejante. Banting não teve coragem de fitar os olhos do amigo. Levantou-se, deu algumas instruções a Best, e saiu do laboratório. Tomou um trem para o norte. Ia passar alguns dias com os parentes e enterrar os seus pensamentos na quietude da granja. Mas o barulho das rodas no trilho repercutiam-lhe na cabeça com força terrível. O tiquetaquear dos últimos momentos de um homem a morrer de excesso de açúcar...

Sou a campainha do telefone na granja dos Bantings. Era Joe Gilchrist que estava na outra extremidade do fio. Falou a Banting rapidamente, com excitação. A voz se elevava, animada. "Ontem, logo depois que você saiu, comecei a respirar com facilidade. A minha cabeça desanuviou. Voltou o apetite. Hoje, é verdade, estou arrastando os pés outra vez. Sinto cansaço, mas não me aflijo. Vou voltar a fazer outra injeção daquele extrato... O elixir da vida..."

V

Quando o professor Macleod soube dos êxitos de Banting, abandonou logo todas

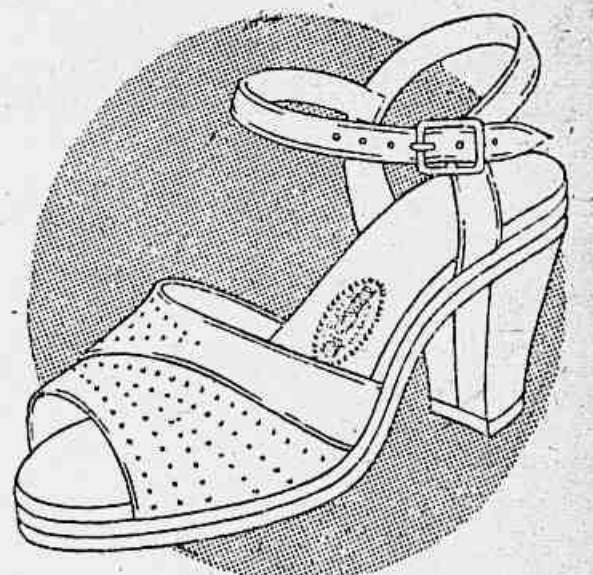


Recente e maravilhosa criação da afamada marca "Hollywood" para o outono e o inverno



Modelo GILDA — Verniz preto, saltos 5½ e 3½. Preço Cr\$ 90,00

A última palavra em conforto, elegancia e durabilidade



Modelo GILDA — Búfalo branco, saltos 5½ e 3½. Preço Cr\$ 90,00

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio.

Os que enviarem vales postais não pagarão as despesas de porte.

Os vales postais devem ser emitidos a favor da FABRICA DE CALÇADOS NILO LTDA. -- Belo Horizonte, e remetidos à CAIXA POSTAL 5.275 -- Rio de Janeiro.



DE PORTO ALEGRE — Entre as comemorações do cinquentenário da fundação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre constaram significativas homenagens ao falecido Prof. Heitor Alves Dias, ilustre clínico patricio; além do seu busto na Biblioteca da Faculdade, foi inaugurada a herma do grande médico em frente à sua residência



na capital gaúcha. Entre outros, falaram o Prof. Varela Fuentes, de Montevideu, e o Prof. Ivo Correia Meyer. Na herma lê-se: "Não morre quem, como ele, deixa uma grande obra de medicina".



as outras atividades e encarregou-se pessoalmente das experiências. Trocou o nome isletina pelo seu equivalente latinizado insulina. Alastrou-se como um incêndio a notícia de que fora encontrado por fim um remédio para a diabetes.

Macleod compareceu a uma sessão da Associação de Médicos Americanos e leu um relato oficial das experiências feitas nos "meus laboratórios médicos". Terminada a leitura, uma voz exclamou da assistência: "Propomos que a Associação apresente um voto de homenagem ao dr. Macleod e seus assistentes pela obra que realizaram".

Fred Banting não se importava que outro ficasse com as honras da descoberta. Mas importava-se, e muito, com o estado dos seus pacientes. Estes afluíam a Toronto em magotes, pedindo insulina para lhes salvar a vida. Mas ainda não se conseguira a droga em quantidade suficiente para todos. Tampouco se aperfeiçoara o método de aplicação. Joe Gilchrist continuava agoniante. Banting reclamava dinheiro e mais dinheiro para prosseguir as experiências.

Passava agora a maior parte do seu tempo na seção de diabéticos do Hospital de Soldados Repatriados de Christie Street. Ali, ia de leito em leito, injetando o precioso extrato nas veias dos que se achavam em estado mais grave. Os pacientes não alimentavam ilusões. Sabiam que estavam expostos a riscos terríveis, pois a insulina era uma arma de dois gumes. Em doses muito grandes, baixava o teor de açúcar no sangue a tal ponto que o paciente sofria um choque violento, caía em convulsões e morria. Para evitar este choque, era preciso equilibrar a diminuição do açúcar com uma injeção de glicose. Mas, até então, o ajustamento desse delicado equilíbrio era procurado às cegas.

Mas os soldados não tinham medo. Esperando a morte em qualquer caso, estavam dispostos a submeter-se às experiências de Banting. "Sempre há uma probabilidade de que, esta vez, dê bons resultados".

Joe Gilchrist era o chefe das "cobaías" nos experimentos de Banting. Também se achava, agora, internado no hospital. Os outros pacientes chamavam-lhe Capitão. O que é bom para o Capitão é bom para nós.

E pouco a pouco Banting ia obtendo resultados satisfatórios. Seus "rapazes" comiam melhor, aumentavam de peso. Começavam a chegar relatórios de outras clínicas. Tinha-se administrado insulina a cinquenta diabéticos em fase adiantada. Dez deles tinham sido levados à sala de emergência em estado de coma. Todos os dez voltaram a si. Quarenta e seis pacientes apresentavam melhoras. Seis estavam quase completamente restabelecidos. "Fred Banting encontrou o rumo certo, afinal".

E a tempo de preservar a vida de homens como o rei Jorge V da Inglaterra, Hugh Walpole, George Eastman, H. G. Wells e o dr. George R. Minot. Graças à insulina, o dr. Minot pôde viver e realizar uma descoberta igualmente benéfica — o tratamento de extrato de fígado para a fatal moléstia da anemia perniciosa.

Banting recebeu por fim a recompensa merecida — o Prêmio Nobel de Medicina (1922). O prêmio foi outorgado conjuntamente a ele e ao professor Macleod. Assim que Banting recebeu o dinheiro, enviou metade ao seu auxiliar Charlie Best. O telegrama que acompanhou o cheque dizia: "Divido com você a minha parte — sempre".

VI

Depois da batalha de Flandres, Fred Banting recebera a cruz-de-ferro por "calma sob o fogo inimigo". Agora mostrou-se igualmente imperturbável sob outra espécie de fogo — uma saravada de honrarias e distinções. O governo canadense criou a Banting Research Foundation, e concedeu uma pensão de mil e quinhentas libras anuais ao descobridor da insulina. Os cidadãos de Toronto fundaram um instituto (1934) com seu nome. O rei Jorge V fê-lo (1934) Comandante da Ordem do Império Britânico. A Real Sociedade aceitou-o como membro por sua "relevante contribuição" para o estudo da diabetes. "Tudo o que eu sei a respeito da diabetes", observou ele, "pode ser dito em cerca de quinze minutos". Aceitava todas as honras com um sorriso e prosseguia modestamente o seu labor.

Tinha agora estendido a sua atividade a outros campos de investigação. Iniciara uma série de experiências sobre as glândulas supra-renais e as causas do câncer. Havia tantos problemas ainda inexplorados. Como poderia descansar? "A satisfação é coisa que não está ao alcance do espírito humano bem constituído". Uma vez encontrada a resposta a uma pergunta, entramos a procurar em seus elementos integrantes uma nova interrogação, o terreno bendito de uma nova ansiedade, onde, no fim da jornada, conquistemos novas medalhas. Não que as medalhas tenham algum valor depois de conquistadas. "A maior alegria da vida está no obter, não no possuir" — na consciência de ter realizado com êxito uma tarefa importante. E que importa que os outros levem a fama dos nossos trabalhos? Isso apenas prova a relevância dos trabalhos realizados. "O que importa ao progresso humano não é o pensador, mas o pensamento". O pensador morre, mas o pensamento sobrevive.

Terminadas as horas de paciente investigação, Banting pegava um pincel e telas, e saía a percorrer o campo, fixando as cenas que encontrava. Pois a pintura era o seu modo de descansar o espírito. E ele tinha aptidão para isso. "Banting é um dos artistas amadores mais interessantes do Canadá", observava o seu colega Best. Passara anos adestrando-se, com obstinada aplicação, na arte de pintar paisagens. Era uma obra de amor, essa fixação do seu apêgo ao solo. Banting gostava de pintar a natureza tanto nos seus aspectos hibernais como nos de verão. Gostava de palmilhar os campos com os seus sapatos de neve enquanto os ventos do golfo sibilavam e Quebec tiritava de frio. Ao meio-dia, parava para fazer fogo, desemperrando os dedos ao chá e aquecendo a mente com as suas reflexões. Depois, quando entra-

LUSTRES DE CRISTAL FRANCESES, DA BOÊMIA E NACIONAIS

PORCELANAS, CRISTAIS FRANCESES, INGLÊSES
E DA BOÊMIA, PARA ADORNO E PARA MESA.
SERVIÇOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ, DE FINÍSSIMAS
PORCELANAS DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS.

BAIXELAS.-FAQUEIROS

MAGNÍFICA VARIEDADE DE
OBJETOS DE ARTE PARA PRESENTES

PRINCESA DOS CRISTAIS

RUA DA ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME Nº
RUA CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00



CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

vam em contacto com as tintas, seus dedos vibravam de energia. Era tão agradável escapar do cubículo abafado das suas experiências para este laboratório ao ar livre. Tão bom poder respirar este ar tranquilo...

E então, uma repentina parada nos seus pacíficos experimentos e pasatempos. O outono de 1939. Rompera a segunda Guerra Mundial. Banting, num velho traje gasto e sujo de cinzas de cigarro, apresentou-se numa base hospitalar de Ottawa e perguntou pelo coronel Rae, o oficial de serviço. "Estou muito velho para combater, senhor, mas gostaria de incorporar-me à sua unidade médica no pósto mais baixo que possam dar-me".

Deram-lhe o pósto de capitão e ele protestou violentamente. "Eu preferiria ser soldado raso". Elevaram-no ao pósto de major e ele protestou ainda mais violentamente. Por fim, quando ameaçaram promovê-lo a coronel consentiu em servir como major. "Um homem pode dar o melhor do seu esforço, mesmo num pósto elevado", comentou com um sorriso de resignação.

VII

Chegara aos quarenta e nove anos. Na escuridão do outono do mundo, teve início uma nova e obstinada pesquisa para combater uma enfermidade maligna — o assalto à liberdade humana. Banting ajudou a formar e classificar reservas de sangue para transfusão, destinadas às tropas e civis expostos ao fogo. Fêz diversas viagens à Inglaterra como oficial-médico de ligação. Foi nomeado presidente de uma comissão organizada com o fim de coordenar os trabalhos de pesquisa médica dos exércitos canadenses e britânicos.

Em fevereiro de 1941, partiu num avião de bombardeio com destino a Londres — a obstinada capital que mantinha o valente braço erguido em desafio enquanto os piratas nazistas do ar ameaçavam amputá-lo.

Havia muito que fazer por ela — essa obstinada senhora Londres. Fred Banting pisava o limiar de um novo devotamento, de uma nova vida de serviços. Nesse momento, voava a grande altura acima de Terra Nova, rumo ao oceano. Ia preocupado com uma problema especial. Aquêles rapazes da Royal Air Force que faziam repentinas descidas em bombardeiros de mergulho — não haveria meio de protegê-los contra os breves momentos de inconsciência quando tornavam a ganhar altitude?

Cabeceou, tomado de sonolência. Olhou para os contornos da paisagem lá embaixo. Era o rosto imóvel de sua mãe, coberto por uma mortalha. Mas ele o conhecia — mais de uma vez fixara na tela as sombras dos seus belos traços, e a luz do sol em seus olhos. "Dedicarei muito mais tempo à pintura quando terminar a guerra..."

O radiotelegrafista aproximou-se dele com precipitação. "Ordens dos pilotos, Sir Frederick. O senhor deve atirar-se de paraquedas imediatamente!"

Uma asa do avião chocou-se contra uma velha árvore. Uma das rodas de aterrissagem despedaçou-se de encontro à superfície gelada de um lago. As ruínas do aeroplano ficaram enterradas em cinco pés de neve.

O piloto, ferido, entrou na cabine. O radiotelegrafista morrera. Banting jazia imóvel, com os olhos arregalados e o sangue a correr de uma ferida na cabeça. O piloto procurou reanimá-lo. Seus lábios se moveram. Com um grande esforço da vontade, Banting começou a falar — rápida e nervosamente, como se estivesse em seu gabinete ditando notas à secretária, ou na sala de aulas fazendo uma preleção. O piloto sacou de um lápis e papel, e fingiu que tomava notas. Mas não conseguia entender nada. Sabia que aquilo era o esforço de um grande cérebro para transmitir a sua última mensagem — talvez uma nova fórmula para vencer outra enfermidade. Mas a fórmula não chegaria ao conhecimento do mundo.

Caiu a noite, e Banting passou algumas horas num sono irregular. Com a aproximação da manhã, despertou, ergueu a cabeça e continuou a falar. Adormecia intermitentemente, depois recobrava a consciência com esforço e recomeçava a ditar as suas notas incoerentes.

O piloto compreendeu que devia ir imediatamente em busca de socorro, ou o dr.

Banting não viveria até a noite. Saiu a caminhar a passos trôpegos por aquela solidão de rochas, arbustos e gelo. O vento bateu-lhe no rosto, impedindo-lhe a marcha depois de um avanço lastimosamente curto. Suas pernas inchadas estavam entorpecidas com o frio. Voltou arrastando-se para o avião. O dr. Banting conseguira desembaraçar-se dos escombros e sair para o ar livre, onde jazia a cinco pés do aparelho.

Fôra o último dos seus atos obstinados. Estava silencioso agora.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas.")

DEDOS QUEIMADOS

(Continuação da pág. 13)

gar. Tinha personalidade, méritos próprios, era ele mesmo.

Entretanto, pelo que lhe pareceu, Jim não podia estar pensando nela. Uma dúzia de pessoas, belas mulheres, ocupavam a sua atenção, e ele se mostrava amável para com todas elas. Entretanto, notara Jennifer que a cunhada de Mollie, chamada Mary Moore, demonstrava estar apaixonada pelo jovem médico. Também havia uma outra, a viuvinha Helen Macinnes, muito linda, jovem e atraente, que só faltava dizer em voz alta, estar louca por Jim Evans. Pelo menos foi isso que pareceu a Jennifer.

Durante a primavera frequentou Jennifer, com as suas amigas a casa de Mollie e a dos Evans, onde passavam tardes agradáveis, jogando, divertindo-se, rindo, trocando impressões, tudo num ambiente acolhedor e simpático. Pilheriavam mutuamente, especialmente ao chegar a hora das refeições, tornando a sala um ambiente cordial e alegre.

AQUELA QUE FOI A MAIS...

(Continuação da pág. 45)

— Alfonso, quando quiser vamos... Boa tarde, Helena.

O homem tartamudeou uma desculpa e ficou meio confuso como se fôra um colegial pegado em travessura. O tom com que falou a minha mãe fôra tão rude que anda me ardiam as orelhas depois que se foram. Mas minha mãe sorria vitoriosamente. Só mudou quando meus olhos se encontraram com os seus.

— Josefa está engordando muito, não acha?... E... que lhe parece este livro? Talvez interesse a seu pai.

Reconheci então que a ela não importava desgostar as outras mulheres. O que lhe agradava era ser o centro das atenções dos homens. Naquela noite contou o incidente a meu pai. Eu estava a estudar História encolhida a um recanto da sala, enquanto eles tomavam café no sofá.

— Josefa estava visivelmente furiosa — disse ela a mim — arrumando aquele rispiço "Boa tarde, Helena". — E prosseguiu: — Pedro, aposto que o pobre do Alfonso vai passar máus quartos de horas com Josefa! Foi surpreendido em conversas com a perigosa Helena Aznar!

— Helena! — advertiu meu pai benévola e suavemente. — Que criatura és tu! Vives a provocar as outras mulheres! Que farei contigo?

Eu os olhava disfarçadamente. Vi minha mãe aproximar-se de meu pai e acariciar-lhe a cabeça, enrolando os dedos em sua cabeleira.

Alguns tempos se passaram. Cheguei ao dia de minha formatura. Minha mãe ficava mais velha, travando luta terrível contra a ação do tempo. Todos os recursos dos salões de beleza ela procurava e deles se utilizava. Mas a mocidade não se fabrica.

Sempre que procurava manter aquela jovialidade era visível provocar sorrisos dissimulados entre as pessoas que a conheciam. Foi-me tornando inquieta e revoltada com esses episódios, e, um dia, falei claramente a papai.

— Papaizinho... Já não sou uma colegial e quero fazer-lhe uma confissão. Promete não zangar-se? E esvasiei todo o depósito de meu coração amargurado.

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753

Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borraça leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana. De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Fivela niquelada. Elegante Anabela de borraça. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, havana, marron, solado de borraça. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, exte leve, fôrma anatômica salto de borraça.

Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço Cr\$ 155,00

Modelo CASTELO

Otimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borraça, fivela niquelada



De ns. 36 a 44. Preço Cr\$ 120,00



Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e fortilado. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00

E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgias. — Assembléa, 98, 7º andar, 8. 73-74 — Diariamente das 10 às 12 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS:

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros

Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBU**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - EXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 22 — Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

ESCANDALIZA PARIS U'A...

(Continuação da pág. 15)

a vertigem do lucro e o abismo da luxúria num momento em que pelas ruas se faz alarde da liberdade, enquanto que no horizonte, lá longe, junto com os últimos tiros, se apagam as últimas vidas tombadas com a hecatombe.

QUEM SÃO MANON E DES GRIEUX

No filme de Clouzot, Manon é uma doce pequena que ama apaixonadamente Roberto, um jovem soldado das forças da Resistência (maqui). Devido ao momento, encontram-se em Paris, ocultando-se dos desesperados sobreviventes da G-stapo. Em Paris, Manon encontra seu irmão, Leon Lescaut, opulento e desalmado traficante do mercado negro. Roberto tem mais coragem que ambição e mais amor do que dinheiro. Está muito pobre. Porém Manon começa a ajudá-lo. Primeiro, aos poucos; depois, com visível abundância. Roberto descobre que a ajuda provém de um senhor obeso, Monsieur Paul, cheio de dinheiro e vazio de escrúpulos. Compreende Roberto que sua pobreza pode afastar Manon, e se entrega também à aventura em busca de dinheiro. Transgride o código, ganha algum dinheiro, porém não o consegue à altura de satisfazer os desenfreios caprichos de quem o tem galvanizado. Leon, irmão de Manon, resolve casar a jovem com um importante e idoso personagem. A força do desespero de Roberto faz com que Manon desperte, que renasça nela o amor das horas difíceis, e decida ficar junto dele. Leon, despeitado, procura e provoca Roberto. Provém daí uma briga, na qual Leon é morto. Decidem então os dois unir-se. Embarcam clandestinamente, numa viagem para a Palestina, junto com os judeus que, perseguidos e acoados na Europa, buscam um refúgio de paz na Terra Santa. Desembarcam e atravessam logo o deserto. Sol, fome e balas continuam perseguindo a caravana. Numa luta Manon é alcançada por uma bala e morre. Sua morte, em pleno deserto, a solidão da terra paralela à solidão do amor que se abre para Roberto, atingem o auge do drama. Sobre a areia cálida, abre Roberto uma fossa. Cobre-a de areia. E no montículo que sobre a superfície do deserto é como uma réplica do corpo que descansa um metro mais abaixo, permanece Roberto. É impassível e resolutivo, ante o sol abrasador que queima sua face, ele há de terminar com sua vida...

Um dos críticos de "Manon" disse com respeito à película: "Admitindo a grandeza da obra e do tema, se nos torna muito duro contemplar este mundo..."

Chorei, contei-lhe a antiga história que ouvira na cozinha.

Meu pai tirou os óculos, depositou-o a um lado de sua mesa e me respondeu com calma evangélica:

— Minha filha... se eu te adorava antes, agora te adoro mais. Tudo o que me dizes já eu previra, já eu sabia. Minha posição de médico de grande clien-

tela, com uma filha a educar e um nome a zelar, não permitia qualquer escândalo. Ninguém pode mudar o curso das coisas sem causar certos distúrbios cujos efeitos são, às vezes, piores do que a catástrofe pressentida, ou evitada. Eu e tua mãe tivemos, faz poucos dias, um entendimento sério e o teu nome foi o centro de nossa conversa.

— E que vai suceder?...

— Já sucedeu, minha filha.

— Já sucedeu?...

— Leia.

Meu pai passou-me às mãos uma carta que retirara de seu bolso. Era de minha mãe. Disposta a divorciar-se, dizia que não podia suportar aquela monotonia e a minha pretensão de fazer-lhe censuras sobre seu modo de viver na sociedade. Ia voltar para a companhia de seus pais até que a sentença do divórcio fosse homologada pela Justiça.

Devolvi-lhe pálida de emoção. Meus olhos se turvaram e eu comeci a soluçar. Papai encostou minha cabeça ao seu peito e alisava meus cabelos, soltando fundo suspiro, de quando em quando.

Era um homem forte, de uma resistência psicológica extraordinária. Eu o fitava mais acalmada e lhe disse:

— Papai. Orgulho-me de ter o senhor como o meu pai e o meu guia. Saberei ser digna de ti e procurarei dar-lhe o conforto, a alegria do lar, a paz do espírito que minha mãe foi incapaz de lhe oferecer. Enquanto viveres, jamais casarei. Serás sua assistente.

Pela primeira vez, vi uma lágrima a deslizar pelas faces de meu pai. Emocionada, beije-o e sorvi-lhe aquela gota de seu sofrimento, como se estivesse a beber a essência de minha própria vida, a identificar-me com sua alma naquele transe de tão profundo e sincero sofrimento moral.

Estávamos assim abraçados, quando ouvimos passos. Erguemos a vista. Era mãe. Tive ímpetos de esbofetear-lhe. Ela, porém, estava como que transfigurada e humilde. Não trazia nos lábios aquele sorriso provocante e sedutor de sempre. Aproximou-se e se ajoelhou aos pés de meu pai. Eu procurei retirá-lo. Porém ela implorou:

— Fica, minha filha! Quero fazer um juramento e ter a ti por testemunha.

GRIPES/ RESFRIADOS/ NEURALGIAS/



DÓRES de CABEÇA

TRANSPIROL

Depois de ligeiro silêncio, tornou emocionada:

— Pedro, eu estava cega. Procurava iludir-me; mas agora vejo claramente. Todas as vaidades deste mundo não valem um só dos teus afetos. Esqueçamos aquela carta, as minhas levandades, revivamos outra vez.

Chorei de alegria. Abracei minha mãe e me senti como que ressuscitada. Não bastava a reconciliação. Mudamos de residência indo para outra localidade distante e então fomos felizes.

"BALLET" AQUÁTICO

(Continuação da pág. 5)

se firmou em S. Paulo, quando atuaram na piscina do Pacaembu diante de milhares de espectadores entusiasmados.

Estão de parabéns os nossos meios desportivos e o Grajau Tênis Clube, pela magnífica festa que ofereceu aos seus associados, revelando à nossa sociedade o quanto já progredimos em matéria de desportos.

O TEMPO PASSA...

...mas o que é bom fica.

Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

DO ESTRANGEIRO

(Continuação da pág. 48)

Masefield "The Faithful", seguida por "The Rise of Silas Lapham". A terceira produção desta temporada foi "Power of Darkness", de Tolstol, que redundou num fracasso tremendo. Os diretores tiveram 110 dólares em caixa e anunciaram mais de 200. A outra produção, porém, "Jane Clegg", de Ervine, consertou os balanços.

Com a terceira temporada, o Theatre Guild é esmagado. Mr. Ervine sugere, então, a Bernard Shaw a produção de mais uma obra para o fatídico Theatre Guild, e "Heart-break House", com o poder da peça e o mágico nome de Shaw conseguiu atingir 129 "performances". Daí em diante a sorte sorri. Na mesma ordem seguiu-se "Mr. Pin passes by", com 311 e "He gets slapped" com 274 apresentações; a subscrição alcançou a quantia de 6.000 dólares em 1922.

Com o correr do tempo os aniversários do Guild foram feitos com muita felicidade, apresentando peças como "Saint Joan", "They knew what they wanted", "Strange Interlude", "Porgy" e a mais importante, "The Guardsman", que trouxe Alfred Lunt e Lynn Fontanne sob as luzes do Guild — uma dupla que só se separou após 26 anos; esse famoso casal figurou em 19 peças.

Em 1928 Eugene O'Neill congratou-se com o Guild apresentando "Marco Millions", seguida de "Strange Interlude", que mereceu o segundo Prêmio Pulitzer. "Ah Wilderness", também de O'Neill em 1933 trouxe George M. Cohan do retiro, em um papel de grande dramaticidade.

Outro marco nos últimos 20 anos foi a produção de "Porgy", uma peça típica da vida dos negros em Charleston, a qual apresentou o diretor Rouben Mamoulian na Broadway. Mais tarde a peça tornou-se ópera folclórica por George Gershwin.

Durante os anos de depressão, a lista de subscrição do Guild que já ultrapassava 100.000 dólares permitiu manter o alto padrão dos espetáculos e também de lançar peças de cara montagem.

Contudo, a fortuna do Guild chegou a um baixo nível em 1930 e somente se firmou outra vez com "The Philadelphia Story", de Philip Barry, com Katherine Hepburn no principal papel. Aqueles que conhecem a Broadway afirmam que tanto o Guild quanto a estrela julgaram que o fim de uma grande aventura tinha chegado quando a cortina descia na noite de estreia. Mas as críticas dos jornais na manhã seguinte asseguravam um grande sucesso. Com esta produção a administração do Guild tornou-se sólida sob as mãos competentes de Theresa Hepburn e Lawrence Langner. Para "Oklahoma" foi arrendado o St. James Theatre e conseguiu a mais longa carreira de um espetáculo musicado na História do Teatro.

Iniciando sua quarta década, o Guild produziu "I know my love" e estão programados "Good Housekeeping", estrelando Helen Hayes, "As you like it" com Katherine Hepburn e ainda uma versão musical de "The Pursuit of Happiness".

Nº8

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

TUDO, ISSO E MÁGICA, TAMBÉM?

TALVEZ EU NÃO SEJA HOUDINI, MAS NÃO INSINUE QUE NÃO SOU MÁGICA.

MIL PERDÕES!

APRESENTO, MIS VERMILLION, MÁGICA.

PODE FICAR INVISIVEL QUE ELE NÃO LIGA.

NÃO DIGA!

SCARLET ACHA QUE O CRIMINOSO TRABALHA COM A TROUPE E VAI INVESTIGAR.

PODE COMEÇAR A FAZER APARECER OS POMBOS.

O MEU ATO É FORMIDÁVEL

MAS NÃO TENTE DESCOBRIR MEU SEGREDO PROFISSIONAL HEIN?

O.K. O.K. O.K.

VISTA O SEU COSTUME, ENQUANTO EU...

VISTA O SEU COSTUME, ENQUANTO EU...

DA' O FORA!

QUEM É A? ELA PENSA QUE É MÁGICA!

QUEM É A? ELA PENSA QUE É MÁGICA!

É PRECISO ATMOSFERA PARA FAZER ESTE ATO.

É PRECISO ATMOSFERA PARA FAZER ESTE ATO.

TA' CERTO!

DO OUTRO LADO ESTÁ MEU NOME. VIRO-ME PARA O CANTO E...

DO OUTRO LADO ESTÁ MEU NOME. VIRO-ME PARA O CANTO E...

QUE MAIS?

QUANDO EU ME VIRAR, ESTAREI INVISIVEL

QUANDO EU ME VIRAR, ESTAREI INVISIVEL

ESTOU VENDENDO...

2-16-47



ARTIGO SEMANA: FRACASSO DO FLUMINENSE

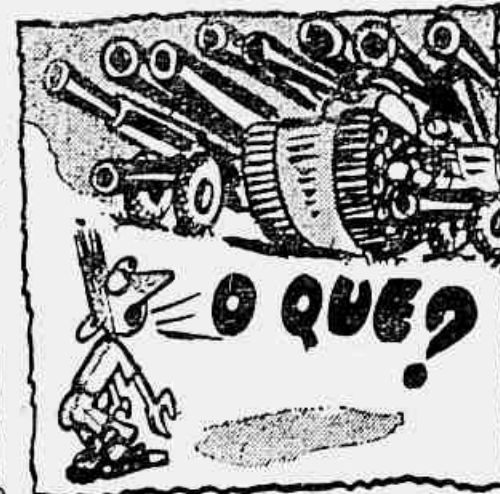
C. SALAMALEQUES

Antes da hora do almoço do domingo do jogo, fui procurar um repórter de nossa imprensa para lhe pedir que me entrevistasse espontaneamente. Desejava falar sobre o jogo dos ingleses e dos fluminenses coriocos. Eu já sabia, pelos meus cálculos, que o pessoal das Laranjeiras ia liar a pão e laranja.



Como estou um tanto atrasado em minhas mensuralidades, não achei prudente provocar uma entrevista com os técnicos do Fluminense, pois com certeza o cobrador me perguntaria logo se eu ia pôr em dia meu débito, o que não deixa de ser antipático. O melhor seria encontrar um repórter com quem eu conversasse amis-

tosamente e lhe transmitisse minhas impressões do "match". Depois de umas duas horas, já estando eu com muita fome e sem poder almoçar, não somente porque não tinha fundos suficientes, como porque precisava encontrar o jornalista, afinal fui des-



cobrir um deles num café da praça Tiradentes, onde havia grande discussão sobre futebol. Aquelei-me da mesa, apresentei meu cartão de visita e fiz ver que desejava falar à imprensa especializada. O rapaz, ao que percebi, não ficou animado com a minha sugestão; mas, por uma questão de respeito aos meus antepassados, aceitou a entrevista e eu falei. Comecei dizendo que os ingleses não foram corretos conosco. Enquanto nós destinávamos um tímido time, eles nos mandavam um verdadeiro arsenal. A pancadaria ia ser grossa. Além do mais, o Fluminense não é fluminense e sim corioca. Ao meu ver, a linha que estava sen-

do anunciada não ia dar no conto e, por isso, os ingleses iam tirar o couro de muita gente. Tudo o que eu disse re-verificou. E como repórter, fingindo que ia levar minhas palavras sagradas ao jornal, rasgou tudo e jogou fora, quero fazer ver que a linha justa deveria ter sido esta: Prestes para a extrema esquerda e Plínio na direita. No gol! o guarda-mão. Alberto, único jogador que não deixa passar bola. E a vitória seria nossa. Palavra de Biriba. Entretanto, não perdi de todo minhas palavras, porque o garçon Castilho me favoreceu com um trango...

Conde de Salamaleques



gua, quanto à palavra corneta. Sim, minha querida consultante. De onde terá vindo a corneta? Mistério.

Eulália (Campos) — Com efeito, a senhora (ou senhorita?) tem toda razão. O sufixo in ou im é indicio de que há uma palavra sem o mesmo, significando o contrário. Assim, pagável e impagável; útil e inútil; feliz e infeliz. Mas para o imundo, qual seria a palavra primitiva? Não se vai dizer que um cidadão que está limpo esteja mundo. Este mundo...



Aquêle banqueiro era tão medroso que quando ouviu dizer que havia um ladrão neste mundo capaz de furtar um par de meias de qualquer cidadão sem tirar-lhe os sapatos, nunca mais quis usar meias.



SUCIALS

Desastre — Nosso amigo Pacato de Oliveira Paz, forçado pelas circunstâncias, acaba de obter uma sogra. Que se restabeleça em breve, são os nossos desejos (Parece que aqui houve pastel.)



O porto de Fu-Zu-É caiu nas mãos dos soldados de Chu-Chu, tendo as tropas do general Pau-Chu evacuado Chu-Pau. A batalha de Nu-Pau se aproxima de Ping-Pong e o exército do general Pau-Pau-Pau atravessou o rio debaixo de pau.

Charada Novíssima

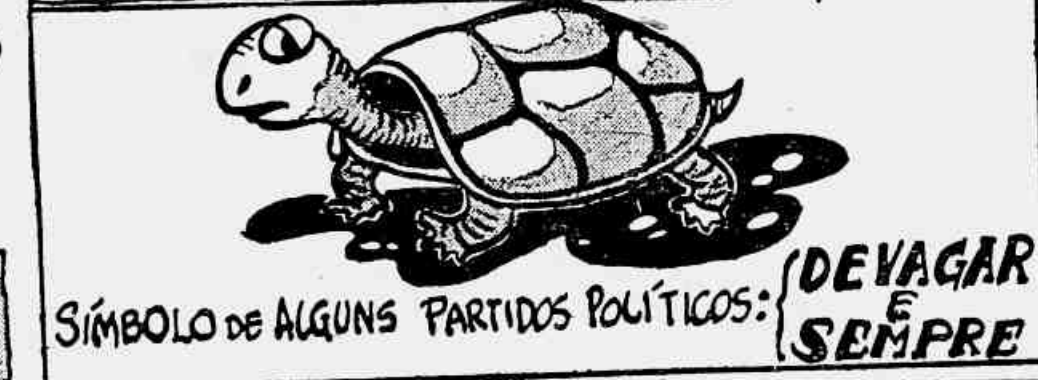
O DASP enviou à CEP um pedido da UNESCO contendo um SPP dirigido ao SENAI pelo qual o CBP ficará com a SIPA enquanto o IAPETC tratará do ARAR.



Pedido de casamento — Foi pedida em casamento a mão da senhorita Sezina Oliveira Souza, que, na intimidade, é conhecida por S.O.S., pelo estimável sr. Marconi Grama, rádio-telegrafista da Marinha, de um país sul-americano, o que já está causando pânico no mar, pois o noivo só vive a mandar beijos a S.O.S. Quando casar vai pedir socorro e aí ninguém mais acredita, o que é coisa muito séria.



Enfermo — Sentindo-se muito doente, a conselho de compadres, acaba de casar-se o nosso íntimo amigo e prestimoso colega de dificuldades Eugênio Calo com a senhorita Celina Teiro. Felicidades ao jovem par Calo-Teiro.



Moléstia desconhecida — Segundo notícias da Ilha de Fernando Noronha, onde estive uns dias, em férias, o sr Conde de Salamaleques, foi ele acometido de uma moléstia desconhecida, cujo sintoma principal é o de fazer o atacado esquecer completamente todos os compromissos assumidos, especialmente quando se trata de dinheiro. Consta que muita gente do Rio está ansiosa para que dito morbus venha até esta cidade maravilhosa. Eu também (confidencialmente).



Muita gente que foi ver o jogo entre o Fluminense e os ingleses ficou absolutamente convencida de que a causa do nosso desastre foi a presença de Pé de Valsa no time do Rio. Enquanto os ingleses jogavam futebol, esse «player» brasileiro dançava no campo.



Maria Amélia (Manaus) — Muito agradecido pela carta que nos enviou sobre sufixos. Mas nem sempre sucede o que julga. Por exemplo: a uma Câmara grande não se vai dizer que é um Camarão. E uma banda grande seria um bando?

Teresinha (Rio) — Gostei, sim, senhora, de sua carta. Aqui vai o resultado de nossas pesquisas científicas: banheiro vem da palavra banho; mas banheiro nem sempre é depósito de guardar banha, salvo se for o lugar preferido para banhos de uma senhora gorda.

Dalva (Rio) — O sufixo eta é muito complicado e, às vezes, nos coloca em situação triste, de absoluta ignorância. Veja só: um papel pequeno, um recorte, pode ser uma papeleta; de cara se lê careta; de clarim, a clarineta. Mas há um mistério filológico em nossa lin-



O presidente do Brasil chega aos Estados Unidos da América do Norte, em visita oficial

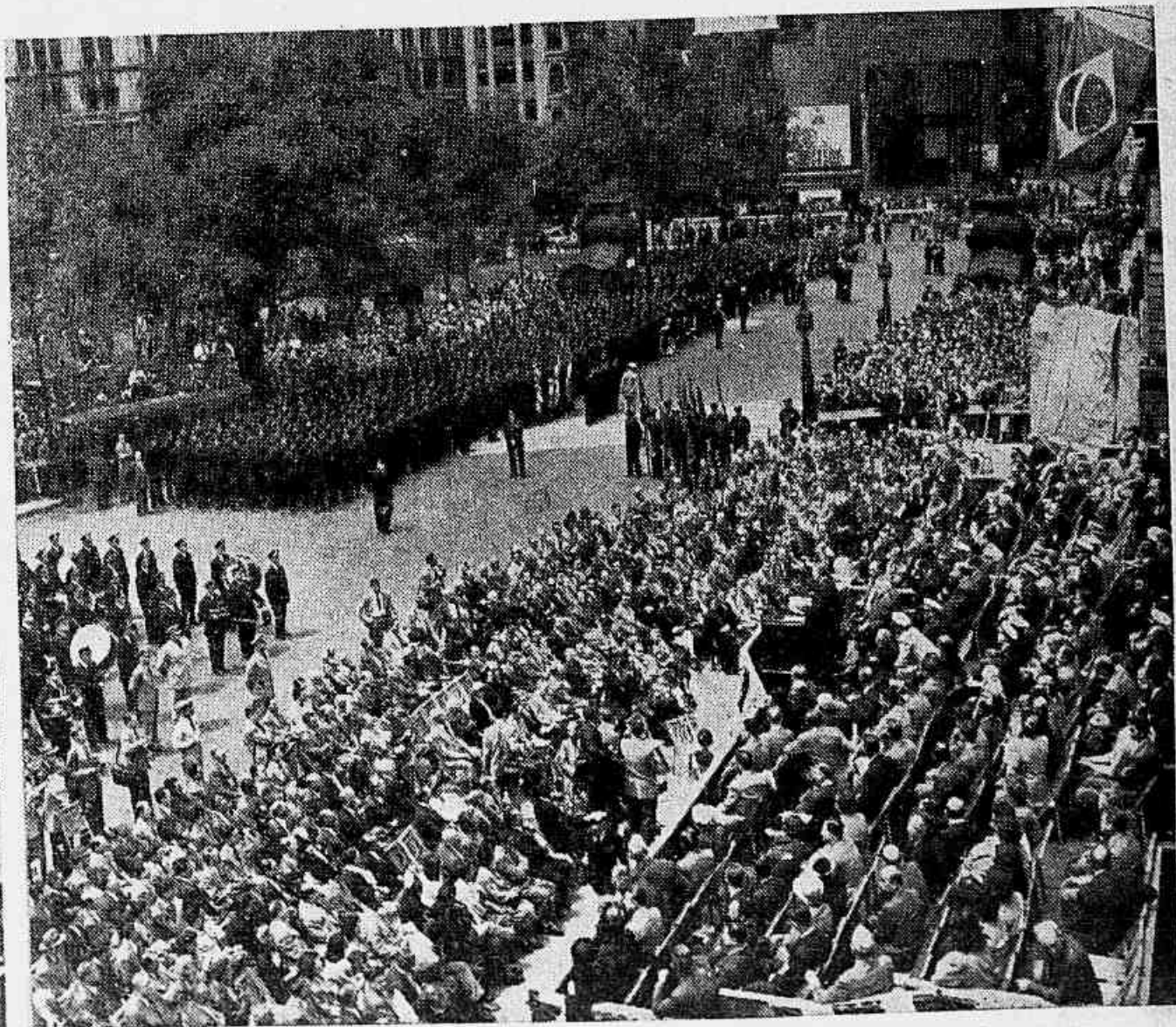
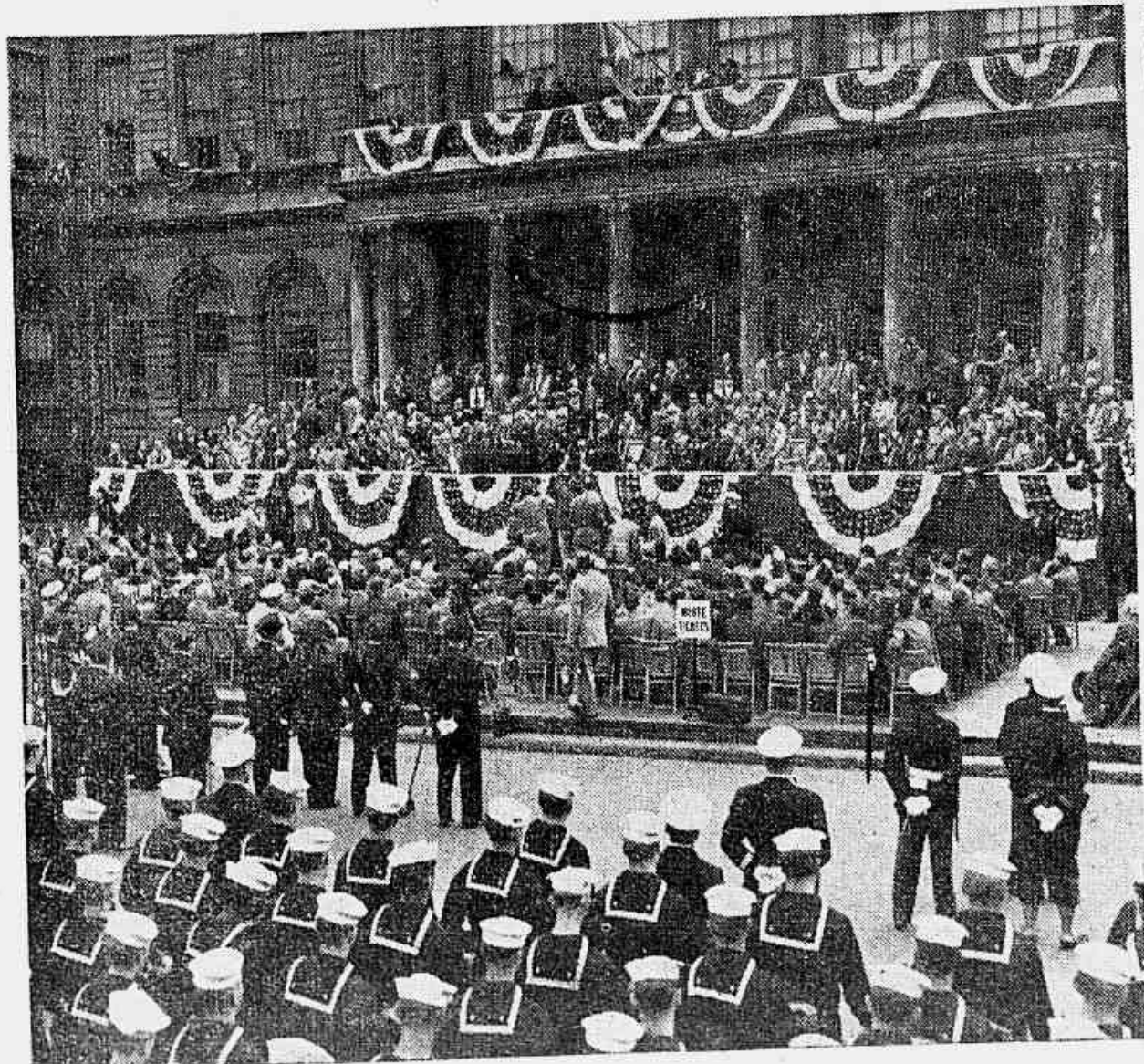
O FERECEMOS hoje aos nossos leitores um desfile gráfico focalizando os principais acontecimentos que se desenvolveram nos Estados Unidos da América do Norte durante a recente visita do General Eurico Gaspar Dutra, Presidente do Brasil, à nação norte-americana.

Essa visita constituiu um grande acontecimento atestando mais uma vez a cordialidade reinante entre os dois países americanos.

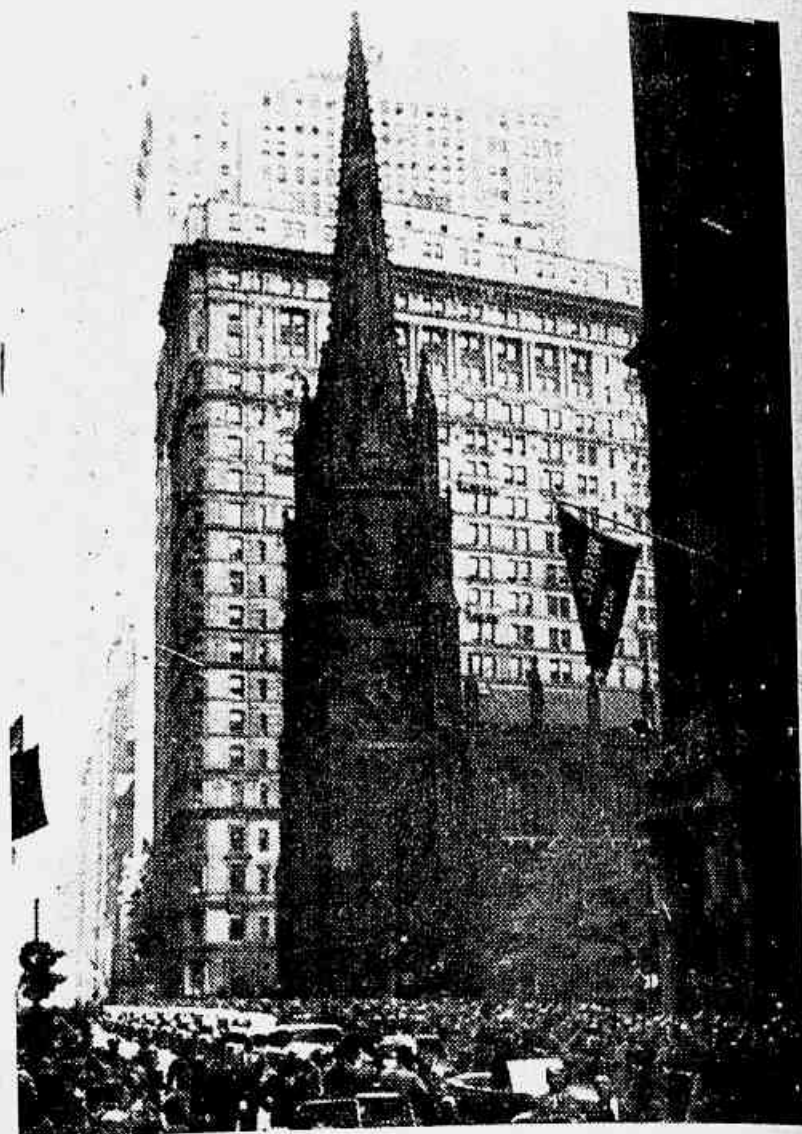
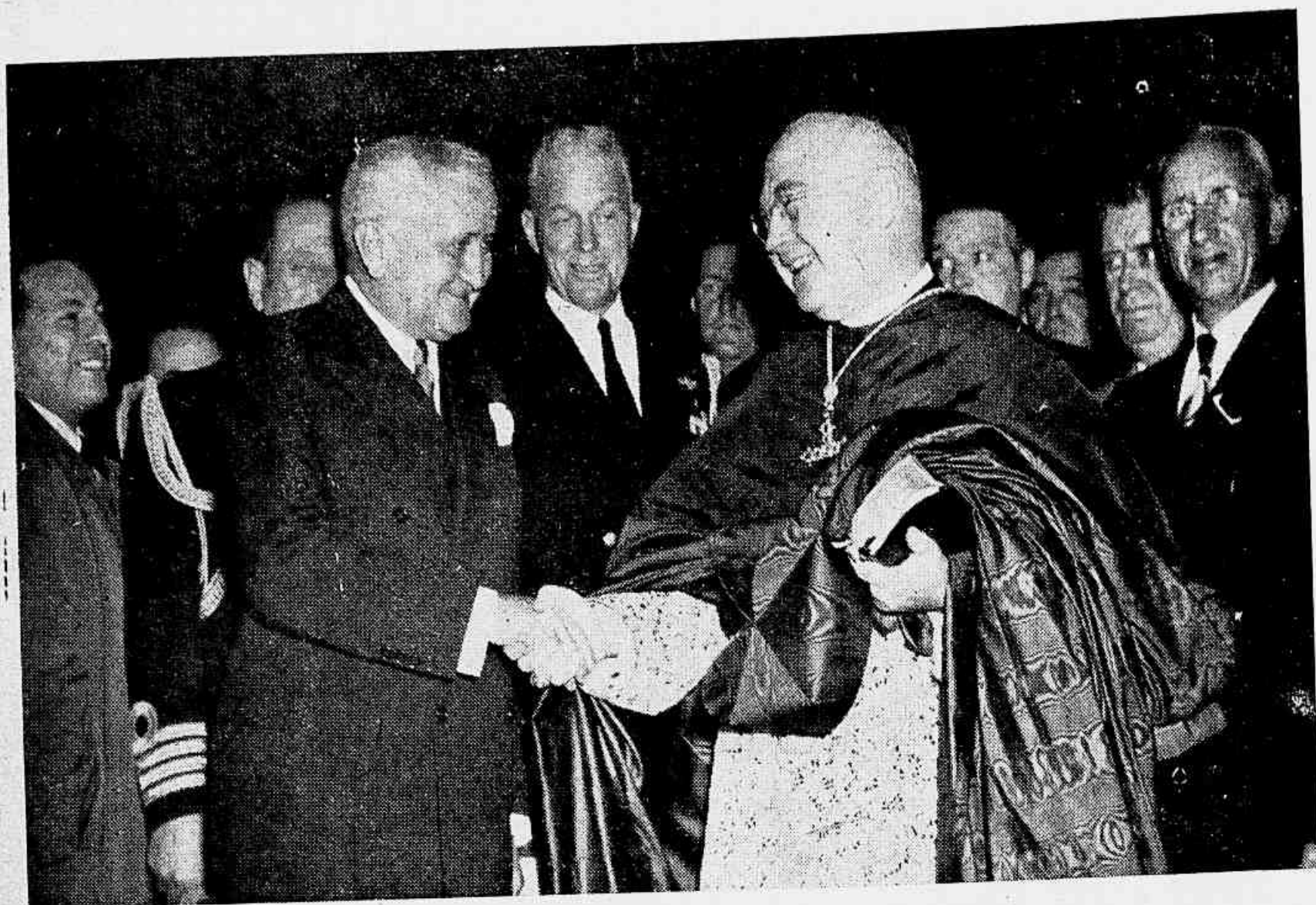
O PRESIDENTE DO BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS

(Fotos Keystone e Agência Nacional)

Se o povo brasileiro soube receber com as devidas honras e o mais expressivo carinho o Presidente H. Truman, quando o chefe da nação norte-americana nos honrou com a sua visita, forçoso é reconhecer que o povo dos Estados Unidos, solidário com o governo do país, soube retribuir o gesto do Brasil de maneira para nós desvanecedora, tributando ao Chefe da Nação brasileira as mais entusiásticas homenagens.



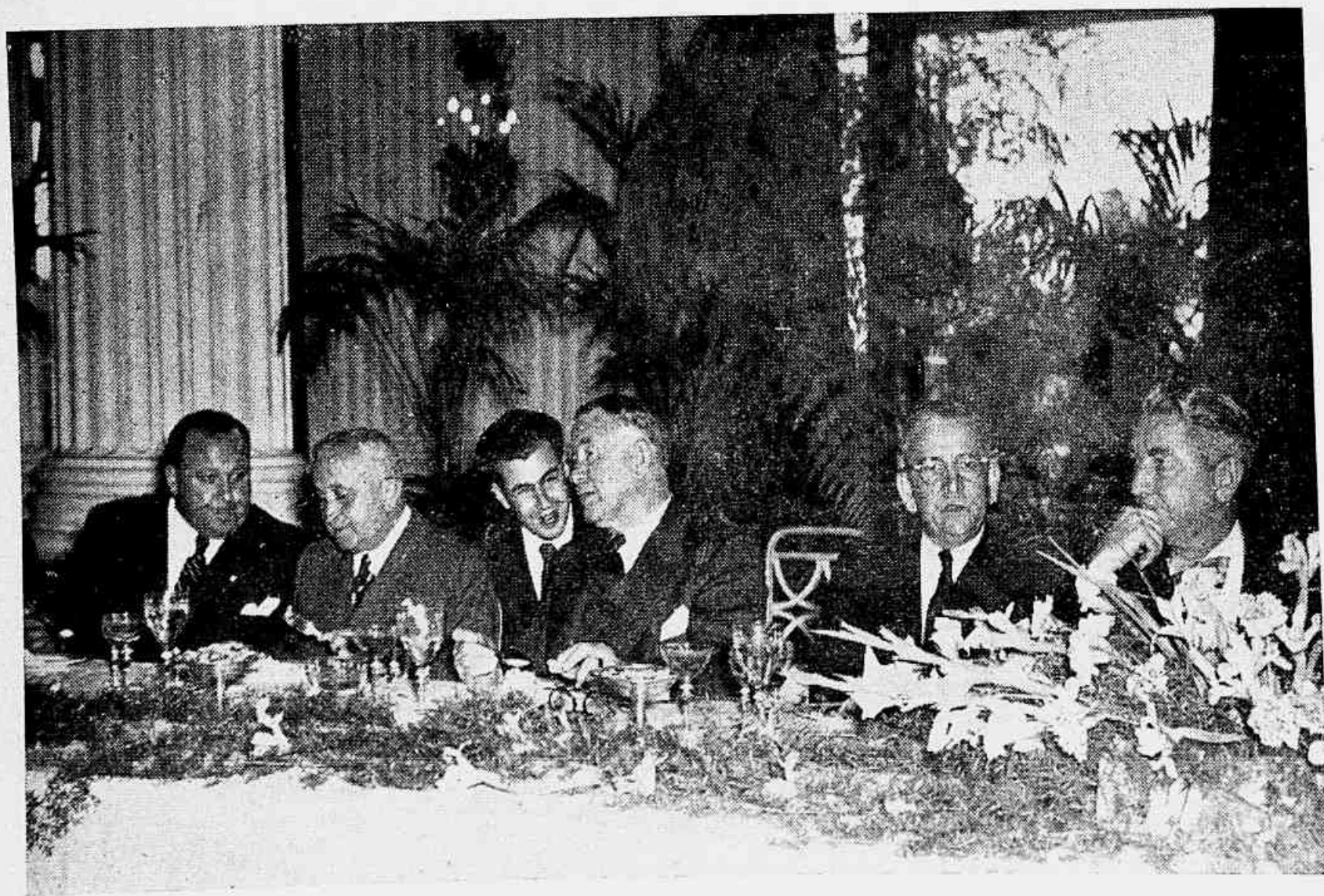
A escadaria do "City Hall", onde o Presidente do Brasil foi saudado pelo major O'Dwyer O Presidente Dutra chegando a "City Hall", onde foi saudado pelo Prefeito de New York



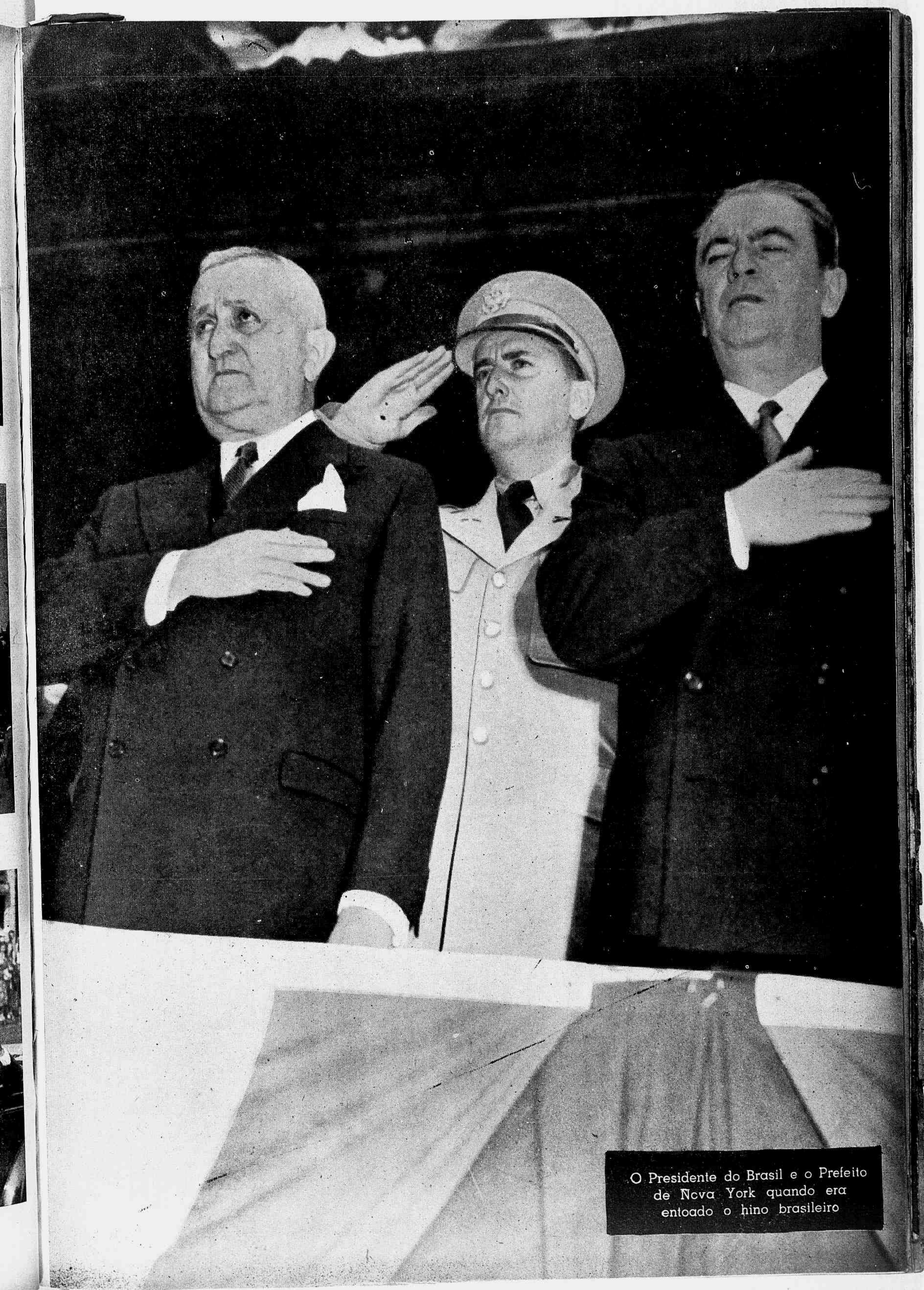
A esquerda: O Cardeal Spellman cumprimenta o General Dutra na Catedral de St. Patrick, New York. À direita: O General Dutra e sua comitiva passando pela Broadway, em New York



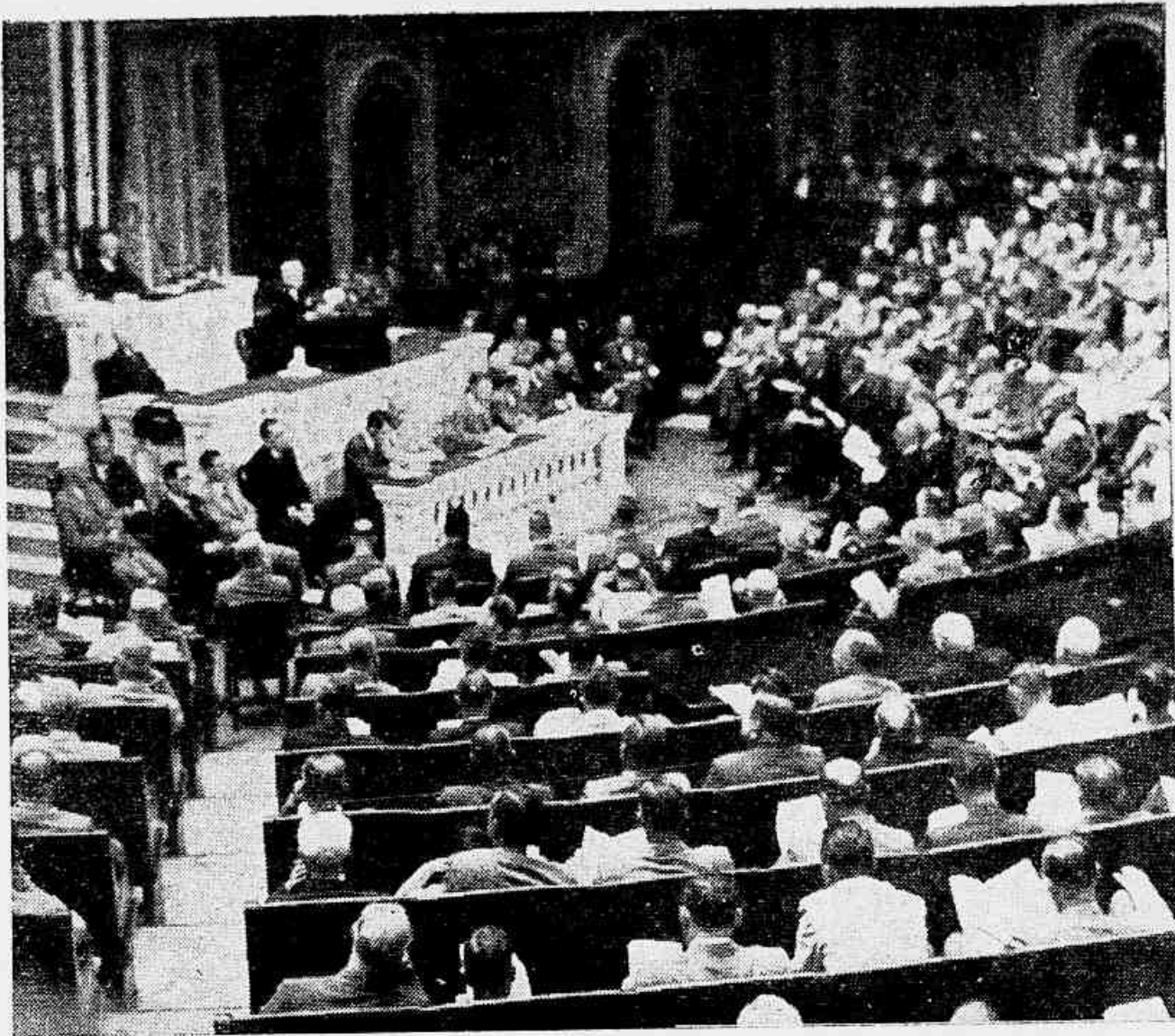
A esquerda: O Presidente Truman ofereceu, por ocasião do aniversário do General Dutra, um grande bolo. À direita: O Presidente do Brasil chega a Washington, onde foi muito homenageado



A esquerda: O Presidente do Brasil quando foi homenageado com um almoço na sede do Conselho dos Estados Americanos. À direita: Ao lado do Presidente Truman, o Presidente Dutra agradece ao povo norte-americano



O Presidente do Brasil e o Prefeito
de Nova York quando era
entoadado o hino brasileiro



Aspecto do Congresso dos Estados Unidos, quando era recebido o Presidente do Brasil



O Presidente do Brasil fala ao povo norte-americano, que recebeu Sua Presidência com inesquecíveis provas de apreço



O Presidente Dutra, tendo à direita o Presidente Truman, na recepção que o primeiro ofereceu ao segundo na Embaixada do Brasil



Um aspecto da Embaixada do Brasil, em Washington, quando o Presidente Dutra homenageou o Presidente norte-americano



Flagrante em que aparecem os dois Presidentes assistindo ao grande desfile em honra ao Presidente do Brasil



O General Eurico Dutra e o Chanceler Raul Fernandes no túmulo do soldado desconhecido



UM MUNDO DE TAPETES



VENDA

ESPECIAL

DE

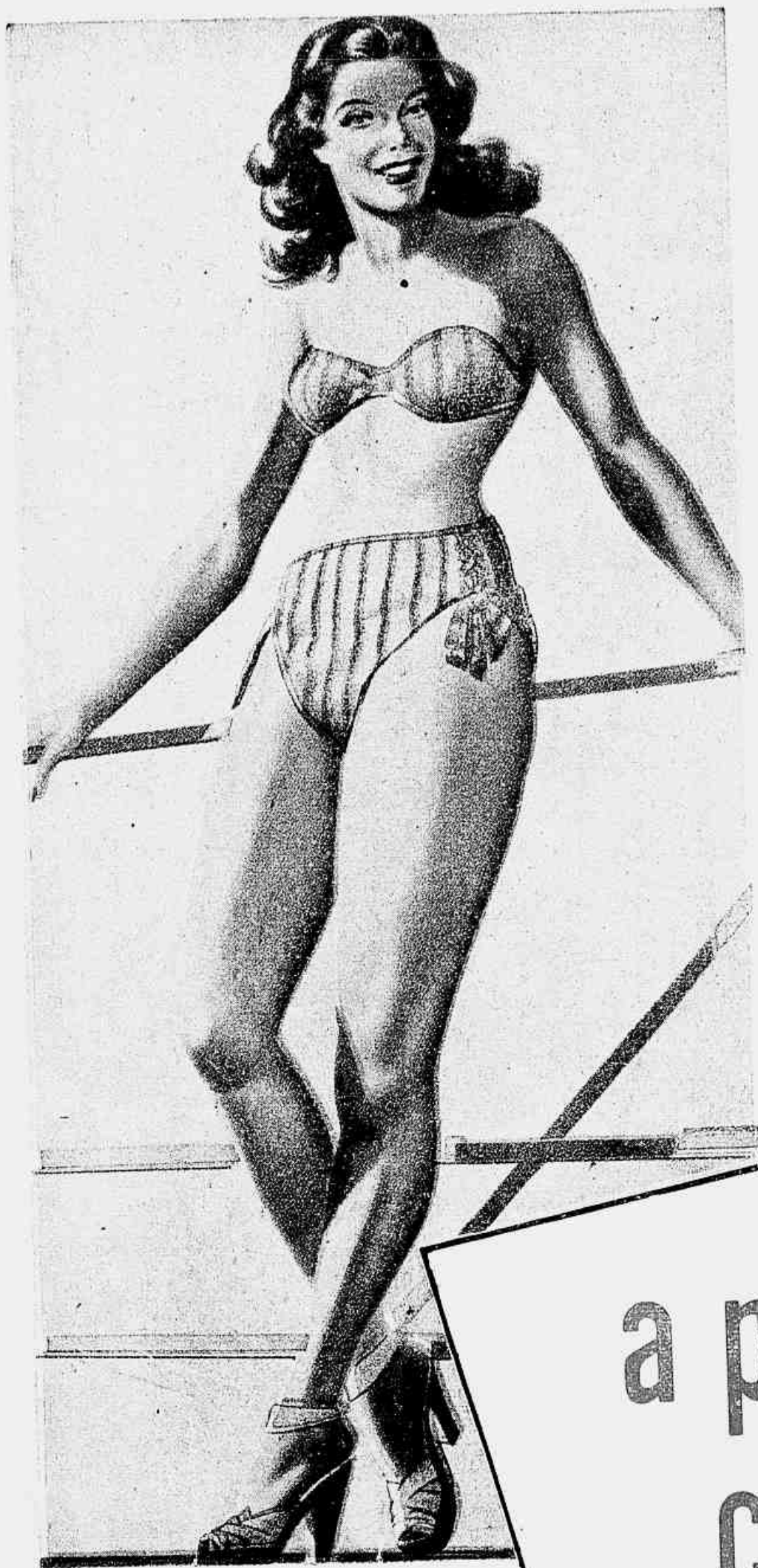
TAPETES

PASSADEIRAS



~RIO~

65 • CARIOCA • 67



o estilo dos maillots
modifica-se...



...mas
a preferência pelos
cigarros Continental
permanece

Há mais de 15 anos

Continental é o cigarro de qualidade mais
vendido em todo o Brasil



Lisos ou com ponteira

Sim — o tamanho dos maillots torna-se cada vez mais reduzido... porém a popularidade dos cigarros Continental permanece inalterada. Continental é o cigarro que soube manter **uniforme** a sua suprema

qualidade. Hoje, Continental é melhor do que nunca — e um público cada vez mais numeroso dá sua preferência a Continental — o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros

Continental

— uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**